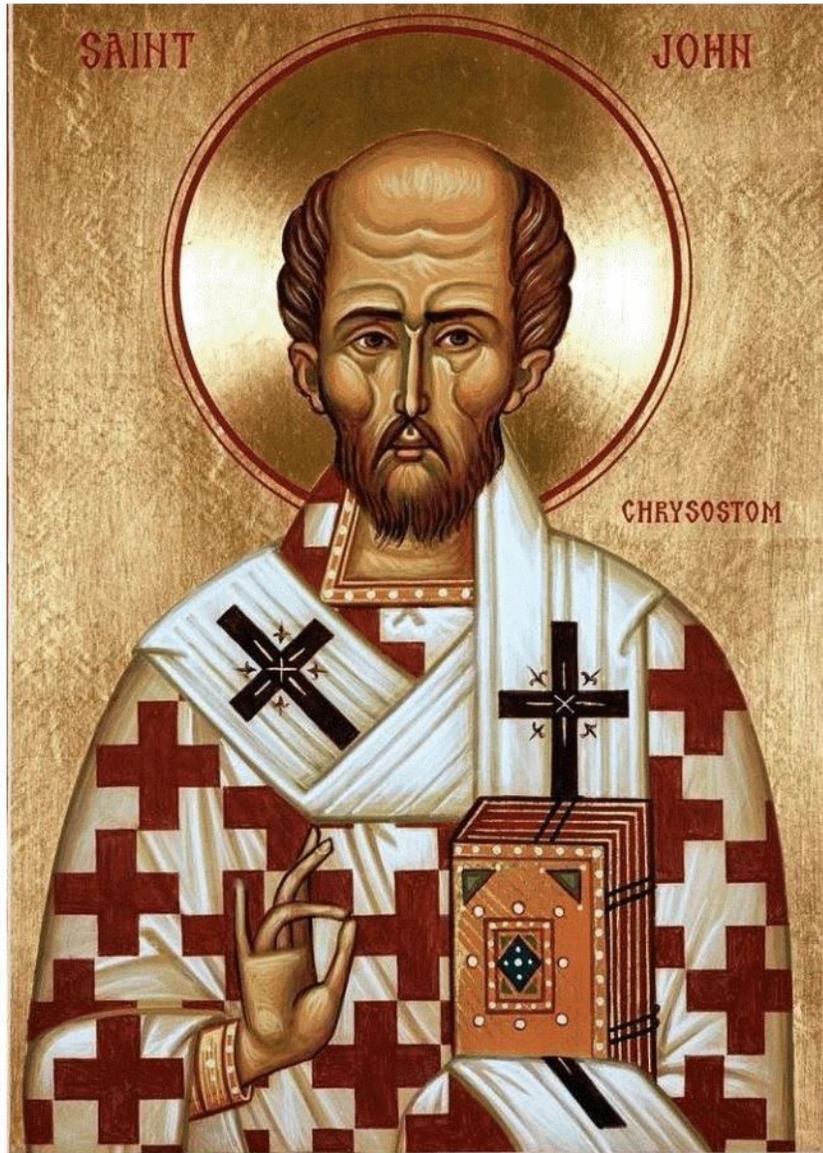


SÃO JOÃO CRISÓSTOMO



CARTAS A OLÍMPIA

FONTE DO TEXTO

academia.edu

Imagem da Capa

pinterest

Texto extraído do Vol. 23, «SÃO JOÃO CRISÓSTOMO», da
coleção "Patrística", editada por "PAULOS"

CARTAS A OLÍMPIA

CARTA 1

À medida que se intensificam as provações, aumentam os motivos de consolo e adquirimos mais seguras esperanças sobre o futuro. Agora tudo segue a corrente e navegamos com ótimo tempo. Quem viu? Quem ouviu? Escolhos e recifes, turbilhões e furacões se abatem com violência. Noite sem luar, obscuridade profunda, precipícios e rochedos. Ao navegarmos neste mar, contudo, nossas condições em nada são piores que as daqueles que são sacudidos no porto. Com tais reflexões, minha senhora,¹ de Deus muito amada, elevai-vos acima destas agitações e ondas tumultuosas e dignai-vos nos informar sobre vosso estado de saúde. Quanto a nós, estamos bem, de ânimo alegre. Efetivamente, o corpo se fortaleceu, é puro o ar que respiramos. Os guardas encarregados de viajar conosco cuidam de nós de tal forma que não precisamos de servos, porque eles nos prestam os serviços necessários. E assumiram essa tarefa por amor. Em toda parte uma escolta, feliz por nos servir.

Somente uma coisa nos preocupa: não ter a certeza de que vós também gozais de boa saúde. Dai-nos notícias a respeito, para nos alegrarmos e agradecermos profundamente ao senhor Pergâmios, nosso filho querido. Se quiserdes nos responder, fazei-o por seu intermédio, porque é fiel, inteiramente dedicado, bem como respeitoso de vossa moderação e piedade.

CARTA 2

Ainda isso, porém. Libertai-vos dos receios acerca de nossa viagem. De fato, como há pouco escrevemos, fisicamente estamos melhor de saúde e forças, pois a atmosfera é saudável e os que nos conduzem, além do que poderíamos desejar, empregam todo zelo em seu desempenho para nos proporcionar descanso. Estando de partida de Nicéia, expedimos esta carta aos 3 do mês de julho. Escrevei-nos freqüentemente sobre vosso estado de saúde. Sirva de intermediário meu senhor Pergâmios, em quem deposito toda a confiança. Não me informeis apenas sobre o estado de vossa saúde, mas também se teria dissipado a névoa da tristeza. Pois, se o soubermos pelas cartas, enviar-vos-emos epístolas mais freqüentes, visto terem nossas missivas obtido melhor resultado. Se, portanto, desejardes a alegria da assiduidade de nossas cartas, tornai evidente que esta freqüência produz melhor fruto e vereis que as expediremos prodigamente. No entanto agora, apesar de muitos terem vindo daí que podiam ter trazido correspondência, tive o pesar de não ter recebido de vossa parte mensagem alguma.

CARTA 3

Quando vejo a multidão de homens e mulheres espalhada pelos caminhos, nas hospedarias, nas cidades a olhar-nos em prantos, imagino vossos sentimentos. De fato, aqueles que agora nos vêm pela primeira vez assim choram de tristeza e não se refazem facilmente; se enquanto pedimos, suplicamos e exortamos correm rios de lágrimas ardentes, claro está que para vós a tempestade é mais violenta. Mas, quanto mais forte a tempestade, maiores os prêmios, se for suportada com perseverança, ações de graças e a conveniente coragem como, na realidade, a suportais. Ao soprar forte ventania, se os pilotos desfraldam sem medida as velas, reviram o barco. Se governam moderadamente e na justa medida, navegam com segurança.

Ciente disso, senhora caríssima a Deus, não vos entregueis à tirania da tristeza, mas dominai razoavelmente a tempestade. Está realmente em vosso poder; os vagalhões não superam vossa perícia. Informai-nos por carta sobre o assunto a fim de que, apesar do exílio, alegremo-nos por saber que agüentais a tristeza com a adequada inteligência e sabedoria. Estou escrevendo das cercanias de Cesaréia.

CARTA 4

Após escapar da doença que me atacou durante a viagem, cujos resquícios trouxe para Cesaréia, e tendo recuperado perfeita saúde, escrevo da própria Cesaréia, onde me encontro melhor, tendo recebido adequado tratamento. Encontrei excelentes médicos e muito conceituados que não apenas aplicam sua arte, mas cuidam de nós com simpatia e amizade; um deles declarou-se pronto a partir conosco, assim como vários outros dignitários.

Quanto a nós, várias vezes vos escrevemos dando notícias; vós, porém, conforme já vos recrimei, raramente o fazeis. E para perceberdes que provém de negligência e não de escassez de portadores, meu senhor, o irmão do bem-aventurado bispo Máximo, chegou há dois dias e reclamamos cartas. Respondeu que ninguém quis confiar-lhe correspondência e o padre Tígrios, a quem ele fizera a mesma pergunta, não lhe entregara coisa alguma. Peço-vos que o advirta por isso e também a nosso sincero e ardoroso amigo e a todos os companheiros do bispo Ciríaco. Quanto a uma mudança de residência, não importuneis a nenhum outro. Aceitamos a atenção. Talvez o tenham querido, mas não foi possível. Glória a Deus em tudo. Não cessarei de repeti-lo sempre em tudo o que me acontecer. Está bem; não foi possível. Acaso também não poderiam ter escrito?

Agradecei muito a minhas senhoras, irmãs de meu venerando senhor, o bispo Pergâmios, que têm grande solicitude por nós. Elas dispuseram tão bem para conosco o senhor governador, seu genro, que deseja muito, ele também, nos ver aqui.

Transmiti-nos muitas vezes notícias de vossa saúde e daqueles que nos amam. Ficai tranqüila a nosso respeito. De fato, estamos bem, alegres, e nos beneficiamos de grande descanso até hoje. Desejaríamos saber se foram libertados os companheiros do bispo Ciríaco, porque nada nos foi noticiado com clareza. Também sobre isto informai-nos. Ao bispo Ciríaco dissei que, se não lhe escrevo, é por estar aflito.

CARTA 5

Realmente, nem mesmo depois de ter saído da cidade, conseguimos nos desembaraçar daqueles que nos atormentam o espírito. No entanto, aqueles que nos encontram no caminho, quer venham do Oriente, da Armênia ou de qualquer outro ponto da terra, derramam torrentes de lágrimas quando nos vêem. Acrescentam lamentos e acompanham toda a nossa viagem com gemidos. Digo-vos isto para ficardes ciente de serem muitos os que sofrem conosco, o que não constitui pequeno consolo. O profeta, realmente, exprime quanto é pesado e difícil o contrário, lamentando: “Esperei por compaixão, e nada! por consoladores, e não os encontrei”.² É claro que proporciona grande conforto ter como partícipe na tristeza a terra inteira. Porém, se buscais outro consolo, apesar de males tão numerosos e grandes, estamos com saúde, em segurança, em perfeita paz, enumerando nossos

múltiplos e incessantes sofrimentos, tribulações, conspirações e encontrando alegria contínua na lembrança desses males. Também vós, refletindo nessas coisas, dissipai a névoa da tristeza e informai-nos sempre a respeito de vossa saúde.

Uma vez que agora meu senhor, o querido Arábio, acaba de nos enviar uma carta, admiro-me de não haverdes escrito, embora minha senhora, sua nobre esposa, vos seja muito cara. Ponderai o seguinte: os melhores e os piores eventos da presente vida todos passam. Se a porta é estreita e apertado o caminho, é ainda, contudo, um caminho. Lembrai-vos da palavra que tantas vezes vos repeti: “Se a porta é grande, se o caminho é largo, no entanto ainda é um caminho”. Ao vos afastardes da terra e sobretudo dos laços da carne, abri as asas da sabedoria e não a deixeis mergulhar na sombra e na fumaça (tais são as realidades humanas); mesmo se virdes aqueles que nos causaram tantos males deterem o poder em suas cidades, gozarem de consideração e de um cortejo de guardas, repeti a palavra: “Larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição”³ e, portanto, é melhor chorar e gemer por eles. Pois, aquele que pratica o mal na terra e, em vez de expiar seu pecado, goza de consideração da parte dos homens, partirá levando tal estima qual penhor mais seguro de castigo. Este o motivo por que o rico ardia horivelmente, e sofria punição não apenas por causa da crueldade para com Lázaro, mas porque a prosperidade de que gozava continuamente, com tamanha crueldade, não o tornara melhor.⁴ Pela meditação destes e de outros pensamentos semelhantes (pois não cessamos de vos cantarolar sempre a mesma coisa), minha senhora, a Deus muito cara, descarregai o fardo da tristeza e comunicai-me o fato a fim de que, segundo escrevi, a notícia de vos trazerem minhas cartas maior consolo induza-me a empregar mais freqüentemente este remédio.

CARTA 6

1. Apenas respiramos desde que chegamos a Cucuso, donde estamos escrevendo. Mal enxergamos enfim, livres da fumaça e da obscuridade espessa dos males que nos atacaram durante a viagem. Agora, porém, passados os sofrimentos, vamos narrá-los. Enquanto padecíamos, não quisemos escrever, para não vos afligir em demasia. Durante quase trinta dias e até mais, pelejei com febres muito molestas, durante esta longa e árdua viagem, estando ainda atacado de outras insuportáveis indisposições estomacais. Calculai então o que aconteceu. Privado de médico, de banhos, do necessário, de qualquer alívio, pressionado de todos os modos pelo medo dos isauros, e por outros males derivados em geral das dificuldades da viagem: inquietação, preocupação, tristeza, carência de alguém que pudesse proporcionar-nos tratamento. Mas agora tudo passou.

De fato, tendo chegado a Cucuso, estamos completamente curados da doença e de suas conseqüências e com ótima saúde. Perdemos o medo dos isauros, porque há muitos soldados aqui, bem equipados contra eles. O necessário nos chega com fartura de todas as partes; todos nos acolhem com benevolência, apesar de ser a região muito deserta. E ainda meu senhor Dióscoro encontra-se aqui; enviou um servo expressamente a Cesaréia a fim de pedir e suplicar que eu não preferisse casa alguma à sua, e muitos outros agiram do mesmo modo. Julguei que devia dar-lhe preferência e descí à sua casa. Ele fez-se tudo para nós, a tal ponto que não cesso de reclamar contra sua grande prodigalidade e a fartura que nos quer dispensar. Por nossa causa, transferiu-se para cá, a fim de nos

cercar de delicadezas e preparar-nos uma moradia conveniente para o inverno, fazendo e movimentando tudo para tal; em resumo, nada negligencia em vista de nos servir. Muitos outros intendentos e ecônomos, tendo recebido ordens escritas de seus senhores, chegam continuamente, prontos a nos aliviar de todos os modos.

Digo-vos tudo isso, as penas anteriores que suportei, mas também as alegrias, para que ninguém vá, por zelo importuno, fazer-nos sair daqui. Se os que querem vos prestar favor nos deixarem a liberdade de residir onde queremos e não determinarem ainda uma vez uma residência a sua escolha, recebi isto qual benefício. Mas, se fazendo-nos sair daqui, enviam-nos para outra residência (e novamente uma viagem, de novo um exílio), ser-me-ia muito mais penoso. Primeiro, receio que nos mandem para região mais longínqua ou mais árdua. Além disso, mais me custa viajar do que mil exílios. Realmente, a dificuldade deste deslocamento por terras estranhas levou-me às portas da morte. Estamos agora em Cucuso, recuperando as forças, continuamente sentados e tranqüilos, e aliviando, com este repouso, o cansaço há muito acumulado, cuidando dos ossos triturados, da carne sofrida.

A diaconisa Sabiniana, minha senhora, chegou aqui no mesmo dia que nós, alquebrada e esgotada de fadiga, porque está numa idade em que é penoso deslocar-se. É, contudo, de ânimo jovem e não se ressentido de coisa alguma. Declarou, de fato, estar pronta a ir até a Cítia, pois corria o boato de que devíamos ser transferidos para lá. Ela está disposta, conforme assegura, a não se apartar de nós de forma alguma, e sim a morar onde estivermos. Os membros da Igreja a acolheram com muita solicitude e benevolência. Igualmente meu Senhor Constâncio, presbítero muito piedoso, aqui se encontra há algum tempo. Havia-me escrito pedindo permissão de vir para cá, pois, sem meu assentimento, não ousava vir, embora muito o desejasse, porque, como afirma, não pode permanecer lá; de tal forma as tribulações o cercam, que ele se esconde e se oculta, segundo afirma. Peço-vos, portanto, não agir de outro modo quanto ao lugar. Se, porém, as investigações vos levarem a apreender o que pensam, nada deveis proferir de própria iniciativa, mas prudentemente buscai conhecer para onde se inclina a escolha deles; isso é possível. Se verificardes que é perto daqui, numa cidade à beira-mar, em Císico ou perto de Nicomédia, aceitai-o. Mas se for mais longe ou tão longe como aqui, recusai. Efetivamente, isso me seria bem pesado e muito espinhoso. Fruímos aqui até agora de grande repouso, a ponto de ter desaparecido em dois dias todo o mal-estar proveniente da viagem.

CARTA 7

1. Vamos! Quero curar-vos a chaga da tristeza e dissipar os pensamentos que ocasionam esta névoa. O que é que vos confunde a mente, entristece e perturba? Será porque a tempestade feroz e tenebrosa se desencadeou sobre as Igrejas e imergiu tudo em noite sem luar, aumentam cada dia amargos e dolorosos naufrágios e propaga-se a devastação universal? Eu o sei, também eu, e ninguém me dirá o contrário. Se quiserdes, posso esboçar a imagem dos acontecimentos a fim de vos tornar mais evidente a tragédia. Vemos um mar agitado de alto a baixo, cadáveres de marinheiros flutuando nas águas, ou submersos, pontes dos navios destruídas, velas rasgadas, mastros quebrados, remos caídos das mãos dos remadores, timoneiros sentados, não ao leme, mas na coberta do navio, mãos cruzadas sobre os joelhos e, impotentes diante dos acontecimentos, a gemer, a emitir gritos agudos e lamentos e a lastimar-se. Nem céu, nem mar, mas escuridão profunda, opaca e caliginosa, de tal forma que, se

alguém olhar para trás, não distinguiria nem os vizinhos; e o enorme rugir das ondas e os monstros marinhos que se jogam contra os passageiros de todos os lados. Até onde iremos atrás do inacessível? Onde quer que procure uma imagem dos males presentes, fogem-me as fracas expressões.

No entanto, ao refletir sobre tais males, não renuncio à mais firme esperança, pensando no comandante do universo que não acalma a tempestade pela perícia, mas acalma a procela com um sinal apenas. Não é, porém, desde o começo, nem imediatamente (pois não é costume seu eliminar os males desde o início), mas só depois que eles se difundiram e chegaram ao cúmulo e a maior parte dos homens perdeu a esperança, é que faz coisas espantosas, demonstrando seu próprio poder e exercendo a persistência dos que atacam.

Não desanimeis. Existe apenas, Olímpia, uma coisa terrível, uma só provação: o pecado. Não nos cansamos de cantar-lhe continuamente este estribilho. O restante não passa de mito, mesmo se forem conjurações, ódios, astúcias, traições, injúrias, acusações, confiscações, exílios, espadas afiadas, alto-mar, conflito com o universo inteiro. Quaisquer que forem, tais coisas são transitórias e perecíveis; atingem o corpo mortal, mas em nada prejudicam a alma vigilante. Por isso, no intuito de mostrar a vaidade dos bens e dos males da vida presente, Paulo resumiu tudo numa só palavra: “O que se vê é transitório”.⁵ Por que então temer as realidades caducas que correm como o fluxo de um rio? Tais são, efetivamente, os bens presentes, bons ou maus. Outro profeta comparou toda a felicidade humana, não ao feno, mas a outra matéria de menor valor, dizendo que é ela toda como a flor do feno. Não designa só uma parte dela, tal como a riqueza só, somente o luxo, o poder ou as honras, mas compara tudo o que aos homens parece brilhante, numa só palavra, a glória, à imagem do feno, dizendo: “Toda a sua graça é como a flor do feno”.⁶

2. Tempos difíceis são terríveis e espinhosos. Entretanto, olhai-os segundo outra imagem, e os desprezareis. Ao comparar as injúrias, os ultrajes, as críticas, as zombarias da parte dos inimigos, e as conjurações a um manto gasto e uma lã corroída, dizia o profeta: “Não temais a injúria dos homens; não fiquéis apavorados com os seus insultos. Com efeito, como um manto ficarão gastos e a traça os devorará como à lã”.⁷

Não vos perturbeis, pois, com os acontecimentos; cessando de apelar a este e àquele e de correr atrás de sombras (pois isto é o socorro humano), suplicai incessantemente a Jesus, a quem adorais, que faça apenas um sinal e tudo se resolverá num instante. Se, tendo suplicado, as coisas não se solucionarem, é porque assim Deus costuma agir: não é desde o início (repito a palavra já dita) que suprime os males, mas só quando atingem o ponto mais alto, quando aumentam e quase não resta mais escapatória à malignidade dos inimigos – então, reconduz tudo à calma total e leva as coisas a uma inesperada estabilidade. Pois ele pode conceder não somente quantos bens almejamos e esperamos, mas ainda muito mais e infinitamente maiores. Por esta razão, declara Paulo: “Ao que é poderoso para realizar por nós em tudo infinitamente além do que pedimos ou pensamos”.⁸ Não teria podido desde o começo impedir que os três jovens fossem submetidos àquela provação? Mas não o quis, acumulando assim os rendimentos em seu favor. Por isso, deixou que fossem entregues às mãos dos bárbaros, e a chama da fornalha se levantasse a indescritível altura; que a cólera do rei se inflamasse mais

furiosamente que a fogueira, e eles, de mãos e pés fortemente atados, fossem jogados ao fogo. Quando todos os espectadores desistiram de vê-los salvos, foi então que inteiramente a ação maravilhosa de Deus, este ótimo artífice, manifestou-se contra toda esperança e despendeu extraordinário brilho. Pois o fogo ficou aprisionado e os prisioneiros foram libertados. A fornalha se transformou num templo de oração, fonte, rocio, e fez-se mais respeitável que o palácio dos reis. Este elemento que tudo devora, que supera o ferro e as pedras, reduz toda matéria, venceram-no os cabelos, apesar de sua natureza. O coro harmonioso dos jovens santos lá se mantinha, a convidar todas as criaturas a este admirável canto. Eles louvavam, faziam subir hinos de ações de graças por terem sido aprisionados, queimados (se isso tivesse dependido dos inimigos), expulsos da pátria, feitos prisioneiros, privados da liberdade, sido banidos, sem teto, exilados para viverem em terra estrangeira e bárbara. Isto é peculiar a uma alma generosa.

E quando a maldade dos perseguidores realizou seus planos (que podiam tentar ainda senão matá-los?), a coragem dos atletas se consumara e a coroa fora tecida, as palmas foram obtidas e nada restara a desejar para sua honra; então os males desapareceram e aquele que acendeu o fogo e os entregou a tal suplício fez-se admirável louvador destes santos atletas e arauto da extraordinária ação de Deus. Envia a todos os pontos da terra mensagens cheias de elogios, narrando os fatos e torna-se o arauto fidedigno dos prodígios operados por Deus, que faz maravilhas. Ora, como se tratava de um antagonista e inimigo, o que escrevia não podia ser suspeito, mesmo aos adversários.

3. Vedes a perícia de Deus? Vedes a sabedoria? Vedes como é extraordinário? Vedes seu amor e providência relativa aos homens? Por conseguinte, não deveis vos agitar, perturbar, mas permanecer sempre em ações de graças a Deus, a louvar, glorificar, invocar, orar, suplicar; mesmo se mil tribulações, mil perturbações advierem, mesmo se irromperem tempestades diante de vossos olhos. Nada disso vos assuste. Pois, nosso Senhor não se deixa superar pela acrimônia dos acontecimentos, mesmo se tudo chegar à extrema ruína. É bastante poderoso para reerguer os caídos, reconduzir os desgarrados, esclarecer os escandalizados, converter e justificar os onerados por milhares de pecados, vivificar os mortos, refazer em melhor estado o que fora demolido e rejuvenescer o que havia envelhecido. Se ele, de fato, cria o que não era e beneficia com a existência o que absolutamente não existia em parte alguma, com maior razão há de restaurar o que é e foi criado.

Entretanto, muitos são os que pereceram, muitos os escandalizados? Muitos desses fatos já se realizaram inúmeras vezes, mas os eventos por fim tomaram a direção certa, exceto alguns homens que permaneceram incuráveis, mesmo após uma mudança de situação. Por que inquietar-se e transtornar-se, visto que um é lançado fora e outro acolhido? Cristo foi crucificado, e Barrabás, o salteador, beneficiava-se de um indulto, e o povo corrupto gritava que se libertasse antes o homicida que o Salvador e benfeitor. Quantos julgais que então se escandalizaram? Quantos se perderam naquela ocasião?

Convém, todavia, retomar o assunto anterior. Este crucificado não fora desde o nascimento exilado, prófugo, e mal saíra das faixas, não teve de fugir com toda a família para uma terra estrangeira, levado a tão longínquo exílio em região bárbara? Rios de sangue jorraram nesta ocasião, assassinatos injustos e matanças. A tenra infância toda, como em batalha e guerra, foi morta à espada. Crianças arrancadas

do peito materno eram entregues ao massacre e, enquanto tinham ainda a boca cheia de leite, era-lhes enterrado o gládio na garganta e no pescoço. O que pode haver de mais trágico? Eis o que fazia aquele que procurava matar o menino, e a longanimidade de Deus suportava tragédia tão atrevida, tanto sangue derramado e suportava quando ainda era possível impedi-lo, demonstrando tamanha longanimidade em sua inefável sabedoria. Ao regressar da região bárbara, já adulto, foi-lhe declarada guerra de todas as partes. Primeiro os discípulos de João enciumados o invejavam, embora o próprio João o respeitasse, e diziam: “Aquele que estava conosco do outro lado do Jordão está batizando e todos vão ter com ele”.⁹ São palavras de alguns que se sentiam incitados, animados de inveja e consumidos de paixão. Por isso, um dentre os discípulos que proferiram estas palavras disputava e discutia calorosamente com um judeu, a respeito da questão das purificações, e comparava um batismo a outro, o de João com o dos discípulos de Cristo, segundo narra o Evangelho: “Originou-se uma discussão entre os discípulos de João e um certo judeu a respeito da purificação”.¹⁰

Quantas calúnias no início dos milagres de Jesus? Uns chamavam-no de samaritano e possesso, dizendo: “É samaritano e tem um demônio”.¹¹ Outros declaravam-no sedutor, que ele não era de Deus, mas enganava o povo.¹² Outros o chamavam de mágico, nesses termos: “É pelo príncipe dos demônios, Belzebu, que ele expulsa os demônios”.¹³ E sem cessar repetiam essas coisas. Denominavam-no inimigo de Deus, glutão, voraz, beberrão, amigo dos maus, dos corrompidos.

Afirma o evangelista: “Veio o Filho do homem, que come e bebe, e dizeis: ‘Eis aí um glutão e beberrão, amigo de publicanos e pecadores’”.¹⁴ E quando falava com a cortesã, eles o chamavam de falso profeta: “Se esse homem fosse profeta, saberia bem quem é a mulher que fala com ele”.¹⁵ Cada dia eles rangiam os dentes contra ele. Não somente os judeus o combatiam assim, como também aqueles que se passavam por seus irmãos não estavam bem-dispostos para com ele, e até dentre os próximos havia quem lhe fizesse guerra declarada. Vede como também eles estavam corrompidos, uma vez que acrescenta o evangelista: “Pois nem mesmo os seus irmãos acreditavam nele”.¹⁶

4. Visto que relembrais o grande número dos escandalizados e desgarrados, quantos julgais terem sido os discípulos escandalizados por causa da cruz? Um o traiu, os outros fugiram, outro o renegou e, enquanto todos se afastavam, sozinho foi levado prisioneiro. Quantos houve entre os que antes viram-no operar milagres, ressuscitar os mortos, purificar os leprosos, expulsar os demônios, multiplicar os pães, praticar outros prodígios, que se escandalizaram naquela ocasião, vendo-o só, em cadeias, arrastado, cercado de vis soldados, seguido pelos sacerdotes judeus com grande ruído e tumulto, ameaçado por todos os seus inimigos que o detinham sozinho no meio deles e na presença do traidor, a se vangloriar nesta ocasião? E depois, ao ser flagelado? Provavelmente ali se achava uma turba incontável. Pois tratava-se de importante solenidade que congregava a todos e era a metrópole que acolhia o drama da injustiça e em pleno meio-dia.

Quantos dos presentes talvez se escandalizaram ao vê-lo em cadeias, chicoteado, esvaindo-se em sangue, citado no tribunal do governador, enquanto se ausentaram todos os discípulos? E quando variadas e incessantes cenas de zombaria se sucediam em torno dele? Ora eles o coroavam de

espinhos, ora envolviam-no numa clâmide, ora punham-lhe nas mãos uma cana, ora caíam por terra e prostravam-se diante dele, utilizando toda espécie de irrisão e motejo. Quantos, vos parece, se escandalizaram, quantos tumultuavam, quando eles se agitavam, batiam-lhe no rosto, dizendo: “Faze-nos uma profecia, Messias. Quem é que te bateu?”.¹⁷ Quando o faziam ir e vir e passavam o dia todo em escárnios, insultos, injúrias, risos, enquanto os judeus assistiam ao espetáculo? E quando o esbofeteou o servo do Sumo Sacerdote? E quando os soldados partilharam entre si as suas vestes? Quando foi estendido despido na cruz, tendo nas costas as marcas do flagelo e era crucificado? Nem mesmo então essas feras selvagens amansaram; ao contrário, tornaram-se mais furiosas, intensificava-se a tragédia, aumentavam os sarcasmos.

Uns, de fato, diziam: “Tu, que destróis o templo e em três dias o edificas...”. Alguns afirmavam: “A outros salvou, a si mesmo não pode salvar”. Outros, porém, diziam: “Se és Filho de Deus, desce agora da cruz e creemos em ti”.¹⁸ E quando, oferecendo-lhe para beber fel e vinagre numa esponja, insultavam-no? E quando os ladrões o injuriavam? E conforme disse mais acima, o cúmulo da injustiça, que faz estremecer, quando esse ladrão e salteador, culpado de mil crimes, foi considerado mais digno de indulto e, em oposição à opinião do juiz, foi preferido Barrabás, numa tentativa não apenas de crucificar o Cristo, mas ainda de infligir-lhe uma reputação infamante? Julgavam que assim podiam provar que ele era pior que um ladrão e de tal forma fora da lei que não podia ser salvo nem por concessão humana, nem em consideração da festa. Faziam tudo isso para arruinar a estima de que gozava. Por isso, crucificaram-no entre dois ladrões. Mas a verdade não estava velada; ao contrário, despendia maior fulgor. Eles o acusavam de ambicionar o poder, nesses termos: “Todo aquele que se faz rei opõe-se a César!”.¹⁹ Àquele que não tinha onde reclinar a cabeça,²⁰ acusavam de ambição do poder. Acusavam-no de blasfêmia. O Sumo Sacerdote rasgou as vestes, dizendo: “Blasfemou! Que necessidade temos ainda de testemunhas?”.²¹

E sua morte? Como aconteceu? Não foi violenta? Não foi a dos condenados? Dos malditos? Não foi a mais vergonhosa? Não foi a dos piores transgressores da Lei e dos indignos de expirar sobre a terra? Seu sepultamento não se assemelha inteiramente a uma obra de caridade? Veio alguém, pediu seu corpo. Quem o sepultou não era do número dos parentes, nem dos beneficiários, nem dos discípulos, nem dos que usufruíram de sua intimidade e de sua salvação. Todos eles fugiram, todos o abandonaram. A quantos não escandalizou, para quantos não serviu de tropeço na ocasião a notícia falsa que forjaram a respeito da ressurreição, nesses termos: “Seus discípulos vieram e o roubaram”?²² E essa declaração então prevaleceu, embora tramada e comprada por dinheiro. No entanto, prevaleceu entre alguns, apesar dos selos, apesar de ser tão manifesta a verdade. A multidão nada sabia sobre a ressurreição, nem os próprios discípulos nela acreditavam. “Pois ainda não haviam compreendido”, diz o evangelista, “que ele devia ressuscitar dos mortos”.²³ Quantos, em vossa opinião, naqueles dias ficaram escandalizados. Deus, porém, cheio de paciência, o tolerava, governando tudo com peculiar e inefável sabedoria.

5. E depois daqueles dias, novamente os discípulos escondidos, ocultos, furtivos, temerosos,

trêmulos, passavam sem cessar de um lugar a outro, e assim se escondiam; após cinquenta dias começam a mostrar-se e a fazer prodígios, inseguros, no entanto. Em seguida, mil escândalos surgiam para os fracos, quando se viam os torturados, a Igreja atribulada, eles mesmos expulsos, os inimigos poderosos e turbulentos em toda parte. Após terem adquirido, por seus prodígios, liberdade de falar, então a morte de Estêvão desencadeou terrível perseguição, que os dispersou a todos, lançou a Igreja na agitação e para os discípulos de novo o temor, de novo a fuga, de novo a angústia.

Então, de modo geral, a Igreja prosperou, pois florescia no meio de prodígios, esplêndida desde os primórdios. Um dos discípulos desceu através de uma janela na muralha e assim escapou das mãos do etnarca.²⁴ A outros, um anjo tirou da prisão, e assim libertou-os das cadeias.²⁵ A outros, acolhiam-nos negociantes e artífices, enquanto eram perseguidos pelos detentores do poder. Em tudo bem tratados por mercadoras de púrpura,²⁶ fabricantes de tendas,²⁷ curtidores,²⁸ habitantes das periferias das cidades, junto da praia e do mar. Muitas vezes eles próprios não ousavam aparecer no meio das cidades ou, se o ousavam, os hospedeiros não ousavam.

Era assim que se urdia a trama, entre provações e não entre consolações; os que pouco antes haviam se escandalizado voltavam em seguida ao reto caminho, os desgarrados eram reconduzidos, e o que fora arruinado era reconstruído melhor. Desse modo, ao suplicar Paulo que o anúncio fosse realizado somente no meio de consolações, Deus, infinitamente sábio e engenhoso, não atendeu ao discípulo, e não o escutou apesar das preces insistentes, mas garantiu-lhe: “Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a minha força se manifesta”.²⁹ Se quereis agora distinguir entre acontecimentos felizes e infelizes, vereis que muitos, embora não fossem milagres e prodígios, assemelhavam-se bastante a milagres, constituíam provas e demonstrações inefáveis da providência e da proteção de Deus. Mas, a fim de não receberdes nossas explicações sem esforço, imponho-vos a tarefa de recolher tudo cuidadosamente e estabelecer uma comparação com os vossos infortúnios, a fim de que, entregando-vos a esta ótima ocupação, aparteis a tristeza. Daí, de fato, haveis de retirar muito consolo. Transmitem muitas recomendações a toda a vossa abençoada casa. Permanecei forte e animosa, minha veneranda senhora, de Deus muito amada. Se quiserdes me escrever longamente, declarai, contudo, sem me enganar, que eliminastes toda tristeza e estais tranqüila. Se minhas cartas forem um remédio que vos causem muita alegria, ver-me-eis escrever com mais freqüência. Não me declareis mais uma vez: “Trazem-me grande consolo suas cartas”. Isso eu sei; mas assegurai-me que o consolo é tão grande quanto eu desejo, que não estais consternada, que não chorais e estais, ao contrário, sossegada e alegre.

CARTA 8

1. A carta a vós endereçada recentemente seria suficiente para reprimir o ardor da aflição, mas como a tirania do desalento vos abateu profundamente, julguei necessário acrescentar outra à precedente, a fim de colherdes abundante conforto e, em conseqüência, consolide-se a vossa saúde.

Vamos. Quero retirar, de outra forma, a poeira de vossa tristeza, porque penso que ela se origina de uma ferida e de edemas dolorosos. O mais seguro é cuidar de si, porque, se não se retira a poeira com esmero, ela prejudica o mais precioso dos órgãos, altera a limpidez da pupila e perturba

completamente a vista do negligente. No intuito de evitar que isso aconteça, eliminemos com solicitude os resquícios do mal. Vamos! Erguei-vos! E estendei-nos a mão. Costuma acontecer no caso dos que sofrem fisicamente que, apesar do tratamento dos médicos, se falta a colaboração dos doentes, o resultado da terapia fica comprometido; o mesmo sucede naturalmente em relação à alma.

Para evitar tal coisa, cuidai de colaborar conosco, com oportuna inteligência, de sorte que haja bastante esforço de ambos os lados. Eu quero, direis talvez, mas não posso. Não consigo dissipar a névoa espessa e sombria da tristeza, por mais que me esforce. É desculpa, pretexto! Porque conheço bem em vós a nobreza dos pensamentos, o vigor da piedade de vossa alma. Estou ciente da acuidade de vossa inteligência, da intensidade de vossa sabedoria e como vos basta somente ordenar ao mar encapelado da tristeza e tudo se acalma.

Mas para que tal se realize mais facilmente, devemos também colaborar. Como, pois, podereis atingir facilmente este fim? Meditando tudo o que continha a carta precedente (onde dissemos muitas coisas sobre o assunto) e agindo também de acordo com o que aconselho agora. O que seria, então? Ao ouvirdes dizer que das Igrejas, uma soçobrou, outra está abalada, outra abatida por ondas terríveis, que esta ou aquela sofreu danos irreparáveis, uma recebeu um lobo por pastor, outra um pirata por timoneiro, outra um algoz por médico; deveis sofrer, concordo (pois não devemos suportar impassíveis tais infelicidades), mas sofrer com moderado pesar.

Com efeito, se nos pontos em que nós mesmos falhamos, e dos quais temos de prestar contas, não é necessário, nem seguro, mas inteiramente nefasto e prejudicial sofrer em demasia, com maior razão, ao se tratar de faltas dos outros, é exagero e inútil ficar abatido e alquebrado; além do mais é obra de satanás e fatal para a alma.

2. A fim de vos certificardes de que é bem assim, vou narrar-lhe uma história antiga. Havia um coríntio que tinha recebido o benefício das águas sagradas e fora purificado pela iniciação batismal, participara da mesa tremenda e entrara em comunhão completa com todos os nossos mistérios (muitos dizem mesmo que tinha o múnus de didáscalos). Após esta santa iniciação, e depois de admitido nos primeiros lugares na Igreja, cometeu gravíssimo pecado. Olhando a mulher de seu pai com olhos culpados, não se deteve nesse mau desejo, mas pôs em ação este pensamento perverso. O que ele ousava, não era apenas luxúria, era um adultério e mesmo um pecado mais horrível que um adultério.

Por isso, são Paulo, tendo conhecimento do fato e sem palavras para qualificar o pecado de acordo com sua gravidade, mostra de outra forma a enormidade da transgressão, nesses termos: “É geral ouvir-se dizer que entre vós existe luxúria e luxúria tal que não se nomeia nem mesmo entre os pagãos”.³⁰ Ele não diz: “não se ousa cometer”, mas: “não se nomeia”, querendo mostrar quanto este pecado ultrapassa todos os limites. Entrega o pecador ao demônio, excomunga-o da Igreja inteira e proíbe que alguém partilhe com ele a mesa comum. Com efeito, declara que não se deve nem mesmo comer com tal homem e, indignado, exige para ele o castigo extremo, empregando Satanás como verdugo que dilacere a carne do culpado.

Porém Paulo, que o separou da Igreja, que a ninguém permitiu admiti-lo à mesa comum, a todos ordenou luto por causa dele. “E vós estais cheios de orgulho! Nem mesmo vos mergulhastes na

tristeza, a fim de que o autor deste mal fosse eliminado do meio de vós?”.³¹ Paulo, que o expulsou de toda parte como uma peste, impediu-lhe o acesso a toda casa, entregou-o a Satanás, exigiu para ele tal castigo, ao vê-lo aflito e arrependido de seus pecados e retratando-se por seus atos, mudou de tal forma de atitude que ordenou o contrário àqueles aos quais havia prescrito tal conduta. Ele que dizia: “Eliminai, afastai-vos, enlutai-vos, que o diabo se aposses dele”, o que diz agora? Dai provas de amor para com ele, afim de que não seja absorvido por tristeza excessiva, e “não sejamos iludidos por Satanás. Pois não ignoramos as intenções dele”.³² Vedes como afligir-se desmedidamente é obra e cilada do demônio, que transformou um desmesurado remédio salutar em veneno deletério?

De fato, é pernicioso e entrega o homem ao diabo cair na falta de medida. Por esse motivo são Paulo dizia: “Não sejamos iludidos por Satanás”. Ele quer dizer o seguinte: a ovelha ficou toda manchada, desgarrou-se, separou-se da Igreja, mas curou-se, voltou a ser novamente a ovelha que era outrora. Tal é a força do arrependimento. De agora em diante pertence ao rebanho. Devemos atraí-la completamente, acolhê-la de braços abertos, cercá-la, envolvê-la, uni-la a nós. Se, com efeito, não o fizermos, o diabo se avantajará, tomando a ovelha que não era sua, mas nossa, devido à negligência de nossa parte, jogando-a ao mar pelo excesso de tristeza e fazendo-a sua para sempre. Por esse motivo Paulo acrescenta: “Pois não ignoramos as intenções dele”. Na realidade, muitas vezes é relativamente a questões úteis, porém tratadas de forma inadequada, que ele costuma fazer com que os negligentes tropecem.

3. Paulo, portanto, não deixa que o pecador se entregue ao remorso por uma falta que cometeu, e falta tamanha. Se ele age com rapidez, apressa-se, tudo faz e utiliza todos os meios para diminuir o fardo da tristeza, afirmando que a falta de medida é satânica, é vitória da malícia do diabo, efeito de seus planos perversos, não seria extrema tolice e loucura atormentar-se e sofrer a ponto de trevas indescritíveis invadirem a mente, com grande inquietação, confusão, agitação e perturbação indizíveis em relação a faltas que outros cometeram e das quais hão de prestar contas? Se me replicardes ainda: “Eu quero, mas não posso”, repetirei eu também: Excusa e pretexto. No entanto, conheço a fibra que tendes na alma, amiga da sabedoria. Doutro lado, para tornar mais fácil a oposição e a vitória contra esse desânimo importuno e prejudicial, observai ainda uma vez o que vos prescrevo.

Ao ouvirdes referências a essa ruína geral, logo afugentai esses pensamentos, acorrei à meditação daquele Dia terrível e refleti sobre o tribunal de arrepiar, o juiz que não se deixa corromper, os rios de fogo, que saem daquele tribunal e ruidosamente crepitam em chama veemente, as espadas desembainhadas, os suplícios rigorosos, o castigo sem fim, a escuridão sem um raio de luz, as trevas exteriores, o verme que inocula veneno, as cadeias inquebrantáveis, o ranger dos dentes, o gemido inconsolável, a visão espetacular da criação inteira, ou melhor, dos dois mundos criados, o superior e o inferior. “Os poderes dos céus serão abalados”.³³ De fato, embora em nada eles se sintam culpados nem devam prestar contas, no entanto, ao assistirem ao julgamento do gênero humano inteiro e de povos incontáveis ficarão temerosos, tamanho será o pavor! Meditai sobre essas coisas e acerca das acusações irrefutáveis.

Na verdade, esse juiz não precisa de acusadores, nem de testemunhas, nem de demonstrações, nem

de comprovantes, mas revela todas as ações como foram praticadas e diante dos olhos dos pecadores. Então ninguém estará ao nosso lado nem nos livrará do castigo. Nem pai, nem filho, nem filha, nem mãe, nem outro parente qualquer, nem vizinho, nem amigo, nem advogado, nem donativo em dinheiro, nem superabundante fortuna, nem poder imenso: tudo isso será sacudido como pó. O réu, em vista da sentença que o absolve ou condena, conta apenas com seus atos. Ninguém é então julgado por ações alheias, e sim de acordo com o que ele mesmo praticou.

Com esse conjunto de reflexões, reavivado o temor e contraposto este último ao pesar satânico e pernicioso para a alma, conservai-vos firme nesta batalha. Mal apareça, podereis fazer com que suma e desvaneça e com maior facilidade do que uma teia de aranha. Esse pesar, aliás, além de vão e exagerado, é assaz nocivo e prejudicial, enquanto o temor a que me refiro é necessário, útil, profícuo e muito proveitoso. Mas passou-me despercebido que me deixara levar pela impetuosidade da alocação, dando conselhos inoportunos. A meu ver, é a mim e àqueles que estão mergulhados na multidão de suas faltas que esta exortação é necessária, porque assusta e reanima; a vós, porém, ornada de tais boas obras e que já atingis a abóbada dos céus, de forma alguma pode abalar. Por isso, vou mudar de tom ao vos falar e preludiar noutra corda, pois este temor não vos cabe, exceto na medida em que atinge os anjos. Mudemos, pois, as expressões e, vamos, mudai também vós e comparai as recompensas devidas a vossas boas ações com os prêmios magníficos, as coroas esplêndidas, o coro das virgens, os palácios sagrados, a câmara nupcial dos céus, a companhia dos anjos, a familiaridade e a intimidade com o esposo, e aquela maravilhosa procissão de archotes, bens superiores à palavra e ao pensamento.

4. Não me interrompais se vos coloquei no coro das virgens sagradas, a vós que viveis na viuvez. Muitas vezes ouvistes-me expor, tanto em particular como em público, a definição da virgindade, e que não se poderia impedir-vos de ser alistada naquele coro; bem mais, que as superais em muito, tendo em outros pontos demonstrado tão grande sabedoria. É por isso que Paulo, ao definir a virgindade, não denomina *virgem* a que não contraiu matrimônio e absteve-se da união conjugal, mas a que cuida das coisas do Senhor. O próprio Cristo, tendo mostrado quanto é superior à virgindade a liberalidade – cujo cetro possuis, cuja coroa cingistes outrora – excluiu deste coro a metade das virgens porque vieram dela desprovidas, ou melhor, não a possuíam profusamente; tinham óleo, na verdade, mas não em boa quantidade. Os recém-chegados sem a virgindade, mas que se achavam inteiramente envolvidos pela caridade, foram acolhidos com muita honra por ele, que os chamou de “benditos de meu Pai”, convidando-os para junto de si, concedendo-lhes a herança do reino e proclamando seu mérito pela terra toda; não hesitou denominá-los nutrícios e hospedeiros seus, na presença dos anjos e da criação inteira.

Ouvireis também essa palavra feliz, gozareis da farta recompensa que vos será concedida. Considerando que só a posse da magnanimidade alcança tais recompensas, tais coroas, tamanho resplendor, tal manifestação e glória, se eu percorresse convosco todos os outros domínios da virtude, que desculpa teríeis de vos atormentar, porque alguém se entregou a atos de loucura, um outro se lançou do alto dos precipícios, abrindo em vossa alma acesso fácil ao diabo que não cessastes de estraçalhar até hoje, em vez de estar daqui por diante em festa, saltar de alegria, dançar, coroar-vos? O

que direi de vossa paciência tão variegada, de tantos aspectos, múltiplas formas? Que discurso bastará para tanto, que extensão dar à narração para enumerar vossos sofrimentos desde a primeira idade até agora, as oriundas dos familiares, as ocasionadas por estranhos, as provenientes dos amigos, dos inimigos, dos consangüíneos, dos que não tinham afinidade alguma convosco, dos poderosos, do vulgo, dos magistrados, dos particulares, dos clérigos? A descrição de cada uma dessas provações, se traçada com pormenores, bastaria para uma história completa.

Se alguém quiser atender a outros aspectos desta virtude e contar, não os sofrimentos causados pelos outros, mas os que vos infligistes, onde se encontrar pedra, ferro, aço que não tivésseis superado em resistência? Pois, dotada de um corpo tenro e delicado, nutrido em toda espécie de bem-estar, de tal forma o cercastes de diversos sofrimentos, que não é mais do que um cadáver, e contraístes tal enxame de doenças que desafia a perícia dos médicos, a eficácia dos remédios, os tratamentos de toda sorte, e viveis com dores contínuas.

5. De quantas palavras necessitaria quem quisesse narrar vossa firmeza, a temperança relativamente à mesa, ao sono? Mas, nem se pode falar a vosso respeito de temperança, de firmeza; seria necessário procurar outra expressão, muito melhor, para essas virtudes. Pois dizemos que é temperante e firme quem é atormentado por uma paixão e a domina. Vós, porém, nada mais tendes a vencer. Desde o começo vos levantastes com grande ardor contra a carne, extinguistes suas concupiscências; não freastes o cavalo, mas o entravastes, o jogastes por terra e o imobilizastes.

Após ter outrora atingido o domínio de si, agora se trata de impassibilidade. O desejo do bem-estar não vos atormenta mais e não tendes dificuldade em superá-lo. Com efeito, de uma vez o eliminastes e tornastes a carne inacessível a este desejo, e acostumastes o estômago a se contentar, quanto à comida e à bebida, com o suficiente para não morrer nem merecer castigo. Por isso, não denomino a isto sobriedade, ou temperança: trata-se de algo maior.

Coisa semelhante se verifica em relação a vossas santas vigílias. O desejo de dormir foi extinto simultaneamente com o outro. Pois comida excessiva alimenta o sono. Vós o cancelastes de outra forma, tendo desde o começo coagido a natureza e passando insone noites inteiras. Mais tarde, o longo hábito tornou-se segunda natureza. Da mesma forma que dormir é para os demais conforme a natureza, para vós a vigília é natural. Essas coisas são maravilhosas e causam espanto, consideradas em si mesmas. Se, porém, forem examinadas as circunstâncias em que tal ascese foi praticada desde a mais tenra infância: sem mestre algum, com uma turba escandalizada e além disso a passagem espiritual dum ambiente ímpio para a verdade, e com um corpo feminino, aliás delicado, por causa da alta posição e do luxo dos pais, que oceano de maravilhas as quais se nos revelam sucessivamente? Omitirei, portanto, o restante, a humildade e a caridade, as demais virtudes de vossa alma santa. Com efeito, mal me refiro as que relembrei e citei, brotam-me mil fontes da mente, que me obriga a descrever, como os da primeira, os aspectos das outras virtudes, embora parcialmente, ou antes nos traços essenciais; do contrário me induziria a um discurso sem fim. Mas não me afastarei do assunto que me propus levar a termo, deixando-me arrastar a um mar infundo. Se não me tivesse empenhado agora em arrancar até à raiz a tristeza de vossa alma, ser-me-ia grato deter-me neste assunto e navegaria num mar sem limites, ou antes nesses mares, percorrendo de cada uma de vossas virtudes as

múltiplas esteiras, que desembocam de novo noutra mar: a paciência, a humildade, sob suas múltiplas formas a esmola, espalhada até os limites da terra, a caridade que superou em ardor mil fornalhas, a inteligência infinda e cheia de dons, além dos limites da natureza. Enumerar as boas ações que daí resultaram seria tentativa de contar as ondas do mar.

6. Percorrendo superficialmente esses mares ilimitados, experimentarei mostrar o leão pelas garras, tendo escolhido apenas alguns pormenores sobre o porte que mantendes, as vestes simples e sem requinte que usais. Tal atitude parece menos importante que outras disposições, mas se cuidadosamente examinada, revelar-se-á grande, peculiar à alma amiga da sabedoria, que calcou aos pés todos os bens terrenos e voa em direção ao próprio céu.

Por esta razão, não foi somente no Novo Testamento, mas também no Antigo – no qual, por meio de sombras e figuras, Deus conduzia o gênero humano e governava de modo mais material as realidades da cidade terrena, e ainda nada se dizia dos bens celestes, não se rememorava a vida futura, não se transmitiam os problemas da atual filosofia, mas eram promulgadas as leis hebraicas, de forma um tanto áspera e carnal, proibindo expressamente vestes luxuosas – que Deus assim fala pelo profeta: “Eis o que diz o Senhor sobre as grandes filhas de Sião: Visto que as filhas de Sião estão emproadas e andam de cabeça erguida, fazendo acenos com os olhos, e caminham com passo afetado, fazendo tilintar as argolas dos pés, o Senhor humilhará as grandes filhas de Sião, desmascarará o porte imponente, suprimirá o luxo de suas roupas. Em lugar de perfume haverá cinza, em lugar de cinto, uma corda, em lugar de ornamento da cabeça, serás afligida de calvície por causa de teus trabalhos, em lugar de uma túnica realçada de ouro, viverás com um saco”.³⁴ Tudo isso em vez de ornamento. Vedes a cólera difícil de se exprimir? Vedes o castigo e a pena rigorosa? Vedes o duro cativo? Daí deduzi a gravidade da falta. Pois aquele que ama os homens jamais teria infligido castigo tão severo se o pecado que o acarretou não tivesse sido maior ainda. Mas, se o pecado é tão grande, claro está que a virtude oposta é enorme. Por isso Paulo, ao se dirigir às mulheres que vivem no mundo, não somente lhes proíbe o ouro, mas nem mesmo lhes permite recobrirem-se de vestes suntuosas. Ele sabe muito bem que se trata de molesta doença da alma, difícil de curar, a maior prova duma inteligência corrompida, carente de um espírito repleto de sabedoria; manifesta-se não apenas nas mulheres que vivem no mundo, que têm relações com homens – nenhuma delas suportaria facilmente tal exortação –, mas mesmo naquelas que parecem praticar a sabedoria e que participam do coro da virgindade.

Muitas, com efeito, havendo se despojado para lutar contra a tirania da natureza, levam até o fim, com pureza, o curso da virgindade; imitam assim a vida dos anjos, mostram num corpo mortal as primícias da ressurreição – pois neste século, diz o evangelho, “nem eles se casam, nem elas se dão em casamento”³⁵ –, travam combate contra as potências incorpóreas, rivalizam com a incorruptibilidade num corpo sujeito à corrupção, e o que muitos nem ouvir suportam, obtêm em atos a perfeição, apartam-se da concupiscência, como de um cão raivoso a latir incessantemente, comandam o mar encapelado, navegam calmamente sobre os vagalhões, com o mar veementemente agitado gozam de vento favorável, mantêm-se na fornalha da concupiscência carnal sem se queimarem; mas, enquanto pisam como se fosse lama sobre esses carvões ardentes, deixam-se prender

vergonhosa e lamentavelmente por tal paixão, e apesar de serem capazes de tão grandes coisas, por esta são vencidas!

7. A virgindade é tão grandiosa e exige tamanho esforço que Cristo, vindo do céu para que os homens se tornassem anjos e na terra se implantasse esta forma de vida superior, não ousou, contudo, impô-la, nem elevá-la à categoria de lei; no entanto, relativamente à morte, promulgou uma lei. É possível haver algo de mais pesado? E ordenou carregar continuamente a própria cruz e fazer bem aos inimigos; não mandou, contudo, permanecer virgem. Deixou-a à opção dos ouvintes, nesses termos: “Quem tiver capacidade para compreender, compreenda!”.³⁶ De fato, é grande a importância da questão, a dificuldade destas lutas, o suor nos combates; e o terreno desta virtude é assaz escarpado.

Revelam-no aqueles que no Antigo Testamento realizaram muito boas ações. Moisés, o grande homem, o chefe dos profetas, o genuíno amigo de Deus, que gozava de tal confiança, que arrebatou seiscentos mil homens ao castigo sentenciado pelo próprio Deus, este homem tão grande e tão poderoso, ordenou ao mar, dividiu as ondas, quebrou os rochedos, alterou a atmosfera, converteu a água do Nilo em sangue, assaltou o Faraó com um exército de rãs e gafanhotos, transformou a criação inteira, realizou mil outros prodígios e muitos atos de virtude. De fato, ilustrou-se em ambos os domínios. Entretanto, não teve a força de enfrentar esses combates, mas precisou do casamento e da companhia de uma mulher e da segurança que daí retirava, e não ousou lançar-se no oceano da virgindade, receoso de seus vagalhões.

E o patriarca, o sacerdote que imolou o filho, teve a força de vencer a paixão mais tirânica da natureza e foi capaz de sacrificar o filho Isaac, ainda na flor da idade, no viço da juventude, o unigênito, o filho genuíno, que lhe fora dado contra toda esperança, e quando nele se apoiava na avançada velhice, e que era dotado de muita virtude; teve a coragem de conduzi-lo à montanha a fim de praticar tal ato, construiu um altar, ajuntou madeira, sobre ele colocou a vítima, pegou um punhal e enterrou a lâmina na garganta do filho. Sim, ele a enterrou e fez jorrar o sangue, este homem de aço, ou melhor, mais resistente que o aço. Na verdade, o aço possui resistência por natureza; ele, porém, foi por sábio propósito que imitou a resistência natural do aço e manifestou em ações a impassibilidade dos anjos. Todavia, quem teve a força de levar até o fim uma luta tão grande e importante, além dos limites da natureza, não ousou empenhar-se nos combates da virgindade, mas teve temor da luta e procurou o reconforto do casamento.

8. Além do supramencionado, quereis que acrescente ainda Jó, justo, verídico, temente a Deus, apartado de todo mal? Este Jó ofuscou a vista do demônio; ferido sem ferir, Jó esvaziou completamente a aljava dele, foi alvo incessante das flechas, suportou qualquer espécie de tentações, todas elas extremamente violentas. Na vida é causa de sofrimento, e efetivamente o é, sobretudo a pobreza, a doença, a perda dos filhos, a hostilidade dos inimigos, a incompreensão dos amigos, a fome, as dores corporais contínuas, os ultrajes, as calúnias e a má reputação. Todos esses males se propagaram num só e mesmo corpo e foram infligidos a uma só alma. O mais penoso é que se abateram sobre alguém que estava desprevenido. Quero dizer o seguinte: quem teve pais pobres, foi criado num casebre, foi treinado e exercitado, há de suportar facilmente o fardo da pobreza; pelo

contrário, quem está cumulado de bens e orgulha-se da riqueza, se cai em situação inteiramente oposta, não aceita de bom grado a mudança. Inexperiente, parece-lhe mais dura a tribulação que se abate totalmente contra ele. Ainda, um homem obscuro, nascido de pais obscuros, continuamente menosprezado, se injuriado ou ultrajado não se altera demais. Quem goza, porém, de boa fama, é em geral bem escoltado, objeto de comentário de todos, por toda parte publicamente elogiado, se cair em menosprezo e vulgaridade, há de sofrer tanto como um rico que se tornasse completamente pobre. Igualmente quem perdeu filhos, mesmo se forem todos, contanto que não seja de uma só vez, restam-lhe os outros para consolá-lo acerca dos que partiram e, passado o luto pela morte dos primeiros, se sobrevém a morte de um outro, essa dor é para ele mais suportável, pois não se ajunta a uma ferida recente, e sim já cicatrizada e fechada, o que não pouco diminui a dor. Jó, porém, viu o coro inteiro dos filhos serem-lhe arrebatados numa só ocasião e pelo mais doloroso gênero de morte. Essa morte, na realidade, era violenta e prematura, e tempo e lugar não pouco acresciam o luto. Era a hora da refeição, numa casa aberta aos hóspedes e essa casa se lhes transformava em sepultura.

Quem poderia ainda descrever a estranha, inexprimível fome de Jó? Voluntária ou involuntária? Não sei, na verdade, como chamá-la, pois não encontro nome para qualificar esta forma espantosa de infortúnio. Com efeito, ele saía da mesa para ele preparada, sem tocar nos alimentos que via. De fato, o mau odor das feridas que lhe recobriam o corpo tirava-lhe o apetite, e a própria mesa incutia-lhe nojo. Assim ele se exprimia: “Considero meus alimentos como uma podridão”.³⁷ A intensidade da fome forçava-o a tocar o que estava diante dele, mas o demasiado mau odor que exalava do corpo ultrapassava o estímulo da fome. Foi por isso que eu disse: não sei como chamá-la. Voluntária? Mas ele queria provar o que estava diante de si! Involuntária? Os alimentos ali estavam e ninguém lhes proibia. Como descrever o seu sofrimento, o pulular dos vermes, o pus que porejava, as injúrias dos amigos, o desprezo dos servos: “Ficam à distância, atrevem-se a cuspir-me no rosto”.³⁸ Quais eram os que intervinham, os que se lançavam contra ele? “Aqueles que eu não teria julgado dignos de estar entre os cães de meus rebanhos, estes se lançaram contra mim, e os últimos dos homens me censuram”.³⁹ Não vos parecem dolorosas todas estas coisas? Certamente.

Direi o principal de seus males, o coroamento de seu infortúnio que mais o angustiava? Era sobretudo a tempestuosa agitação dos pensamentos. Sufocava-o, era-lhe intolerável e a consciência pura provocava-lhe o turbilhão interior, obscurecia-lhe o espírito e conturbava o timoneiro. Se sofrem terrivelmente os que estão conscientes de terem muitos pecados, encontram a razão dos acontecimentos, refletindo sobre as próprias faltas, e assim suprimem a inquietação resultante da incerteza. Ao contrário, aos que, ornados de virtudes, nada lhes pesa na consciência, ao passarem por tal sofrimento, se conhecem a doutrina da ressurreição e refletem nas devidas recompensas, sabem que esses eventos são combates e contêm promessas de mil coroas.

Jó, que era justo e nada conhecia sobre a ressurreição, era sobremaneira sacudido pelas ondas, por não saber a causa do que padecia, e por esta incerteza era muito mais aguilhoado do que pelos vermes e os sofrimentos. E para conhecerdes que assim sucedeu, tendo Deus, que ama os homens, julgado conveniente declarar-lhe a razão de suas lutas: “A fim de que se manifeste que és justo, essas tribulações lhe advieram em grande quantidade”, ele respirou como se nada houvesse padecido e

comprovou-o pelas palavras que proferiu. Antes de conhecer o motivo, ele sofria; suportava, porém, nobremente e depois de ter tudo perdido, pronunciou esta palavra admirável: “O Senhor deu, o Senhor tirou. Conforme foi do agrado do Senhor, assim se fez. Bendito seja o nome do Senhor pelos séculos”.⁴⁰

9. Talvez tenha ido muito além do que me propusera, induzido pelo amor que a ele dedico. Depois de ter acrescentado poucas palavras, voltarei ao assunto. Este homem tão grande e poderoso, que calcou aos pés as exigências da natureza, não ousou empenhar-se no mencionado combate, mas teve uma esposa e tornou-se pai de numerosos filhos. Tais as dificuldades da virgindade, tão elevados e grandes os seus combates, penosos os suores que acarretam continuado esforço. E no entanto, muitas daquelas que se tinham despojado para combater, não triunfaram desta paixão: a requintada vaidade no modo de se vestir; foram iludidas, subjugadas mais que as mulheres de vida mundana. Não me digas que não usam mais objetos de ouro, que não se revestem com mantos de seda tecidos de ouro, não têm colares incrustados de pedras preciosas. Muito mais grave que tudo e que assaz revela o achaque e a tirania da paixão: esforçaram-se, rivalizaram entre si, fizeram-se violência para ultrapassar por meio de vestes simples o luxo das que usam ouro e vestes de seda, de forma a aparecerem assim mais amáveis do que elas, entregando-se a uma questão indiferente, em sua opinião; mas, como a natureza da ocupação o prova, é pernicioso, prejudicial e abissal.

Por isso, com mil vozes devo proclamar nesta questão que aquilo que constitui rude combate para as virgens é fácil e sem esforço para vós que viveis na viuvez, conforme os fatos comprovaram. Entretanto, não admiro somente a simplicidade impossível de descrever de vossa roupa, que supera a dos mendigos, mas sobretudo esta falta de estilo e de artifícios nas vestes, nos calçados, no andar. São as cores da virtude, reveladoras exteriormente da sabedoria que em vossa alma habita. Diz a Escritura: “A veste de um homem é o seu sorriso, os passos do homem revelam o que ele é”.⁴¹ Se não tivésseis fortemente derrubado e esmagado aos pés os pensamentos terrestres da vaidade mundana, não teríeis chegado de um salto a desprezá-la de tal forma, não teríeis vencido vigorosamente e evitado esse pecado horrível.

Ninguém acuse minha linguagem de demasiada, se a denomino pecado horrível. Se, de fato, comportava tal castigo a falta das mulheres dos hebreus que naquela ocasião viviam no mundo, qual a excusa de mulheres que deveriam ser cidadãs do céu e imitar a vida angélica, que vivem no regime da graça, e ousam fazer o mesmo, até com maior exagero?

Ao vires uma virgem lânguida em suas vestes, arrastando suas túnicas – conforme censurado pelo Profeta – vaidosa no andar, na voz, nos olhos e com o porte a preparar uma bebida envenenada aos que a olham sem pudor, a abrir fossas para os que se aproximam, a armar assim ciladas, como ainda lhe darias o nome de virgem e não a contarias entre as prostitutas? Pois estas não atraem tanto como as outras que abrem por toda a parte as asas do prazer. Por isso, nós vos proclamamos bem-aventurada e admiramos porque vos afastastes de tudo isso, e destes neste ponto exemplo de mortificação. Sem ornato, mas cheia de juvenil coragem; sem enfeites, porém bem equipada.

10. Todavia, até aqui só parcialmente mostramos o leão pelas garras, porque não discorri ainda sobre o conjunto de vossas boas ações. Conforme assegurei mais acima, tenho medo de navegar no mar infindo de vossas outras virtudes. Aliás, como não nos propusemos fazer agora o elogio de vossa santa alma, e sim preparar-vos um reconfortante “vamos!” retomemos o assunto anterior. O que dizíamos? Deixando de refletir sobre as faltas deste ou daquele, pensai nas vossas lutas contínuas por meio da constância, da paciência, da temperança, das orações, das vigílias sagradas, da continência, das esmolas, da hospitalidade, das múltiplas, duras e penosas provas. Cogitai que, desde jovenzinha até hoje, não cessastes de nutrir o Cristo faminto, de dar-lhe de beber se sedento, de vesti-lo se estava nu, de acolhê-lo se estrangeiro, de prestar-lhe cuidados se doente, de visitá-lo se prisioneiro. Considerai o oceano de vossa caridade, cujas margens alargastes de sorte que até os confins da terra espraiou-se com grande impetuosidade. Efetivamente, não é apenas a casa que é mantida aberta aos recém-vindos, mas em geral na terra e no mar são muitos os que foram honrados com vossa hospitalidade. Através dessas reflexões acumuladas, deliciai-vos e regozijai-vos na esperança das coroas e dos prêmios.

Quanto aos transgressores da lei, aos sanguinários, aos que praticam ações mais graves ainda, se quereis vê-los punidos, isso vereis um dia. Com efeito, Lázaro viu o rico a frigar.⁴² Se os respectivos lugares se distinguiram conforme a diferença da vida, se estavam separados pelo abismo, um no seio de Abraão e o outro em intolerável fornalha, Lázaro contudo o viu, ouviu sua voz e lhe respondeu. De modo semelhante, então, vos acontecerá. Se, com efeito, aquele que desprezou um só homem recebe tal castigo e ao que escandalizou apenas um só homem melhor seria que, tendo uma pedra suspensa ao pescoço, fosse projetado no mar, aqueles que escandalizaram a terra inteira, transtornaram tantas igrejas, encheram tudo de tumulto e agitação, ultrapassaram em crueldade e em desumanidade os bandidos e os bárbaros, de posse do poder entregaram-se a transportes de loucura guiados pelo diabo, com a ajuda dos demônios seus sequazes, e transformaram em motivo de zombaria, para judeus e gregos, o ensinamento terrível, cheio de santidade, digno de quem o divulgou, eles que perderam milhares de almas, causaram mil naufrágios na terra inteira, atearam tão grande incêndio, dilaceraram o corpo de Cristo e dispersaram seus membros por todos os lados... “Ora, vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros, cada um por sua parte”.⁴³ Entretanto, de que serve o empenho em manifestar sua inexprimível loucura? Qual castigo estará reservado, em vossa opinião, a esses devastadores, a esses sanguinários?

Se, efetivamente, os que não alimentaram o Cristo faminto são condenados com o diabo ao fogo inextinguível, ponderai qual o castigo a que haverão de ser submetidos os que reduziram à fome coros de monges e virgens, à nudez os que estavam vestidos, não somente não acolheram os estrangeiros como ainda os expulsaram, não apenas descuidaram dos doentes, mas os afligiram ainda mais, não visitaram os prisioneiros, mas fizeram lançar na prisão os que estavam livres de cadeias! Então, vê-los-eis inflamados, queimados, encadeados, a ranger os dentes, a chorar, a gemer em vão, arrependidos sem utilidade e sem proveito, como o rico. Eles, por seu turno, vos verão de posse da bem-aventurada herança, coroada, a cantar com os anjos e a reinar com o Cristo. Haverão de gritar muito, lamentar-se e arrepender-se das palavras insensatas que proferiram contra vós, dirigindo-vos súplicas, invocando vossa compaixão e sentimentos humanos, tudo porém em vão.

11. Meditando e cantando para vós mesma tudo isso sem cessar, podereis sacudir tal poeira. Existe, contudo, outro principal motivo de aflição. Eu o sei, vamos! Preparemos um remédio para esse pensamento com o que já dissemos e o que vamos dizer agora. Na verdade, sei que sofreis não apenas por tais motivos, mas ainda por estardes longe deste nada que somos nós, que vos lamentais sem cessar e o dizeis a todo mundo: “Não ouvimos mais esta voz, não fruímos de seus habituais ensinamentos. Sofremos fome. Suportamos agora aquilo com que outrora Deus ameaçou os hebreus: fome não de pão, nem sede de água, mas fome da doutrina divina”.

Que resposta daremos? É possível, em nossa ausência, conviver com nossos livros. E cuidaremos, se encontrarmos correio, de vos enviar sempre cartas numerosas e longas. Mas se desejais ouvir-nos de viva voz, talvez isso aconteça e podereis rever-nos, com a graça de Deus. Não: talvez. Sem dúvida. Relembrar-vos-emos que não o asseguramos em vão, nem para vos enganar e contradizer, mas ouvireis de viva voz o que agora sabeis por carta.

Se a expectativa vos aflige, certifiquei-vos de não ser inútil, mas alcançar-vos grande recompensa, se tolerada com ânimo forte, sem palavras amargas; em vez disso, glorificando a Deus por esta razão, conforme sempre agis. O combate não é pequeno. Ficar longe de uma alma querida exige ânimo forte, espírito amante da sabedoria. Quem o disse? Se alguém tem verdadeira amizade, se conhece a força do amor, sabe o que quero dizer.

No entanto, para evitarmos delongas em procurar quem ame verdadeiramente (isto é muito raro!), acorramos ao bem-aventurado Paulo, e ele nos dirá a qualidade do combate e que disposição de alma é necessária. O próprio Paulo, que se despojara da carne e renunciara ao corpo, percorria a terra, reduzido quase só ao espírito, e expulsara do pensamento qualquer paixão, imitando a impassibilidade das potências espirituais, e habitara na terra como se fosse o céu, vivendo nas alturas com os querubins e participando nas místicas melodias, facilmente tolerou tudo, padecendo como se fosse em corpo alheio a prisão e as cadeias, as detenções e os açoites, as ameaças e a morte, a lapidação, o naufrágio e todas as espécies de tormentos. No entanto, estando longe de uma alma querida, ficou transtornado e perturbado a ponto de escapar logo da cidade onde não encontrou o amigo que esperava rever. Tornou-se isso perceptível em Trôade, que ele deixou então porque não lhe podia trazer o amigo. Assegurou: “Cheguei então a Trôade para lá pregar o evangelho de Cristo, e embora o Senhor me tivesse aberto uma porta grande, não tive repouso de espírito, pois não encontrei Tito, meu irmão. Por conseguinte, despedi-me deles e parti para a Macedônia”.⁴⁴

Que é isso, Paulo? Tendo sido amarrado com os pés em cepos, em prisão, conservando ainda as marcas dos açoites, com o dorso manchado de sangue, praticáveis os ritos da iniciação, batizáveis, oferecíeis o sacrifício e não menosprezáveis um só homem que devesse ser salvo; ao chegardes, porém, a Trôade, vendo o campo lavrado, pronto a receber a semente, a pesca abundante e fácil, abristes mão de tamanho lucro, apesar de ser este o motivo determinante de vossa vinda! “Cheguei então a Trôade para lá pregar o evangelho” (isto é, por causa do evangelho e sem contraditores), “pois me foi aberta uma porta”, afirma ele. E imediatamente de lá fugistes? – “Sim; caí sob o jugo da tristeza, que dominou-me, de sorte que fui obrigado a agir assim”. Não precisamos de conjecturas, porque ele próprio nos informa sobre o que sofreu devido à tristeza. De fato, ele revela a causa de sua

partida nesses termos: “Não tive repouso de espírito, pois não encontrei Tito, meu irmão. Por conseguinte, despedi-me deles e parti”.

12. Vede como constitui rude combate suportar com mansidão o afastamento do ser amado? Como é doloroso e amargo, e faz-se mister possuir uma alma elevada e corajosa? É esse combate que enfrentais agora. Quanto mais intenso o combate, maior a coroa, mais brilhantes os prêmios. Consolai-vos com tal expectativa e porque certamente vos veremos coberta das merecidas flores, coroada e em público proclamada. Com efeito, não basta aos que amam estarem unidos espiritualmente, não o consideram suficiente conforto, mas têm necessidade da presença física. E se esta lhes é negada, não pequena parte de felicidade é-lhes roubada.

Mas, se ainda voltarmos ao nobre rebento da caridade, descobriremos que assim é. Pois, ao escrever aos macedônios, eis como ele se exprime: “Nós, porém, irmãos, órfãos por um momento de vossa companhia, não de coração mas só de vista, desejamos muito vos rever. Quiséramos ir visitar-vos – eu mesmo, Paulo, quis fazê-lo muitas vezes –, mas Satanás me impediu. Por isso, não podendo mais suportar, resolvemos ficar sozinhos em Atenas, e enviamos a Timóteo”.⁴⁵ Que força em cada palavra! Demonstra claramente a flama da caridade que fulgurava em sua alma. Efetivamente, não diz: separados, nem arrancados, nem desunidos, nem abandonados, e sim: órfãos de vossa companhia. Encontrou a palavra exata a fim de exprimir o desgosto de sua alma. E como desempenhava o ofício de um pai para todos, emprega a linguagem dos orfãozinhos que perderam bem cedo o progenitor, manifestando seu excessivo pesar.

Nada de mais doloroso para as crianças do que ficarem órfãos muito cedo, porque devido à idade nada podem por si mesmas, não têm verdadeiramente quem as proteja, e são muitos os que as atacam e lhes armam ciladas, quais ovelhas no meio de lobos que, vindos de todos os lados, as dilaceram e estraçalham. Ninguém por palavras consegue descrever a grandeza desse infortúnio. Por isso, Paulo, hesitante, à busca de um termo que exprimisse abandono, terrível infelicidade, no intuito de manifestar seu sofrimento longe daqueles que amava, utilizou esta palavra; depois acentuou: “Órfãos”, diz ele, “não por muito tempo, mas momentaneamente, e separados, não de pensamento, mas somente de corpo, mesmo assim não suportamos a dor daí resultante e no entanto tínhamos o consolo suficiente de ficarmos unidos espiritualmente, de vos trazer em nosso coração, de vos ter visto recentemente. Mas, nada disso nos livra da angústia”. Mas que quereis e desejais, dissei-me, e desejais com tanto ardor? A própria vista. “Apressamo-nos bastante para vos rever”.⁴⁶ Que dizeis, ó homem tão importante e tão grande? Vós, para quem o mundo está crucificado e estais crucificado para o mundo?⁴⁷ Vós que renunciastes a tudo o que é carnal, e quase sois incorpóreo, vos deixastes assim reduzir à servidão por aquele amor a ponto de declinardes para esta carne lodosa, terrena e sensível? “Sim”, diz ele, “não me envergonho de confessá-lo, mas gabo-me disso, pois tenho dentro de mim uma caridade exuberante, mãe de todos os bens, e é isto que eu procuro”. E não busca apenas a presença física, mas sobretudo deseja ver-lhes o rosto. “Temos muita pressa de ver vosso rosto.” Aspirais a vê-los, dissei-me, e desejais contemplar seu rosto? “Sim, muito”, diz ele. “No rosto acham-se reunidos os órgãos dos sentidos. Pois a alma inteiramente despojada, unida a outra alma, nada fala

nem ouve. Se, porém, eu tiver a presença física, direi alguma coisa, ouvirei aqueles que amo. É por isso que desejo ver vosso rosto. Lá se encontra a língua que emite o som expressivo dos sentimentos, o ouvido que recolhe as palavras, os olhos que transmitem os movimentos da alma. Por meio de tudo isso, gozo melhor da companhia da alma querida.”

13. Para entenderdes que ele suspira por vê-los, depois de dizer: “Apressamo-nos bastante”, como se não fosse suficiente, acrescentou: “com grande desejo”. Além disso, não quer se confundir com os outros, e demonstra amar com mais ardor. Após dizer: “Apressamo-nos bastante e queríamos ir para junto de vós”, distingue-se dos outros e apresenta-se sozinho, acrescentando: “Eu, Paulo, primeira e segunda vez”, mostrando que ele mais se apressava.

Não tendo conseguido, não se contenta com as cartas: envia coisa melhor, seu companheiro Timóteo, em vez de carta. Por esta razão acrescenta: “Não podendo mais suportar...” Nobreza de elocução, vigorosa expressão, prova de amor incontido e irreprimível! Alguém no meio de um incêndio, à procura de proteção contra o fogo, recorre a tudo; assim Paulo, inflamado, sufocado, queimado, descobre possível socorro, quanto lhe é facultado. “Não podendo mais suportar”, diz ele, “enviamos Timóteo, ministro do evangelho” e nosso colaborador, privando-nos do membro mais indispensável da comunidade, trocando um pesar por outro. De fato, ele não suportava de bom grado esta ausência, mas por causa deles aceitou este rude sofrimento, conforme revela na declaração: “Resolvemos ficar sozinhos”. Ó alma, mais precisamente tu te transformaste em caridade. Por se ter separado de um só irmão, assegura que está sozinho, e no entanto havia tantos junto dele!

Meditai incessantemente nisto também vós, porque à medida que é dolorosa a situação, assumida com ação de graças, maior a recompensa. Não são efetivamente apenas as feridas corporais, mas também as dores da alma que alcançam coroas inefáveis, e as aflições da alma, se acolhidas com ação de graças, mais que as do corpo. Se suportardes nobremente ter o corpo estraçalhado e flagelado e, por isso, louvardes a Deus, alcançareis enorme galardão; e também, havendo a alma padecido agora idênticas torturas, aguardai numerosos prêmios. Imaginai que, na realidade novamente nos vereis, ficando livre desta amargura, e retirareis da aflição grande lucro para o futuro e o presente. Bastem estas reflexões para conforto não somente vosso, mas até de um insensato, de alma dura como pedra. Onde houver vasta inteligência, rica piedade e alta filosofia, e uma alma que tenha calcado aos pés a fantasia dos bens terrestres, muito mais rápida será a cura.

Demonstrareis, portanto, a afeição por nós pelo fato seguinte: a grande influência que exercerem sobre vós as nossas cartas, tão forte quanto a da presença. Manifestá-lo-eis com a notícia de que delas tirais algum proveito, ou melhor, não somente algum, mas tão grande quanto nosso desejo. Anelamos, porém, por terdes agora alegria igual à que percebíamos quando estávamos reunidos. E se tal nos for noticiado, não será pequeno o conforto no isolamento em que atualmente nos achamos. Se, pois, quereis que tenhamos maior alegria (sei que quereis e nisso assaz vos empenhais), fazei-nos ciente de que depusestes o fardo da tristeza e estais tranqüila, em retribuição de nossa afeição e benevolência. Efetivamente, sabeis, sabeis muito bem que nos reanimareis se assim agirdes e, por meio de cartas, com sinceridade disso nos certificardes.

1. Por que vos lastimais? Por que vos flagelais e afligis com pesares que os inimigos não tiveram força para vos causar, entregando a alma à tirania da tristeza? Pois as cartas enviadas por intermédio de Patrício revelaram os traumas de vosso espírito. Por isso muito me aborreci e me afligi, porque devíeis vos esforçar e empregar todos os meios para expelir a tristeza da alma, agitada a revolver cogitações dolorosas, a imaginar coisas inexistentes (conforme vós mesma afirmastes), e a atormentar-vos fortuitamente e em vão, com enorme dano. Para que, pois, entristecer-vos, visto que não pudestes nos transferir de Cucuso? Mas, quanto dependeu de vós, nos transferistes, porque tudo movimentastes e empregastes todos os recursos. Se a questão não chegou a bom termo, nem por isto convém atribular-vos. Talvez aprouve a Deus obrigar-me a um percurso mais longo a fim de que as coroas sejam mais brilhantes. Para que sofrer por aquilo que difundem a nosso respeito quando conviria saltar de alegria, formar um coro e cingir coroas, por termos sido considerados dignos de tal honra além de nossos méritos?

É a solidão dos lugares que vos aflige? Mas, o que há de mais agradável que a estada aqui? Tranqüilidade, calma, muito lazer, bem-estar. Se a cidade não possui praça pública nem mercado, não me interessa. Recebo todo o necessário como se proviesse das fontes. De fato, aqui estão meu senhor, o ordinário do lugar, e meu senhor Dióscoro, que só se preocupam com uma coisa: nosso conforto. O excelente Patrício vos dirá como vivemos cercados de alegria, felicidade, cuidados. Foi o que sucedeu desde nossa chegada. Se lamentais os acontecimentos em Cesaréia, não condiz convosco. Ali, foram-nos tecidas esplêndidas coroas, a tal ponto que todos nos exaltam, elogiam publicamente, admiram, estupefatos diante do que sofremos por ocasião da expulsão. Mas ninguém o saiba por ora, apesar de muitos difundirem a notícia. Meu senhor Paiânio contou-me que os presbíteros de Farétrio lá se achavam. Afirmaram que estavam em comunhão conosco, e nada tinham em comum com nossos contraditores, nem com eles mantinham relações ou comunhão. Ninguém, contudo, saiba disso, para evitar-lhes tumultos. Na verdade, o que nos sucedeu foi muito doloroso. Ainda que não tivéssemos outros sofrimentos, bastaria o que ali aconteceu para obtermos mil troféus, a tal ponto foi extremo o perigo. Suplico-vos guardar segredo; vou contar resumidamente, não para vos afligir, e sim para vos alegrar. Pois são estas as fontes de meus lucros, as riquezas, os tributos de meus pecados, caminhar incessantemente no meio de tais tribulações, e infligidas por aqueles dos quais de forma alguma teria esperado.

Quando estávamos para entrar na Capadócia, depois de nos termos desembaraçado do Gálata, que quase nos ameaçara de morte, muitos vieram ao nosso encontro no caminho, dizendo: “O senhor Farétrio vos aguarda, circula por toda parte, receoso de não ter a sorte de vos encontrar e tudo faz e emprega todos os meios para vos ver, estreitar-vos nos braços e mostrar todo o seu afeto. Movimentou os mosteiros de homens e de mulheres”. Ouvindo isso, nada de semelhante esperava, e era o contrário que suspeitava comigo mesmo. Mas nada dizia a nenhum daqueles que me anunciavam essas boas notícias.

2. Quando, porém, cheguei enfim a Cesaréia, alquebrado, extenuado, devorado por febre ardente que atingira o auge, fora de mim, sofrendo males extremos, encontrei uma hospedaria situada na periferia

da cidade e empenhei-me por encontrar um médico para extinguir aquela fornalha. Estava então no auge da febre terçã. A isto acrescentavam-se a fadiga da viagem, o esgotamento, a prostração, a carência de enfermeiros, a privação do necessário, a falta da presença de um médico, a tensão proveniente do cansaço, o calor, as vigílias; quase exânime entrei na cidade. Então chegaram o clero todo, o povo, os monges, as monjas, os médicos; todos solícitos, trazendo-nos tudo, ministrando-nos, servindo-nos. Mas, tomado de febre muito alta, estávamos correndo perigo extremo. Finalmente, a doença se acalmou um pouco e cedeu. De Farétrio, nada; ele esperava nossa partida. Não sei o que pensava.

Vendo que a doença cedia devagar, queria partir a fim de chegar a Cucuso e descansar um pouco das tribulações da viagem. Enquanto estávamos lá, de repente anuncia-se que uma multidão inumerável de isauros percorria a região de Cesaréia, depois de incendiar uma grande aldeia e ter cometido os piores desatinos. O tribuno, ao ouvir isto, tomando os soldados de que dispunha, partiu para fora. Temia-se verdadeiramente um ataque à cidade e todos estavam com medo, angustiados, vendo em perigo o solo pátrio, de sorte que os próprios anciãos participavam da guarda das muralhas.

Assim andavam as coisas quando, de repente, perto da aurora, uma horda de monges (convém falar deste modo, com uma expressão sugestiva de seu furor) lançou-se sobre a casa onde estávamos, ameaçando incendiá-la, pilhá-la, reduzir-nos a nada se não saíssemos. Nem o temor dos isauros, nem a grave doença, nem qualquer outra razão os comoveu, mas insistiam respirando tal raiva que até os nossos guardas tiveram medo. De fato, ameaçavam-nos de golpes e gabavam-se de já terem batido vergonhosamente em muitos guardas. Ao ouvirem isso, os guardas se refugiaram perto de nós, rogando e suplicando: “Mesmo se tivermos de combater os isauros, livrai-nos destas feras”. Informado dos acontecimentos, o governador correu a nossa casa querendo nos socorrer. Mas os monges não atenderam nem mesmo a seus pedidos, de maneira que ele próprio desanimou. Vendo a gravidade da situação, e sem ousar aconselhar-nos a sair ao encontro de morte certa, nem a ficar por causa do enorme furor deles, enviou uma mensagem a Farétrio, exortando-o a dar-nos um prazo de poucos dias, por causa da doença e do perigo iminente. Porém, nada conseguiu, e em seguida os monges se tornaram mais violentos, de forma que nenhum dos presbíteros ousava nos assistir e socorrer; vexados, corando de vergonha (pois dizia-se que tudo isso se fazia com o consentimento de Farétrio), furtavam-se, escondiam-se e, se os chamávamos, não atendiam.

Para que dizer mais? Entre esses temores, tendo a morte por certa, consumido de febre (não tivera ainda alívio dos males que ali me sobrevieram), em pleno meio-dia, jogando-me numa liteira, fugi de lá, enquanto o povo gritava, berrava, lançando imprecações contra o fator desta maldade, e todos gemiam e se lamentavam.

Depois que partimos da cidade, alguns dos membros do clero, tendo saído isoladamente, acompanhavam-nos com suas queixas. Nós os escutávamos a dizer: “Aonde o levais para uma morte certa?”. Um outro, que nos dedicava grande amizade, declarava: “Parti, por favor. Caí nas mãos dos isauros, contanto que vos afasteis de nós. Seja onde for que cairdes, estareis em maior segurança se escapardes de nossas mãos”. A excelente senhora Selêucia, esposa de meu senhor Rufino (ela realmente cuidou muito de nós), tendo ouvido e visto tudo isso, pediu e suplicou que nos hospedássemos em sua propriedade, a cinco milhas da cidade; enviou-nos homens e partimos para lá.

3. Contudo, nem ali devíamos escapar dessa conspiração. Quando Farétrio o soube, fez-lhe, conforme ela assegurou, muitas ameaças. Ao ser recebido em sua propriedade, eu ignorava tudo isso. De fato, tendo vindo ao nosso encontro, escondeu-nos o fato, recomendando ao intendente que lá estava que nos proporcionasse completo repouso, e se alguns monges viessem com o intuito de nos injuriar ou maltratar, reunisse camponeses de outras propriedades e a eles resistissem. Convidou-me até a refugiar-me em sua própria casa, que era bem defendida e ao abrigo de ataques, de sorte que podia escapar das mãos do bispo e dos monges. Mas não aceitamos e ficamos no subúrbio, ignorando o que viria depois. Nem isso bastou para acalmar seu furor contra nós. No meio da noite, sem que nada soubéssemos (pois Farétrio exercia muita pressão, com terríveis ameaças, como se diz, constrangendo, insistindo para nos expulsar também de sua propriedade), a mulher, não podendo suportar o ódio dele, anunciou, sem que eu o soubesse, que os bárbaros estavam chegando; tinha vergonha de confessar a coação que lhe impingiam. E no meio da noite, entrou o presbítero Evécio, acordou-me com grandes gritos, dizendo-me: “Levantai-vos, por favor, os bárbaros se aproximam, estão bem perto daqui”. Imaginai o estado em que fiquei com esta notícia. Perguntei-lhe, então, o que devíamos fazer. “Não podemos nos refugiar na cidade para não termos destino mais cruel do que aquele que nos podem dar os isauros”. E forçava-me a sair.

Era noite sem luar, plena noite, completamente obscura, tenebrosa; e isso piorava nossas condições. E ninguém nos assistia, ninguém nos socorria, todos nos abandonaram. Entretanto, impelido pelo temor e contando com morte iminente, levantei-me sob o peso do infortúnio, depois de mandar que se acendessem os fachos. Porém, o presbítero mandou apagá-los, de medo, disse ele, que os bárbaros atraídos pela luz nos atacassem. E apagou os fachos. Então, o jumento que carregava a liteira (porque a estrada era muito estreita, escarpada, rochosa) tendo caído sobre os joelhos, arrastou-me, a mim que estava dentro, e por pouco me matava. Depois, saltei da liteira, fui me arrastando, sustentado pelo presbítero Evécio (que também desceu de seu animal) e assim, guiado pela mão, mais me arrastava que andava. Não era possível caminhar num terreno tão irregular, de montanhas intransitáveis, no meio da noite. Imaginai o que naturalmente suportei, envolvido em tais males, com febre, ignorando a cilada, mas com medo dos bárbaros, trêmulo e na expectativa de cair em suas mãos. Não vos parece que só estes sofrimentos, mesmo se outra coisa não me sucedesse, poderiam apagar muitos pecados e dar-me oportunidade de obter maior glória?

O motivo, a meu ver, consistia em que, logo que cheguei a Cesaréia, todos, os magistrados, seus assistentes, aqueles que exerciam influência junto do governador, alguns tribunos, todo o povo ia me visitar diariamente, cercava-me, estimava-me mais do que a pupila dos olhos. Foi este, acredito, o aguilhão para Farétrio; a inveja dele, que me perseguia desde Constantinopla, nem ali terminou, creio eu. Não posso provar, mas suponho.

Como descrever as outras circunstâncias da viagem, os temores, os perigos? Relembrando-os cada dia e trazendo-os todos sempre na memória, vôo prazerosamente, exulto, pois está-me reservado grande tesouro. Sou assim e assim continuo a ser. Por esta razão, suplico-vos que vos alegreis e fiqueis contente, exultando e glorificando a Deus que nos julgou dignos de suportar tais padecimentos. E vos peço guardar este segredo só para vós, e a ninguém transmiti-lo, embora os soldados talvez

encham a cidade inteira com a notícia, porque eles mesmos estiveram expostos aos piores perigos. Ninguém o saiba, contudo, por vosso intermédio, e fazei com que se calem os que disso estiverem falando.

4. Se os resquícios da maldade vos causam dor, ficai ciente de que estou completamente livre de tudo e sinto-me fisicamente mais forte do que no tempo em que vivia aí. Estais com medo do frio? Entretanto, foi-nos cedida uma casa bem adaptada. Meu senhor Dióscoro faz o possível e emprega todos os meios para que não sintamos nem um pouco de frio. Se me é permitido calcular segundo os inícios, a atmosfera atual parece-me a do Oriente, e nada menos que a de Antioquia. Tão grande é a boa temperatura, tão grande a suavidade do ar.

Fiquei muito pesaroso com as vossas palavras: “Talvez estejais aborrecido porque fomos esquecida”. Todavia, há muitos dias vos escrevi, suplicando-vos não me tirar daqui. De meu lado, penso que necessitaríeis de uma apologia, de muitos suores e esforços para justificar esta sentença. Talvez em parte a justificastes, dizendo: “De fato, talvez pense assim para aumentar meu tormento”. Mas justamente julgo ser grande motivo de censura dizer: “Alimento meu desgosto com minhas cogitações”. Pois convém tudo fazer e empregar todos os meios para suprimir o tormento, e fazeis a vontade do diabo aumentando vossa tristeza e pesar. Não sabeis, pois, que a tristeza é um grande mal? Relativamente aos isauros, não é necessário ter medo ainda. De fato, eles voltaram para sua região. O governador fez o possível para isso. Estamos aqui em grande tranqüilidade, muito mais do que no tempo que passamos em Cesaréia. Aliás, de ninguém tenho tanto medo como dos bispos, com poucas exceções. Numa palavra, quanto aos isauros, não deveis ter medo algum. Partiram e, quando começou o inverno, fecharam-se em casa. Se saírem, será depois de Pentecostes.

Como podeis dizer que não tendes o prazer de receber cartas? Já vos enviei três, uma por meus guardas, outra por Antônio, outra por Anatólio, vosso servo, e eram longas. Duas delas principalmente continham um remédio salutar, próprio para reanimar qualquer um que estivesse desencorajado, escandalizado, e para restituir-lhe alegria completa. Quando as receberdes, deveis relê-las sem cessar, integralmente. Vereis a força nelas contida, compreenderéis o bom resultado e a utilidade do tratamento, e comunicai-nos qual o proveito que delas retirastes. Tenho pronta a terceira, sobre o mesmo assunto. Não quis enviá-la agora, porque fiquei muito aborrecido com o que declarais: “Acumulo pensamentos dolorosos, imaginando coisas inexistentes”. Palavra indigna de vós, que me envergonha e me faz cobrir o rosto. Além do mais, lede as supramencionadas cartas e não falareis mais assim, mesmo se mil vezes tiverdes o ímpeto de vos acabrunhardes. Uma vez que me pusestes a par do assunto do bispo Heráclides, se ele quiser, pode pedir demissão e deixar tudo; não lhe resta outro recurso. Quanto a mim, embora não tenha conseguido grande coisa, pelo menos adverti a minha senhora Pentádia que empregasse toda diligência se descobrisse algum alívio para o mal. Segundo dizeis, foi por ordem dele que tivestes a ousadia de me informar acerca dessas tribulações. Que ousadia haveria nisso? Jamais cessei nem cessarei de afirmar que a única tribulação é o pecado. O restante não passa de pó e fumaça. O que há de penoso, na verdade, em permanecer num cárcere e em cadeias? O que há de penoso em sofrer, quando o sofrimento é a garantia de tão grande lucro? O que há de aflitivo no exílio? Na confiscação dos bens? São palavras vazias de efeitos terríveis, palavras

destituídas de aflições. Se, porém, vos referis à morte, tratais do tributo devido à natureza, ao qual tereis de vos submeter, ainda que ninguém vo-la inflija. Se aludis a um exílio, nada mais representa que ver outra região e muitas cidades. Se falais de espoliação de bens, significais liberdade e feliz libertação.

5. Não abandoneis o bispo Maruthas; cuidai dele, quanto possível, para tirá-lo do abismo. Preciso muito dele por causa da questão da Pérsia. Procurai saber, se possível, o que ali pôde fazer, por que voltou e comunicai-me se lhe entregastes as duas cartas que enviamos. Se ele nos responder, escrever-lhe-ei novamente. Se não quiser escrever, comunique a vós se algum bem foi feito ali e se ele espera melhorar a situação com sua volta. Este o motivo por que eu queria entrar em contato com ele. Aliás, resolva-se tudo por vosso intermédio, e mesmo que todos se precipitem, cumpri o que vos incumbe. Vossa recompensa será completa. Apropriai-vos dela, portanto, à medida do possível.

Por favor, não tratai negligentemente o que vou dizer: empregai grande zelo nesta questão. Os monges marsos e godos, entre os quais estava escondido o bispo Serapião, contaram-me que o diácono Maduários foi anunciar-lhes que Unilas, aquele bispo admirável ao qual outrora impus as mãos e enviei a Gótia, após ter realizado muitas obras grandiosas faleceu; e veio trazendo uma carta do rei dos godos, pedindo que lhes fosse mandado um bispo. Como não vejo outra solução para transformar a catástrofe iminente em bem do que contemporizar e adiar (pois não seria possível navegar pelo Bósforo agora, nem para aquela região), fiz com que se espere durante o inverno. Mas não acolhais esta recomendação de qualquer modo; é importantíssima. Efetivamente, duas coisas me afligirão muitíssimo se acontecerem, que Deus não permita: que se realize uma eleição entre aqueles que praticaram tanto mal e de maneira contrária à justiça, e que seja eleito qualquer um. De fato, eles pouco se importam de consagrar alguém que não o mereça, como bem o sabeis. Se isto suceder, e queira Deus que não aconteça, sabeis o que daí resultaria. A fim de evitá-lo, empregai toda a diligência. Se for possível que Maduário venha logo ter conosco, sem ruído e às ocultas, seria ótimo. Se não for, faça-se o que se puder.

Sucede nos negócios o mesmo que acontece com as riquezas e o que sobreveio àquela viúva. Ela, de fato, por ter dado dois óbolos, superou os que tinham dado mais porque se despojara de tudo o que tinha;⁴⁸ igualmente, os que se dão com todas as forças e fazem o possível para solucionar uma questão, mesmo se nada obtiverem, obtêm a recompensa ligada a sua ação.

Agradeço profundamente ao bispo Hilarião; escreveu-me para pedir licença de voltar a sua Igreja, de ali colocar tudo em ordem e em seguida voltar. Como sua presença me presta grande auxílio, pois é piedoso, perseverante e de zelo ardente, eu lhe roguei na partida que voltasse depressa. Fazei de sorte que minha carta lhe seja entregue rápida e seguramente e não se desvie. De fato, ele reclamou uma carta com grande desejo e insistência e sua presença me é utilíssima. Bastante cuidado, portanto, com minhas cartas. Se o presbítero Heládio não está aí, tratai de remetê-las a nossos amigos por intermédio de um homem prudente e sensato.

1. Os corpos que se debateram em febre alta, os mares que resistiram a ventos impetuosos, nem

imediatamente os primeiros se recuperam do mal causado pela febre, nem os segundos da agitação causada pelas vagas, e sim devagar e paulatinamente. Pois os corpos precisam de um tempo bastante longo, depois que a febre os largou, para recuperar a saúde e livrar-se da fraqueza remanescente da moléstia. As águas, depois que os ventos se acalmaram, ficam revoltas e agitadas, impelidas e arrastadas com grande impetuosidade, e igualmente necessitam de tempo para voltar à plena calma.

Propositadamente comecei com este proêmio, a fim de entenderdes que sou coagido a enviar-vos esta carta. Se as cartas precedentes conseguiram derribar a tirania da tristeza e destruir a cidadela, no entanto sinto grande necessidade de sustentar-vos com a palavra, a fim de se produzir em vós paz profunda e, eliminada a lembrança dos movimentos desordenados, que a calma surja clara e firme e se estabeleça perfeita alegria.

Nossa meta é a seguinte: não apenas expelir a tristeza, mas também encher-vos de grande e permanente alegria. Aliás, isto é possível, se o quiserdes. Com efeito, a alegria não depende de leis imutáveis da natureza, que não se podem domar e alterar, mas das livres decisões da vontade, fácil de ter nas mãos. E sabeis, se vos lembrais (pois não decorreu muito tempo) que anteriormente me dediquei a muitos e longos discursos sobre o assunto, e sempre mencionava exemplos da história de que tratava. A felicidade não se origina tanto da natureza das coisas, como da concepção que têm os homens.

Assim sendo, e visto que muitos homens afogados em riquezas julgaram que a vida não valia a pena ser vivida, enquanto outros, que viviam em extrema pobreza, não deixaram de ser os mais alegres; uns usufruindo de uma guarda de honra, de glória e de honrarias muitas vezes maldisseram a vida, enquanto homens obscuros, de origem humilde e que em nada se destacavam, julgavam-se mais felizes que muitos outros – pois a alegria não depende da natureza das coisas, mas da concepção que têm os homens (não cessarei de cantar continuamente este refrão) – não vos deixeis abater, minha irmã. Reerguei-vos, estendi a mão com gosto a nossas palavras e colaborai com vossa valiosa ajuda, para que possamos vos arrebatrar completamente da escravidão amarga de vossas cogitações. Se, portanto, não quereis empregar zelo idêntico ao nosso, de nenhuma serventia será o tratamento. É de admirar que isso aconteça? Quando o próprio Deus onipotente exorta e aconselha, mas o ouvinte não atende às suas palavras, nada daí se origina a não ser previsão de maior castigo para o desobediente. E Cristo, a fim de expor esta questão, declarava: “Se eu não tivesse vindo e não lhes tivesse falado, não seriam culpados de pecado; mas agora não têm escusa para o seu pecado”.⁴⁹ Por isso, gemendo por causa de Jerusalém, declarava: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, e não quiseste! Eis que a vossa casa ficará abandonada”.⁵⁰

2. Ciente dessas coisas, minha senhora, por Deus tão amada, esforçai-vos, empenhai-vos com energia em ajudar, conforme dissemos, a expulsar e repelir energicamente os pensamentos que vos perturbam e causam tal agitação e tempestade. Se, contudo, puserdes em ação e acolherdes as nossas exortações, penso que não haverá dúvida. Mas é preciso agora preparar espadas, lanças, arcos, flechas, couraças, escudos e cnêmidas, para vos proteger com uns, derrubar e demolir com outros e transformar em

cadáveres os pensamentos que vos assaltam e tumultuam. Donde tiraremos essas máquinas de guerra e esses projéteis de modo a impedir a aproximação dos inimigos, e vigorosamente repeli-los ainda de longe? Da própria tristeza, quando refletirmos um pouco sobre ela, mostrando que constitui um fardo pesado e esmagador.

A tristeza, na realidade, é para as almas um local horrível de tortura, uma espécie de dor inexplicável, castigo mais amargo do que todos os tormentos e penalidades. Assemelha-se a um verme venenoso que corrói não somente a carne, como a própria alma, e não só tritura os ossos, mas também a mente; um carrasco perpétuo que não rasga as costas, e sim arruína o vigor espiritual; uma noite contínua e trevas sem luar; é tempestade, agitação, fogo secreto mais ardente que qualquer chama, guerra sem tréguas, doença que sombreia a maioria das coisas visíveis. O sol, porém, e a limpidez da atmosfera para os assim mal-dispostos parecem importunação e o pleno meio-dia compara-se à noite profunda.

Por isso, o admirável profeta o comprovava: “Eu farei o sol declinar para eles em pleno meio-dia”.⁵¹ Não quer dizer que o astro desapareça ou interrompa o curso habitual, mas que a alma entristecida imagina ser noite o momento mais brilhante do dia. Na verdade, a sombra da noite não é comparável à noite da tristeza que não segue a lei da natureza, mas origina-se do obscurecimento dos pensamentos, algo de terrível e insuportável. Tem aspecto implacável, é mais cruel do que qualquer tirano, não cede facilmente a nenhum dos que querem dissipá-la, mas freqüentemente segura com mais força que o aço a alma aprisionada, se ela não se saturar de sabedoria.

3. Mas, por que falar longamente, argumentando sobre o assunto, se é possível procurar os dela dependentes para captar toda a força que detém? Ou melhor, se vos apraz, apresentaremos antes um exemplo haurido em outra passagem. Adão, ao cometer aquele grave pecado e condenar consigo todo o gênero humano, recebeu a sentença de labutar e se afadigar. Aquela, porém, que cometeu falta mais grave, a ponto de que o pecado do homem em comparação com sua falta nem mesmo seria considerado pecado – pois diz a Escritura: “Não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão”⁵² –, aquela, pois, que tinha sido enganada, caiu em transgressão e preparou para si e para o homem a bebida deletéria, foi condenada a castigo maior, capaz de atormentar mais duramente que o trabalho: “Multiplicarei as tuas dores e teus gemidos. Na dor darás à luz os filhos”.⁵³ Em parte alguma “fadiga”, em parte algum “suor”, em parte alguma “labuta”, e sim “tristezas e gemidos”, e o castigo que contrabalança mil penas e mil mortes, ou antes é muito mais doloroso. Entretanto, que há de pior que a morte? Não será talvez o principal dos males entre os homens, o mais terrível, insuportável e digno de mil lamentações? Paulo não asseverou ser este o castigo da transgressão mais grave? De fato, os que se aproximam indignamente dos santos Mistérios e participam daquela mesa terrível, conforme ele afirma, o castigo a que ficam sujeitos é o seguinte: “Eis porque há entre vós tantos débeis e enfermos e muitos morreram”.⁵⁴ Todos os legisladores não condenam a esta pena os que cometeram faltas irreparáveis? E Deus não acrescentou este último castigo em sua lei para aqueles que gravemente pecaram? Não foi por temor da morte que o patriarca que tinha vencido a própria natureza aceitou entregar a própria mulher à sensualidade dos bárbaros, à

tiraniam egípcia e ele mesmo organizou o drama ignominioso e convidou a mulher a representar com ele esta horrorosa tragédia? Ele não corou de lhe sugerir o motivo desta ficção: “Acontecerá quando te virem no viço da juventude, com beleza de atrair os olhares, eles me matarão, deixando-te com vida. Dizei, eu te peço, que és minha irmã, para que me tratem bem por causa de ti e, por tua causa, me conservem a vida”.⁵⁵

Vês o medo, vês o tremor que agita esta alma elevada e amiga da sabedoria? Vês o aço que a angústia amolece? Ele mente a respeito do parentesco, impõe à mulher fingir ser outra personagem, e faz da ovelha uma presa fácil para os lobos. E que mais intolerável para os homens do que ver sua mulher vítima da violência, ou apenas de suspeita? Esta é ainda mais penosa (ora, não se tratava apenas de suspeita, mas de violência efetiva), pois não apenas ele vê, mas ousa preparar a realização e isto lhe parece leve e suportável. De fato, uma paixão vencida a outra, um mal temível a outro mal temível e o medo da morte triunfava do ciúme. E Elias, aquele homem tão grande, por medo da morte, evadiu-se, tornou-se fugitivo, exilado, apenas devido às ameaças de uma mulher de má vida e maldita.

Aquele que fechara o céu e tinha realizado tantos prodígios, não agüentou o temor inspirado por palavras, mas a angústia o abalou de tal modo que esta alma da altura do céu abandonou simultaneamente a pátria, o grande povo em favor do qual passara por tantos perigos e empreendeu sozinho uma viagem de quarenta dias, emigrou para o deserto, depois de ter tido tanta ousadia, tal liberdade de linguagem e haver demonstrado tamanha coragem. O problema é de natureza a causar muito medo. Por isso, a morte, que cada dia sobrevem ao gênero humano, nos impressiona, perturba e deprime diante de cada cadáver, como se aparecesse de repente. Nem a consideração sobre o tempo, nem o fato de nos exercermos cada dia a vê-la têm valor para nos consolar, e a impressão de tristeza e espanto não se atenua com o tempo, mas se renova e aumenta continuamente. Acarreta um temor inalterado e que refloresce cada dia.

É evidente. Quem não ficaria confundido, abatido, ao ver alguém que ontem, há poucos dias, andava, agia, carregava o fardo de mil ocupações, casa, mulher, filhos, escravos, colocado à frente de cidades inteiras, a ameaçar, causar medo, perdoar, impor castigo, ocupar-se de mil questões nas cidades e nos campos, de repente estendido, mudo como uma pedra, enquanto todos se lamentam, ficam abatidos os amigos, a mulher prostrada, arranhando o rosto, com os cabelos soltos, e reunindo em torno de si o coro das escravas com grandes gemidos. E ele nada percebe! Tudo sumiu de repente, o raciocínio, a inteligência, a alma, o brilho dos olhos, o movimento dos membros e sucedem-se tristes condições: afonia e insensibilidade, corrupção, pus, vermes, cinza, pó, fetidez, desaparecimento total e o corpo inteiro prestes a se desfazer em ossadas disformes e vis.

4. No entanto, esse terrível evento, revelado por meio da experiência e da fraqueza desses santos, é muito mais leve do que a tristeza. Por causa dela, aventurei-me a longas digressões para vos instruir acerca de que, à medida dos padecimentos, ser-vos-á reservada recompensa proporcional, ou antes, muito maior. E no intuito de perceberdes que assim é, conforme meus esforços recentes, pressurosamente irei para junto daqueles dos quais a tristeza se apossou.

Ora, o povo hebreu, ao anunciar-lhe Moisés a liberdade e a libertação dos males de que padecia no Egito, nem quis ouvir, e o legislador, em explicação da causa da atitude deles, dizia: “Mas eles não

ouviram a Moisés por causa da ânsia do espírito”.⁵⁶ E quando o Senhor proferiu grandes ameaças contra os judeus devido às múltiplas transgressões da Lei após o cativeiro: a vida em terra estrangeira, a escravidão, a fome, a peste, a antropofagia, adita o seguinte castigo: “Lá eu lhes darei um coração inquieto, olhos amortecidos, uma alma consumida de desgosto”.⁵⁷

Mas, por que falar dos judeus, povo indisciplinado, irrefletido, carnal, que não sabe entregar-se à sabedoria, se é possível encontrar exemplo junto de almas grandes e elevadas? O grupo todo dos apóstolos que conviveram durante três anos com Cristo, receberam abundantes ensinamentos sobre a imortalidade e outros mistérios, realizaram maravilhas e prodígios, e durante tão longo tempo assistiram aos milagres dele próprio e participaram de sua mesa, de sua intimidade, de suas conversas, foram instruídos de todos os modos, ao ouvirem palavras que lhes causavam tristeza, eles que o possuíam sem cessar, dependentes como crianças do seio materno e que não cessavam de lhe perguntar: “Aonde ides?” de tal forma ficaram abafados pela tirania da tristeza, tornaram-se presa de tal desgosto, que já não faziam perguntas. E Cristo, censurando-os, lhes dizia: Ouvistes que “vou para aquele que me enviou” e eu virei de novo a vós “e nenhum de vós me pergunta: ‘para onde vais?’, mas, porque vos disse isso, a tristeza encheu os vossos corações”.⁵⁸ Vedes como a tirania da tristeza obscureceu-lhes o amor e como os tornou prisioneiros colocando-os sob seu jugo?

De novo, o profeta Elias (ainda não pretendo deixá-lo), depois da fuga e retirada da Palestina, não suportando a tirania da tristeza (pois estava profundamente triste; seu historiador no-la faz notória, nesses termos: “Partiu para salvar a vida”), escutai como reza: “Agora basta, Senhor! Retira-me a vida, pois não sou melhor que meus pais”.⁵⁹ Ele suplica em forma de oração a realidade mais terrível, o cume dos tormentos, o principal dos males, o castigo de todo pecado, e tenta colocá-lo na lista dos favores. De tal modo a tristeza é mais terrível que a morte. Para evitar uma, recorre à outra.

5. Agora, quero resolver um problema, visto conhecer vosso interesse na solução de tais questões. Qual o problema? Se ele julgava que a morte é mais fácil de suportar do que a tristeza, porque abandonou às pressas a pátria e o povo para não incorrer na morte? E por que, fugindo dela primeiro, agora a procura? A fim de constatares quanto a tristeza é mais terrível que a morte. Quando o temor desta última era o único a abalá-lo, ele empregava todos os recursos lícitos para evitá-la. Mas, ao se instalar nele a tristeza, ter-lhe-ia revelado sua própria natureza devorando-o, esgotando-o, roendo-o com os dentes, tornando-se-lhe intolerável; então, o sofrimento que ele considerava anteriormente como o pior de todos, pareceu-lhe mais leve que o outro. Foi igualmente para escapar a uma que Jonas recorreu à outra e pede a morte para si, nesses termos: Toma a “minha vida, pois é melhor para mim a morte do que a vida”.⁶⁰

E Davi, quer fale no próprio nome, quer escreva um salmo no lugar de outros atribulados, exprime a mesma opinião: “Enquanto o ímpio estava à minha frente, eu me calei, humilhei-me, em silêncio, embora privado de todo bem e minha dor piorou. Meu coração queimava dentro de mim, ao meditar nisto o fogo se inflamava”,⁶¹ querendo dizer que este fogo mais terrível é a tristeza. Por isso, não podendo mais suportar seus golpes nem as dores que ela provoca, disse: “Exprimi em minhas

palavras...” O que exprimistes, disse-me? Ele também invoca a morte, dizendo: “Mostrai-me o meu fim, Senhor, e qual é a medida dos meus dias, para eu saber por que me retardo aqui”.⁶² Exprime-se com palavras diferentes dos de Elias, mas são idênticos os pensamentos.

Um diz: “Não sou melhor que meus pais”; o outro assim o expressa: “Mostrai-me, Senhor, qual é a medida dos meus dias, para eu saber por que me retardo aqui!”. Por que fui deixado na terra, diz ele, e me retardo, e para que gastar-me nesta vida, enquanto os outros partiram? E deseja de tal forma a morte, ele, ou aqueles em cujo nome fala, que, se ela ainda não está presente, quer saber o tempo de sua vinda: “Mostra-me o meu fim” a fim de daí extrair grande alegria. Assim o que incute medo transforma-se em evento desejável, sob a dor insuportável da tristeza e por causa do fogo que lhe inflama o espírito. Porque, “ao meditar nisso, o fogo se inflamava”.

Por tal tribulação esperai grandes compensações, prêmios numerosos, recompensas inefáveis, coroas esplêndidas e floridas, depois de tamanhas lutas. Efetivamente, não é somente pelo bem praticado, mas também pelo mal suportado que se obtêm numerosas recompensas e fartas remunerações. Vou agora iniciar um discurso para vós e os demais muito proveitoso, capaz de induzir à paciência, despertar a coragem e evitar o desânimo dos que lutam contra as provações.

6. O discurso anterior demonstrou suficientemente que a tristeza é o mais doloroso, o cúmulo dos males, e a maior das coisas temíveis. Resta-nos estabelecer uma comparação entre virtudes e sofrimentos, a fim de compreenderdes claramente que não apenas as virtudes, mas igualmente os sofrimentos alcançam recompensas, recompensas enormes; os sofrimentos não menos que as virtudes, ou melhor, os sofrimentos por vezes com maior vantagem.

Apresentemos, portanto, se vos apraz, esse grande atleta da paciência que brilhou de ambas as maneiras, homem de aço, um rochedo que existiu na terra de Hus, mas alumiou o mundo com o esplendor de peculiar virtude. Narremos as virtudes e os sofrimentos dele, para verificardes donde se origina principalmente o seu fulgor. Quais eram, então, suas virtudes? “Abri sempre minha porta ao viandante, era um porto acolhedor para os estrangeiros”.⁶³ Todos os seus bens eram, por assim dizer, propriedade dos indigentes. “Eu era olhos para o cego, era pés para o coxo. Era o pai dos pobres e examinava a causa de um desconhecido. Quebrava as mandíbulas do malvado, para arrancar-lhe a presa dos dentes. Os pobres, quando necessitavam de alguma coisa, jamais eram repelidos e ninguém saiu de minha casa com as mãos vazias”.⁶⁴ Vedes as diferentes modalidades de seu amor aos homens, os refúgios variados e generosos, e os socorros multiformes aos necessitados? Vós o vedes a aliviar a pobreza, reconfortar as viúvas, defender os oprimidos, e ser temido pelos insolentes? Pois não mostrava zelo apenas assistindo e ajudando (isto muitos o fazem), mas levava a ação até o fim, com muita firmeza: “Quebrava as mandíbulas do malvado”, diz ele, opondo sua previdente bondade ao amor deles pelas disputas. Não era somente aos insultos dos homens, mas ainda às ciladas da natureza que ele resistia com solicitude, remediando-lhe as falhas por meio de generosos auxílios. Com efeito, sendo impossível restituir-lhes os membros, aos cegos os olhos, aos coxos os pés, ele os supria, e por seu intermédio, os que haviam perdido os olhos viam, os que tinham amputado as pernas andavam. A que seria comparável seu amor aos homens?

Conheceis bastante suas outras virtudes, de sorte que é desnecessário prolongar o discurso para enumerá-las: a equanimidade, a mansidão, a sabedoria, a consciência, e – coisa admirável! – enquanto se voltava com veemência contra os injustos, era amável, polido e mais doce que o mel para todos os outros e para os seus domésticos, que, dando provas de grande afeição por ele, diziam: “Oxalá nos deixassem saciar-nos de sua carne!”.⁶⁵ Mas se os domésticos – os quais também por vezes era necessário que o temessem – dedicavam-lhe tanta ternura e amor, muito mais todos os outros homens.

7. Havendo, pois, colecionado esses fatos e outros mais numerosos, vinde comigo ao catálogo de suas provações e vejamos, numa comparação, em que momento ele era mais ilustre. Brilhava mais ao praticar todas essas virtudes ou ao padecer? Ao abrir a casa a todo recém-vindo, ou quando, depois que esta desabara, não proferia uma só palavra amarga, mas bendizia a Deus? De um lado a virtude, e do outro o sofrimento.

Qual o maior fulgor, dissei-me, quando oferecia sacrifícios pelos filhos e entre eles restabelecia a concórdia, ou quando, tendo sido eles soterrados e havendo terminado a vida com o gênero de morte mais amargo, ele recebeu os acontecimentos com sabedoria? Mais se ilustrou, dissei-me, quando com a lã de suas ovelhas aquecia os ombros nus, ou se depois de ser informado de que o fogo que caíra do céu, consumira seu rebanho e os pastores, não se perturbou, mas acolheu a provação com mansidão?

Quando foi maior? Enquanto o vigor físico lhe permitia defender os injustamente oprimidos, quebrando os molares dos opressores, arrancando-lhes a presa dos dentes, fazendo-se para os oprimidos um refúgio seguro, ou quando via o próprio corpo, armadura para eles, consumido pelos vermes, e ele, sentado no esterco, raspava as chagas, com um caco? “Amoleço os torrões com o pus que raspo”,⁶⁶ diz ele. Ora, de um lado só havia virtudes, do outro, tudo era sofrimento. Mas este o fez mais célebre que aquelas. De fato, tratava-se da parte mais dura da luta, que carecia de maior coragem, de alma mais enérgica, de mente mais elevada e de maior amor a Deus.

Por isso, enquanto advinham esses eventos, o diabo, desavergonhado e verdadeiro bandido, objetava: “Acaso é em vão que Jó teme a Deus?”. Mas ao chegarem essas aflições, ele se escondeu, virou as costas, sem poder apresentar uma sombra de petulante contradição. Aqui se encontra o cume da coroa, a flor da virtude, a prova evidente da coragem, o esforço mais apurado da sabedoria. O mesmo bem-aventurado Jó, manifestando quanto a tirania da tristeza é mais temível que a da morte, chama a morte de repouso: “A morte é um repouso para o homem”.⁶⁷ E a suplica como uma graça para ser libertada da outra, dizendo: “Oxalá se cumprisse o que pedi, e Deus concedesse o que espero. Que se dignasse esmagar-me, e me suprimisse”.⁶⁸ A cidade cujas muralhas eu percorria rapidamente, seja meu túmulo! Assim, portanto, a tristeza é o mais pesado dos fardos, mas quanto mais pesado, maiores as retribuições.

8. De outro ponto de vista, a fim de compreenderdes qual o lucro dos padecimentos – mesmo se a aflição não é pela causa de Deus (e ninguém pense que é exagero), mas na realidade é suportada e sofrida nobre e suavemente, acompanhada de graças a Deus por tudo –, o próprio Jó não sabia que sofria no serviço de Deus, e no entanto, merecia ser coroado porque, desconhecendo a causa do

sofrimento, contudo o acolhia nobremente. Igualmente Lázaro,⁶⁹ alquebrado pelas fraquezas físicas (não era propriamente sofrer por causa de Deus), porque agüentou firme o auge do sofrimento, e suportou nobremente o abandono dos que podiam cuidar dele, a dor causada pelas feridas, pela fome, pelo desprezo e a crueldade do rico, sabeis que coroas mereceu. Todavia não encontramos mencionado ato algum de virtude a respeito dele: não compadeceu-se dos pobres, nem assistiu aos injustiçados, nem praticou qualquer boa ação desta espécie, mas verificam-se a prostração diante da porta do rico, o esgotamento, as línguas dos cães e o desprezo do rico, tudo isso do âmbito das provações. Apesar de nada ter realizado de importante, simplesmente porque suportou com nobreza a dor resultante desta situação, obteve a mesma porção que o patriarca que praticara tantos atos de virtude.

Ainda devo dizer, depois disso, outra coisa talvez paradoxal, mas verdadeira. Se alguém praticar uma ação boa, grande e nobre, no entanto sem dificuldade, perigo, ou incomodidade, não receberá notável recompensa. “Cada um receberá o salário próprio, segundo a medida do seu trabalho”,⁷⁰ não de acordo com a virtude, mas segundo a extensão dos padecimentos. Por isso, Paulo, ao glorificar-se, não se gloria somente de ter praticado a virtude e ter agido nobremente, mas por ter sofrido. Depois de dizer: “São ministros de Cristo? Como insensato digo, muito mais eu”,⁷¹ e sugerindo a superioridade de seu mérito por uma comparação, não diz: “Eu anunciei a mensagem a tantos e tantos homens”, mas deixando de lado os atos de virtude que realizou, enumera o que padeceu, nesses termos: “Muito mais pelas fadigas; muito mais pelas prisões; infinitamente mais, pelo açoites. Muitas vezes, vi-me em perigo de morte. Dos judeus recebi cinco vezes os quarenta golpes menos um. Três vezes fui açoitado com varas. Uma vez, apedrejado. Três vezes naufraguei. Passei um dia e uma noite no abismo. Fiz numerosas viagens. Sofri perigos nos rios, perigos por parte dos ladrões, perigos por parte de meus irmãos de raça, perigos por parte dos gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos por parte dos falsos irmãos! Mais ainda: fadigas e duros trabalhos, numerosas vigílias, fome e sede e desnudamento. E isto sem contar o mais: a minha preocupação cotidiana!”⁷²

9. Vedes a fileira de seus sofrimentos e o motivo de se gloriar? Em seguida, acrescenta as boas obras, e entre elas ainda o principal é o esforço, não a virtude. Após dizer: “A minha preocupação cotidiana”, designando deste modo as perseguições contínuas, os tumultos, as dificuldades (é isto que significa: “minha preocupação”), ele acrescentou: “A solicitude que tenho por todas as Igrejas”.⁷³ Não disse: “a orientação”, mas a “preocupação”, que se refere antes ao sofrimento do que à virtude. E prossegue igualmente: “Quem fraqueja sem que eu também me sinta fraco?”. Não declara: “Eu reanimo”, mas: “Eu me sinto fraco”. E ainda: “Quem se escandaliza, sem que eu também me abraze?”⁷⁴ Não disse: “Eliminei o escândalo”, mas: “Participei da tristeza”. Mostrando em seguida o que sobretudo acarreta recompensa, completa: “Se é preciso gloriar-se, de minha fraqueza é que me gloriarei”. E ainda acrescenta outro feito, a fuga pela janela, num cesto, ao longo da muralha. Isto igualmente pertence ao âmbito do sofrimento.

Se, portanto, os sofrimentos acarretam grandes retribuições, no atinente à tristeza, a mais custosa e dolorosa de todas as dores, imaginai quais os prêmios correspondentes! Não cessarei de cantar esse

refrão, para cumprir agora o que prometi no começo: da própria tristeza retirar as deduções que darão origem ao consolo para a tristeza.

De outro ponto de vista, haveis de compreender quanto se enobrece a ação acompanhada de sofrimento e como lhe é inferior idêntica ação, praticada sem esforço. Nabucodonosor, aquele rei babilônio, que vivia entre cetros e diademas, publicou outrora uma boa notícia. Depois do milagre da fornalha, encarregou-se de informar a toda a terra, não apenas de viva voz, mas ainda por escrito, e a todos os lugares enviou uma missiva nos seguintes termos: “O rei Nabucodonosor, a todos os povos, nações e línguas que habitam sobre toda a terra. Entre vós multiplique-se a paz! Aproveu-me anunciar-vos os sinais e maravilhas que o Deus altíssimo fez, em meu favor. Quão grandiosos e poderosos! Seu reino é um reino eterno e seu domínio vai de geração em geração”.⁷⁵ E proclamou um edito que todo o povo, nação e língua que blasfemasse contra o Deus de Sidrac, Misac e Abdênago “fosse condenado à morte e sua casa submetida ao saque. E acrescenta: “Pois não há outro deus que possa libertar dessa maneira”.⁷⁶ Vedes a ameaça contida nessas cartas? Vedes o pavor? Vedes o ensinamento? Vedes o importante arauto e as mensagens dirigidas a todas as regiões da terra? O que me dizeis, então? Receberá ele recompensa idêntica à dos apóstolos, por ter anunciado o poder de Deus desta maneira, por ter sido tão zeloso para propagar em toda parte esta palavra? Não lhe será destinada grande parte, mas uma parte assaz diminuída. Entretanto, realizou a mesma obra que eles. Todavia, como não houve esforço adicional, nem sofrimento, a recompensa foi reduzida. Ele agia assim com toda liberdade e impunemente; aqueles outros achavam-se impedidos, perseguidos, golpeados, torturados, atribulados, jogados do alto de precipícios, afogados no mar, consumidos de fome, entregues à morte cada dia, atormentados no espírito, fracos com os fracos, abrasados com cada um dos escandalizados; mas os prêmios de todas as suas fadigas e tristeza eram bem maiores. “Cada um receberá o seu próprio salário, segundo a medida do seu trabalho”,⁷⁷ não cessarei de repeti-lo continuamente.

Por esta razão Deus, que ama os homens, apesar de Paulo lhe ter pedido muitas vezes que apartasse dele os sofrimentos, as tristezas, o pesar, os perigos, não o atendeu: “A esse respeito, três vezes pedi ao Senhor”, diz ele, mas não obtive o que pedia.⁷⁸ Por que motivo devia ele receber as maiores retribuições? Porque anunciou o evangelho sem dificuldade, no meio de delícias, vivendo na alegria? Porque abriu a boca e moveu a língua, sentado dentro de casa? Seria fácil para qualquer um, mesmo para alguém inteiramente sem ânimo e de vida fácil e dissoluta. Mas, relativamente às feridas, aos perigos de morte, aos percursos por terra e mar, à própria tristeza, às lágrimas, ao pesar – “Durante três anos, dia e noite, não cessei de exortar com lágrimas a cada um de vós”⁷⁹ –, receberá, com toda a confiança, compensações e coroas.

10. Refletindo sobre isso e como traz grande lucro a vida dolorosa e árdua, alegrai-vos, ficai contente, vós que prosseguistes desde a juventude, entre padecimentos incessantes e múltiplos, por um caminho lucrativo, carregado de mil coroas. Efetivamente, o sofrimento físico multiforme e de toda espécie, bem mais penoso que mil mortes, não cessou de vos cercar perpetuamente. Afligiram-vos sempre nuvens de injúrias e ultrajes, calúnias ininterruptas, desgostos múltiplos e seguidos, motivos de

lágrimas. Cada uma das mencionadas provações bastaria, por si só, para obter grande lucro a quem as tivesse recebido bem. Na verdade, Lázaro, apenas pela doença, partilhou idêntica sorte à do patriarca.⁸⁰ Ao publicano, as injúrias do fariseu ocasionaram uma justiça que ultrapassava muito a deste último.⁸¹ O príncipe dos apóstolos, por suas lágrimas, curou a ferida causada por seu grave pecado.⁸² Uma vez que das supracitadas aflições, cada qual e uma só delas talvez seja suficiente, refleti quantas retribuições receberéis, vós que as suportastes todas de modo extraordinário e ininterruptamente. Nada com efeito, nada torna tão magnífico, tão digno de inveja, nada cumula de bens múltiplos como a abundância das provas, dos perigos, das fadigas, dos desgostos, dos ataques seguidos da parte daqueles dos quais menos se esperava e a mansidão com que são suportados. Igualmente o filho de Jacó, nada o tornou feliz e célebre como a calúnia, a prisão, as cadeias e a conseqüente miséria. Grande, indubitavelmente, foi o valor da castidade ao triunfar da impudência egípcia e ao repelir a infeliz que o incitava a relações culpadas. Mas isto não era tão grande quanto seus padecimentos. Que motivo de louvor, digei-me, existe em não cometer adultério, não arruinar o casamento de outrem, não manchar o leito que não era dele, não fazer injustiça a seu benfeitor, não cercar de vergonha a casa de seu protetor? Mas principalmente fizeram-no grande o perigo, a conspiração, a insânia da mulher escrava, a violência contra ele, a prisão sem saída do quarto nupcial que lhe preparara a adúltera, as ciladas que lhe armara de todos os lados, a acusação, a calúnia, a prisão, as cadeias, a falta de alguém que lhe fizesse justiça depois de tal combate pelo qual merecia ser coroado, o fato de ser levado como culpado e devedor a uma fortaleza e ser encerrado com os últimos criminosos, a imundície, os ferros, a miséria da prisão. Em tal situação é que o vejo emitir maior brilho do que na ocasião em que estava sentado no trono do Egito, a distribuir o trigo aos necessitados, saciar-lhes a fome e ser geral refúgio para todos. É então que o vejo mais radioso, de mãos e pés carregados de grilhões, do que ao estar revestido do poder, com vestes esplêndidas. Para ele a prisão foi oportunidade de trabalhos e de grande proveito; a vida luxuosa, cheia de lazer e honrarias comportava sem dúvida muito prazer, mas poucas vantagens. Por isso, não o proclamo tão feliz ao ser honrado pelo pai quanto ao ser odiado pelos irmãos, combatido por aqueles com os quais ele habitava. De fato, desde a juventude, uma guerra cruel se declarara contra ele, apesar de não terem os que a faziam motivo algum de censurá-lo; mas eles se consumiam e estouravam de inveja porque gozava de maior consideração junto do pai. No entanto, Moisés, o legislador, não disse que a afeição provinha da virtude do menino, e sim das condições do nascimento. Na verdade, foi o último a ser gerado em extrema velhice (os filhos assim nascidos são particularmente amados, porque vieram além de toda esperança); por isso era amado. Seu pai o amava, diz a Escritura, “porque ele era o filho de sua velhice”.⁸³

11. O legislador assim escreve, a meu ver, não para exprimir a realidade, mas para manifestar a desculpa e o pretexto do pai. Vendo, com efeito, o jovem invejado e querendo acalmar a paixão dos irmãos, inventou uma razão para amá-lo que não provocasse inveja. É evidente, levando-se em conta a Benjamim, que não foi este o motivo da afeição e sim a virtude da alma, além da idade. Se era amado por causa da idade juvenil, seria preciso que fosse mais amado o que era mais moço que ele. Pois

Benjamim foi gerado após José e era bem mais para Jacó o filho da velhice. Mas, como já disse, era uma invenção do pai que queria apaziguar a luta entre os irmãos. Nem assim o conseguiu, mas a chama ardia com mais vigor. E como eles nada podiam fazer no momento, lançaram-lhe uma censura maldosa, envolveram-no em vergonhosa causa, antecipando, eles seus irmãos, uma mulher bárbara e mostrando-se muito piores do que ela. Pois ela agia contra um estrangeiro, eles, ao invés, eram malvados contra um irmão. E não parou aí sua perversidade, porque acrescentavam sem cessar um assalto aos anteriores. Tendo-o apreendido quando sozinho num lugar deserto, tomaram-no pela garganta, venderam-no e transformaram um homem livre em escravo, e submetido à pior escravidão. Pois não foi a homens da mesma raça, mas a bárbaros que falavam outra língua, que iam para um país bárbaro, que eles entregaram o irmão. Deus, para torná-lo mais ilustre, permitia os acontecimentos, tinha paciência, enquanto um perigo se sucedia a outro. Com efeito, depois da inveja e da calúnia vergonhosa, eles o entregaram para ser imolado e a uma escravidão pior que a imolação.

Não passeis por alto relativamente ao que digo, mas imaginai este nobre jovem, nutrido na casa paterna com toda a liberdade, cercado de grande amor paterno, de repente vendido por seus irmãos, que em nada podiam censurá-lo, entregue a bárbaros que falavam outra língua, de costumes diferentes, mais semelhantes a animais selvagens do que a homens, apátrida, exilado, servo e estrangeiro, em vez de livre e cidadão, e depois de ter gozado de prosperidade, cair na miséria extrema da escravidão, à qual não estava absolutamente acostumado, sob o jugo de senhores muito duros e ser transferido para uma terra estrangeira e bárbara. Mas as tribulações não pararam aí. Alternavam-se as ciladas, após os sonhos maravilhosos, prenúncios de que seus irmãos se prostrariam diante dele. Os negociantes que o haviam apreendido não o guardaram consigo, mas entregaram-no a outros bárbaros piores ainda do que eles.

Compreendeis que sofrimento consiste em passar de dono a dono. A escravidão é mais intolerável se além disso os compradores são estrangeiros e mais cruéis que os precedentes. Ele encontrava-se no Egito, outrora enfurecido inimigo de Deus, agora de bocas insolentes, línguas blasfemas. Convive com egípcios dos quais um só bastava para transformar o grande Moisés em fugitivo e exilado. Mal aí respirou um pouco e Deus, que no seu amor aos homens, dispõe coisas admiráveis, depois de ter transformado em ovelha o animal feroz que o havia adquirido, preparava-lhe logo uma palestra, um estádio e lutas, combates e suores mais intensos que os primeiros. Pois aquela que o havia comprado tendo-o olhado com olhos impuros, dominada pela beleza de seu aspecto, presa do ímpeto da paixão, tornou-se uma leoa de mulher que era, sob o jugo do desejo impudico. De novo o inimigo habitava a mesma casa que ele, mas tinha argumentos diferentes dos precedentes. Uns expulsaram-no de casa porque o odiavam, ela porque amava apaixonadamente o jovem e abrasava-se por ele; e a guerra era dupla, ou antes tríplice, múltipla. Porque ele escapou das redes, rompeu os fios estendidos, rapidamente, não penseis que tenha adquirido esse resultado sem esforço; passou por muito suor.

12. Se quereis vê-lo claramente, ponderai o que é a juventude e o viço da juventude. Ele se achava então na flor da idade, quando a chama da natureza se levanta com maior ardor, a tempestade do desejo é violenta, a razão é mais fraca. As almas dos jovens não são protegidas pelo hábito da reflexão, não têm grande zelo pela virtude, mas dum lado a tempestade das paixões é mais temível e

de outro a razão que governa as paixões é mais débil. Além da idade e da natureza, a insolência desta mulher era imensa. Como as mãos dos persas acendiam com ardor a fornalha de Babilônia, alimentando abundantemente o fogo e jogando na chama combustíveis variados, da mesma forma esta infeliz e miserável mulher atiçava mais forte a chama da fornalha, exalando perfumes, suscitando langor pelo colorido das faces, a pintura dos olhos, a voz alquebrada, os movimentos, o andar, enfeitando o jovem com vestes que denotavam indolência, ornamentos de ouro e mil outros artifícios. E como um hábil caçador para apanhar uma caça difícil utiliza todos os instrumentos de sua arte, assim, conhecendo a prudência do jovem (pois esta não devia escapar-lhe com o decorrer do tempo), ela pensou que precisava de muitos preparativos para o cativar e para isso empregava todos os recursos de sua insolência. Não se contentava com isso, mas espreitava o lugar e a oportunidade favoráveis à caça.

Por isso não atacou logo que ficou aprisionada, mas esperou muito tempo, contendo esses maus desejos e alimentando-os, receando, por precipitação e seus laços prematuros, deixar escapar a presa. Um dia, encontrando-o sozinho em casa, entregue às costumeiras ocupações, cavou um fosso mais profundo; expandindo inteiramente as asas da volúpia, retendo o jovem no meio de suas redes, ela o cerca, o toma a sós. Mas antes, não estava só. Tinha a seu favor a idade, a natureza, as outras maquinações acrescentadas. Ela arrasta por força o nobre jovem a uma ação culpada. Que prova mais terrível que essa? Não ultrapassa a violência da fornalha e duma chama? É um jovem cheio de viço, escravo, isolado, apátrida, estrangeiro, exilado, sob a autoridade de uma dona sem pudor e insana, rica, revestida de tal poder, em tal solidão (pois ela a prepara para um aprisionamento tão importante), é retido depois de estar preso, lisonjeado e arrastado para o leito de sua senhora e depois de tantos perigos e ciladas? Vós sabeis que a maioria dos homens, quando esgotados e em dificuldades, se em seguida são convidados ao prazer, ao lazer, a uma vida fácil e dissoluta, nela se precipitam com mais ardor. Não, porém, este jovem. No meio de tudo mostrava a própria firmeza. Este quarto, ousou compará-lo à fornalha de Babilônia, à fossa dos leões de Daniel, ao ventre do monstro marinho onde caiu o profeta, ou algo mais terrível. Pois, de um lado, o êxito da cilada era a destruição do corpo, de outro era a ruína completa da alma, morte eterna, infelicidade inconsolável. A cova não era temível somente por isso, mas além da violência e da astúcia, era cheia de lisonjas, dum fogo de formas variadas e múltiplas, que não queima o corpo, mas devora a própria alma.

Salomão atesta o mesmo, ele que sabia como é grave ter relações culpadas com uma mulher casada. “Pode alguém carregar fogo consigo sem queimar a própria roupa? Pode alguém caminhar sobre brasas sem queimar os próprios pés? Assim acontece com aquele que procura a mulher do próximo, quem a toca não ficará impune”.⁸⁴ Ele quer dizer o seguinte: como não é possível que um homem se aproxime do fogo sem ser queimado, assim não é possível que um homem que frequenta uma mulher escape do incêndio que dela se desprende. Era muito mais terrível o que José suportou. Pois não foi ele que a tocou, mas ele estava em seu poder, sozinho, arrastado por ela só; contudo, tinha sido exposto a tantos males, tinha provado tantas adversidades, e desejava ardentemente a calma e a segurança.

13. Apesar disto, preso em tais redes e vendo um animal de formas variadas lançar-se contra ele,

empregar todos os meios, o contato, a voz, os olhos, as cores, a pintura, o ouro, os perfumes, as vestes, as atitudes, as palavras, o luxo circundante, a solidão, o segredo assegurado, a riqueza, o poder, tendo além disso como cúmplice o que acabo de dizer, a idade, a natureza, a escravidão, a permanência num país estrangeiro, ele triunfou de todas essas chamas.

A meu ver, mais que a inveja dos irmãos, o ódio da parentela, a venda, o jugo dos bárbaros, o longo exílio, a estada em país estrangeiro, a prisão, as cadeias, o tempo decorrido, a miséria do lugar, esta prova era muito mais terrível pois havia ali sumo perigo. Ao escapar deste combate, surgiu uma brisa orvalhada, oriunda da graça de Deus e da virtude do jovem. Estava cercado de tal paz, de tal castidade, que se esforçou por acabar com a loucura desta mulher. Quando saiu intacto, como os jovens que escaparam da chama dos persas (não tinham nem mesmo o odor do fogo, diz o autor), foi considerado como o grande atleta da castidade e comparável ao aço.

Vejamos de que vantagens foi gratificado e coroado o vencedor. Novamente ciladas, abismos, morte, perigo, calúnias, ódio indizível. Esta infeliz consola seu amor com a cólera, desencadeia paixão sobre paixão, adita ira iníqua ao desejo incontinente, e depois do adultério, o homicídio. Respirando ainda imensa ferocidade, lançando olhares sanguinários, instala um tribunal corrupto, o dono do jovem, seu próprio marido, bárbaro, egípcio; e intenta uma acusação sem testemunhas. Não deixa o acusado comparecer ao tribunal, mas sozinha acusa, fiada na ignorância e na benevolência do juiz, na confiança que lhe inspira, no fato de ser o acusado um escravo, e depois de ter declarado o oposto dos fatos, influencia o juiz, convence-o de emitir a sentença que lhe assegura a vitória, de condenar aquele que não pudera se defender, pronunciar uma pena muito pesada, a prisão e logo, a detenção, as cadeias. Mesmo sem ter visto o juiz, este homem admirável foi condenado. E coisa mais árdua, foi condenado como adúltero, cobiçoso do leito de seu dono, que destruiu a união de outrem, e foi surpreendido em flagrante delito, convencido de crime.

O juiz, a acusadora perante muitos que ignoravam a realidade e o castigo subsequente tornavam o fato verossímil. Mas nada disso o perturba. Ele não diz: “Será esta a realização de meus sonhos? O final de minhas visões? Este o preço de minha castidade? Um juízo desarrazoado, um decreto injusto e de novo uma cruel suspeita. Da mesma forma fui expulso outrora da casa paterna, como aliciante de favores, agora sou levado à prisão como adúltero, por ter tentado a castidade de uma mulher e todos lançam contra mim esta acusação. Meus irmãos, que deviam se prostrar diante de mim (pois assim mostravam meus sonhos), vivem em liberdade, sem temor, no bem-estar, na pátria, na casa paterna, e eu, que devia governá-los, é com os espoliadores de cadáveres, com bandidos, com os que cortam as bolsas que sou encadeado; nem expulso da pátria, fiquei isento de perturbações e questões, mas, até em terra estrangeira, encontro novamente abismos, espadas aguçadas. Aquela que me fez este mal e me caluniou, e a duplo título merece ser castigada por aquilo que ousou perpetrar, dança e salta agora, como se tivesse sido coroada no meio de troféus e esplêndidos cantos triunfais; eu, porém, que em nada sou culpado, estou submetido ao pior castigo”.

Nada disso diz ou pensa; mas qual atleta que se adianta no meio de coroas, alegrava-se, sentia-se feliz e não desejava o mal nem aos irmãos, nem à adúltera. Donde o sabemos? Daquilo que ele próprio disse um dia a um dos presos, entre os quais estava. Estava tão longe de estar subjogado pela tristeza, que dissipava o desgosto dos outros. Pois, quando viu alguns deles perturbados, transtornados,

desencorajados, procurou-os logo para saber o motivo. Tomando conhecimento de que a perturbação provinha de visões em sonhos, explicou estes sonhos. Suplicou em seguida que se lembrassem dele diante do rei para libertá-lo, pois se era nobre e admirável, contudo era homem e não queria viver miseravelmente nesses ferros. Suplicando por conseguinte que se lembrassem dele diante do rei e que o persuadissem a livrá-lo de seus laços, e forçado a declarar a razão por que havia sido lançado na prisão, e a fim de que tivesse quem ia interceder em seu favor um bom motivo de defendê-lo, não mencionou nenhum dos que lhe haviam feito injustiça, mas tendo refutado as acusações, deteve-se neste ponto, sem nomear os que haviam agido mal contra ele. “Com efeito, fui arrebatado fraudulentamente da terra dos hebreus e aqui mesmo nada fiz de mal e fui jogado nesta cova”.⁸⁵ E por que não falas da meretriz, da adúltera, dos fraticidas, da inveja, da venda, do furor de sua senhora, dos meios de acesso, da impudência, das ciladas, das maquinações, da calúnia, do julgamento injusto, do juiz corrupto, da sentença fora da lei, da infundada condenação? Por que calas e escondes tudo isso? Porque não sei lembrar-me das injúrias – diz ele – visto que são para mim coroas e recompensas, oportunidade de maior lucro.

14. Vedes a alma amiga da sabedoria, vedes como se acha isenta de cólera e acima das ciladas. Vedes como se compadece dos que lhe fizeram injustiça em vez de guardar rancor. No intuito de não acusar os irmãos, nem essa sanguinária, declara: “Fui arrebatado fraudulentamente da terra dos hebreus e aqui mesmo nada fiz de mal”. Nada menciona, nem a cova, nem os ismaelitas, coisa alguma. Mas, depois de tudo isso, aguardava-o uma prova extraordinária. Com efeito, aquele que tinha recebido de sua parte tão grande consolação e havia sido libertado de seus liames, conforme a predição que lhe fora feita, que fora restabelecido na situação anterior, esqueceu o benefício e o pedido do justo. O ministro estava na corte do rei, gozando de prosperidade; mas aquele que brilhava mais que o sol e havia emitido os raios de sua virtude, permanecia ainda na prisão e ninguém havia para o relembrar diante do rei.

Fazia-se mister que lhe fossem tecidas numerosas coroas e maiores recompensas lhe fossem reservadas. Por isso foram-lhe impostas duplas e mais longas carreiras. Deus deixava que subsistisse a arena, entretanto não o abandonava definitivamente, permitia aos que lhe armavam emboscadas que desenvolvessem toda a atividade sem contudo eliminar o atleta, nem manter distante o inimigo da virtude. Permitiu que fosse lançado numa cova, que seu manto fosse manchado de sangue, mas não lhes permitiu chegar à imolação. Foi um irmão que sugeriu esta solução, mas tudo se realizou conforme à providência de Deus. O mesmo aconteceu com a egípcia. Por que razão, disse-me, este homem ardente e incontinente (é sabido quanto a raça dos egípcios é exaltada e colérica, pois esta paixão é muito forte neles) não suprimiu logo aquele que ele acreditava ser adúltero e culpado contra sua mulher, por que não o entregou ao fogo? Foi, contudo, bastante insensato para ser informado só por uma das partes, sem ter dado ao acusado a palavra. Por que no momento da pena mostrou-lhe grande equanimidade, e isto, vendo sua mulher enfurecida, raivosa, clamando por violência, com as vestes rasgadas, e por esta razão ainda mais irritada, lamentando-se e dando gemidos. Mas, nada disso o arrastou ao assassinato. Por que? Disse-me. Não é evidente que aquele que amordaçou os leões e atenuou o fogo da fornalha conteve a ira desmesurada da fera selvagem, extinguiu a cólera

inexprimível para suavizar com medida o castigo? Poder-se-ia ver que isso se deu também na prisão. Deus permitiu que ele fosse encarcerado, que se achasse entre criminosos, mas arrancou-o à crueldade dos carcereiros. Vós sabeis, com efeito, o que é um carcereiro; mas o de então era para com José manso e polido e não somente não o afligiu com certos trabalhos pesados, mas colocou-o à frente de todos os companheiros e isso após tê-lo recebido como um adúltero, culpado, adúltero insigne. De fato, sabia-se que não era numa casa comum, mas grande e esplêndida, que ele tivera a audácia deste ato. Mas, nada disso o assustou nem o persuadiu de ser cruel para com ele. Mas o fato é que as coroas se teciam com as provações e a ajuda de Deus fluía com grande abundância.

Tinha desejado aumentar ainda esta longa carta, mas como penso que ultrapassou de muito a medida, depois de interromper aqui meu discurso, peço-vos, como jamais cessei de vos suplicar, que fujais da tristeza, que deis glória a Deus, o que sempre fizestes e não cessais de fazer, dando-lhe graças por todas essas provações e desgostos. Desta forma, colhereis os mais belos frutos, dareis um golpe mortal no demônio, obtereis grande conforto e podereis fazer desaparecer suavemente a nuvem da tristeza e gozar de uma pura calma. Não vos entregueis à fraqueza, mas, elevando-vos acima de toda essa fumaça (pois vós dissipareis toda esta tristeza mais facilmente que a fumaça), comunicai-nos isso por nossa vez a fim de que, apesar da distância, experimentemos em vossas cartas uma grande alegria.

CARTA 11

1. As tribulações aumentaram para todos, os fossos a atravessar tornaram-se mais largos, a carreira mais longa e a cólera dos que conspiram contra vós eleva-se em chama mais ardente. Não importa agitar-se, nem perturbar-se, mas justamente por este motivo, convém alegrar-se, saltar, coroar-se e dançar em coro. Se não tivésseis antes infligido ao demônio feridas mortais, esta fera não se teria tornado furiosa a ponto de ir mais adiante. Certamente, constitui prova de vossa coragem e de vossa vitória e de sua grande derrota que ele se lance com maior vigor, ataque, mostre maior falta de pudor e espalhe um veneno mais abundante. Assim, no caso do bem-aventurado Jó, em que, havendo lhe tirado as riquezas, arrebatado os filhos, foi, entretanto, vencido. Qual prova de que recebera cruéis feridas, empregou o pior dos males: o assalto da carne, o pulular dos vermes, o coro das chagas. Denomino, de fato, a isso um coro, mas também uma coroa e um enxame de mil recompensas. E não se deteve nisso, mas como não lhe restava mais meio algum desta espécie (pois fizera entrar em cena esta doença como o último termo das tribulações), empregou ainda outros recursos armando sua mulher contra ele, irritando os amigos, excitando os servos, fazendo-os semelhantes a feras selvagens, reavivando de todos os modos as suas feridas.

Agora ainda, não cessa com seus empreendimentos, mas contra sua própria cabeça. Vossa situação diariamente, por isso, torna-se mais brilhante, mais importante, mais radiosa, vossa riqueza aumenta, vossos negócios prosperam, vossas coroas se multiplicam e acumulam e acarretam-vos, devido ao fato mesmo de vossos infortúnios, aumento de coragem, e os ataques dos inimigos induzem à luta vossa força de alma. Tal é a natureza da tribulação. Ela torna os que a atravessam com doçura e nobreza superiores às tribulações, mais elevadas que os dardos do demônio, ensina a desprezar os embustes. Também as árvores que crescem na sombra são mais delicadas e menos aptas a dar frutos. As que

estão expostas às alterações da temperatura, que recebem os embates dos ventos, o calor do sol, são as mais fortes, coram-se de folhas, vergam sob os frutos. Outro tanto acontece no mar. Efetivamente, os que sobem pela primeira vez a um navio, mesmo se muito corajosos, ficam perturbados, por falta de experiência, agitam-se e são tomados de vertigens e tonturas.

Ao invés, os que viajaram muito por mar, que conheceram múltiplas tempestades, escolhos, rochedos, recifes, ataques de monstros marinhos, conjurações de corsários e piratas, passaram por naufrágios e tempestades contínuas, mantêm-se no navio mais tranqüilamente que os que andam sempre sobre terra firme, e não somente sentados no interior, perto da carena, mas até nos bordos do navio ou de pé, sem medo, na popa e na proa; e os que antes se ofereciam aos olhares com temor e tremor, depois de longa experiência das tempestades, puxam cordas, desfraldam velas, apanham remos e percorrem o barco em todos os sentidos com segurança. Não vos perturbeis, portanto, com o que acontecer. Os inimigos, efetivamente, a contragosto, nos reduziram a incapazes de sofrer dano, porque esgotaram todos os seus dardos, e deste modo nada mais conseguiram senão cobrir-se de vergonha, cair no ridículo e revelar-se por toda parte quais inimigos comuns do mundo inteiro. Esta é a paga dos que tramam conspirações, o resultado das guerras. Ah! como é grande a virtude e o desprezo das coisas presentes! Retira das conspirações seus lucros; por meio dos conspiradores é coroada; por aqueles que praticam o mal, ela brilha com maior fulgor; por intermédio dos que tentam arrastá-la ao mal, torna mais fortes os seus seguidores, mais elevados, indômitos, livres, sem necessidade de armas, lanças, redutos, fossos, torres, riquezas, exércitos, mas somente de resolução firme, de alma inflexível; ela convence de culpa qualquer conjuração humana.

2. Cantai assim, minha senhora, de Deus muito amada, para vós e para as companheiras que convosco lutam neste belo combate, animai a todas, disponde em linha de batalha o exército para que se duplique, triplique, multiplique a coroa de vossa virtude, por meio dos sofrimentos, dos estímulos que dais às outras, persuadindo-as de suportar tudo com mansidão, desdenhar as sombras, desprezar a ilusão dos sonhos, calcar aos pés o lodo, não dar importância alguma à fumaça, não crer que teias de aranha possam importunar e passar sem se deter sobre uma erva que se putrefaz. Tudo isso é a vaidade da felicidade humana; mais vil ainda que tudo isso. Não se poderia facilmente encontrar imagem fiel de tal vaidade. Além de nada ser, causa considerável prejuízo aos que por ela aspiram, não somente na vida futura, mas ainda na vida presente e em todos os dias em que se julga nela encontrar prazer. Na verdade, como a virtude, no momento mesmo em que é combatida, exulta, floresce e mostra-se mais ilustre, assim a malícia, no próprio instante em que é entretida e lisonjeada, revela fraqueza, profunda derisão, inexplicável comédia.

Que há de mais miserável, disse-me, do que Caim no momento mesmo em que parecia dominar o irmão, ter vencido, saciar-se de furor e daquela ira injusta e abominável? O que existe de mais impuro que a mão que parece ter triunfado, a direita que deu o golpe e cometeu o homicídio, a língua infame que urdiu o dolo e estendeu as redes? Por que enumerar os membros que cometeram o crime? Sofreu castigo o corpo inteiro, entregue para sempre aos gemidos e arrepios de pavor. Ó novidade, maravilhosa vitória, troféu até então desconhecido. Quem jazia imolado, morto, era coroado e proclamado! O vencedor e triunfador, não somente era privado da coroa, mas por causa disso era

entregue a castigos insuportáveis e a infundo tormento. O ferido e morto, sem voz, acusa aquele que anda, vive, fala. Bem mais, nem mesmo é o defunto, mas apenas seu sangue, separado do corpo, que basta para tanto. Tal a superioridade dos homens virtuosos, mesmo depois de mortos; tal a miséria dos maus, apesar de vivos. Se na arena os prêmios são tão grandes, imaginai as recompensas após os combates no momento da retribuição, da distribuição de bens além de toda palavra. As penas, de fato, quaisquer que forem, vêm dos homens e, como aqueles que as causam, possuem bem pouco valor. Os dons e as recompensas, porém, são doados por Deus. Por isso são tais como é possível esperar, porque provêm daquele benfeitor inefável. Alegrai-vos, portanto; regozijai-vos, coroados-vos, em procissão, calcando mais aos pés os agulhões dos inimigos do que outros o lodo. Dai-nos sem cessar notícias de vossa saúde, para que experimentemos grande alegria. Sabeis, sem dúvida, e será para nós não pequeno consolo, apesar da solidão, ser freqüentemente informado de vossa boa saúde. Passai bem!

CARTA 12

1. Regressando das próprias portas da morte, remeto-vos a presente carta. Por isso, alegrei-me muitíssimo de que vossos servos vieram ao nosso encontro agora, quando alcançávamos o porto. Na verdade, se tivessem chegado quando eu ainda era balançado em alto-mar, alvo das ondas terríveis da doença, não me teria sido fácil enganar-vos, dando boas notícias em vez de más. Aliás, o inverno, tendo sido mais rigoroso que de costume, provocou uma moléstia de estômago mais penosa, e passei esses dois meses em estado pior que o de um cadáver, ou antes, péssimo. Vivia apenas o suficiente para perceber os males que me cercavam de todos os lados, tudo era noite para mim: o dia, a aurora, o meio dia, e passava o dia inteiro preso ao leito. Tentava mil recursos, mas não conseguia livrar-me do mal-estar proveniente do frio. No entanto, acendia o fogo, suportava uma fumaça muito incômoda, fechava-me num só compartimento, punha inúmeras cobertas, não ousava atravessar o limiar da porta, passava pelos piores sofrimentos, com vômitos seguidos, dores de cabeça, inapetência, insônias contínuas. Atravessava em vigília o oceano tão vasto da noite. Mas, para não torturar mais vossa mente, detendo-me nas aflições, agora estamos livres de tudo. Porque logo que chegou a primavera e houve pequena mudança de temperatura, tudo desapareceu automaticamente. Todavia, ainda agora, tenho necessidade de muitas precauções com minha dieta. Por isso, trato do estômago com alimentação leve, de fácil digestão. Mas, nem tudo isso impediu nossos cuidados, ao saber que estivestes a ponto de expirar. E como vos dedico a maior estima, eu me aflijo e preocupo com o que vos sucede; mas fui libertado desta ansiedade mesmo antes de receber as cartas, porque vários dos recém-chegados deram-me notícias de vossa saúde. Agora muito me alegro e regozijo, não somente porque a doença cedeu, mas sobretudo porque suportais tão nobremente as tribulações que vos atingem, considerando-as um mito, e mais ainda, atribuístes esse mesmo termo às aflições físicas, o que denota uma alma vigorosa, que recolhe abundantes frutos de sua coragem. Ora, não somente suportar as dificuldades com nobreza, mas ainda não lhes dar atenção, desprezá-las e com toda tranqüilidade cingir a coroa da paciência, sem esforço nem suor, sem levantar dificuldades nem causá-las aos outros, mas de certo modo a exultar e dançar, comprova a mais autêntica sabedoria. Por esta razão, alegro-me e salto de alegria, vôo feliz, indiferente à solidão atual e a outras reviravoltas, contente, radioso, exibindo-me diante de vossa grandeza de alma e sucessivas vitórias, e não apenas

por vossa causa, mas também devido a esta cidade imensa e populosa para a qual vos tornastes qual cidadela, porto, muralha, pregando de modo magnífico por atos e ensinando a homens e mulheres, com vossos padecimentos, a despir-se sem dificuldade para tais combates, a descer à arena com toda coragem, a suportar de boa mente o suor originário de tais lutas. É admirável que, sem descer à praça, sem ir ao centro da cidade, mas permanecendo sentada num quartinho estreito e apartado, fortificais, preparais para a luta os que vos cercam e, enquanto o mar está revoltado, as vagas se levantam, surgem rochedos, recifes, escolhos, monstros marinhos de todos os lados, e uma noite profunda repercute sobre todas as coisas, navegais tranqüila, como se fosse meio-dia, o tempo calmo e o vento soprava na popa, desfraldando as velas da paciência, não apenas sem que esta terrível tempestade vos angustie, mas sem ser aspergida por nenhuma gota d'água. E com razão: assim é o leme da virtude. Os mercadores, os timoneiros, os marinheiros, os navegantes, ao perceberem as nuvens se acumularem, desencadearem-se violentos furacões, ou o ruído das ondas fervilhando com forte espuma, conduzem os navios para o porto. Se acaso se encontrarem a navegar em alto-mar, fazem o possível e usam de todos os recursos para ancorar a embarcação ou conduzi-la a uma ilha ou promontório. Vós, no meio de milhares de ventos, de ondas bravias que se entrecrocavam em todas as direções, enquanto as profundezas do mar se revolvem pelo furor da tempestade, e alguns submergem, outros mortos flutuam nas águas, outros, nus, são arrastados numa prancha, vós, saltando no meio do oceano de males, denominais a tudo isso um mito, realizando feliz travessia no meio da tempestade. E com razão. De fato, os próprios timoneiros, mesmo se sumamente peritos em conhecimentos, não possuem, contudo, técnica suficiente para resistir a qualquer espécie de tempestade. Por esta razão procuram escapar muitas vezes da luta contra as vagas.

Quanto a vós, porém, tendes ciência superior a qualquer tempestade, sapiente força de alma, mais vigorosa que a de mil exércitos, mais forte que as armas, mais segura que torres e baluartes. Efetivamente, os soldados têm armas, muralhas, torres, válidas apenas para a segurança corporal, e isso nem sempre, nem totalmente, mas há casos em que todas essas coisas são insuficientes e deixam desprotegidos os que nelas confiam. Vossas armas não são destinadas a vencer os dardos dos bárbaros, nem as máquinas de guerra inimigas, nem os assaltos, nem as fraudes desta espécie, mas calcaram aos pés as exigências da natureza, destruíram-lhe a tirania, arruinaram-lhe a fortaleza. Lutando sem cessar com os demônios, obtivestes mil vitórias, não recebestes golpe algum, mas ficastes de pé, invulnerável, entre tal número de dardos e as flechas projetadas contra vós retrocedem contra os que as lançam. Tal a perícia de vossa arte: pelos males que vos atingem, repeli os que os causam; pelas insídias tramadas contra vós, afligis os adversários, aproveitando a maldade deles qual excelente oportunidade de fundamentar maior glória. Por saber por vós mesma, conhecer por experiência tudo isso, é com razão que o considerais um mito. Como não o trataríeis de mito, dissei-me, vós que recebestes um corpo mortal e desprezais a morte de igual forma que os que se sentem pressurosos de deixar a terra estrangeira e voltar à própria pátria? Vós que viveis com moléstias físicas muito dolorosas, mas vos sentis muito melhor do que os homens corpulentos e vigorosos, sem ficar abatida com os insultos, nem orgulhosa por honrarias e louvores? Ora, tal é a causa de milhares de males para muitos, até entre alguns ilustres no sacerdócio, que, no entanto, chegando à extrema velhice, cobertos de cãs, resvalaram e ofereceram público espetáculo aos que gostam de se divertir. Vós, porém, sois

mulher dotada de corpo frágil como uma teia de aranha, alvo de tão fortes assaltos, e não somente em nada fostes atingida, mas até impedistes a muitos outros de sofrer. De fato, estes mal haviam travado combate, desde o início, desde a muralha, por assim dizer, no momento em que se atiravam, foram abatidos. Vós, ao contrário, que mil vezes ultrapassastes o marco final, em cada curso obtivestes o prêmio, tendo dado múltiplos exemplos de esforços e lutas. E isto, com razão. Nas pelepas empreendidas pela virtude, a idade e o corpo para nada valem, mas somente a alma e a resolução. Desta forma, enquanto mulheres foram coroadas, homens deslizaram, e igualmente crianças foram proclamadas vencedoras e velhos cobertos de vergonha.

Sempre faz-se mister admirar os que procuram a virtude, especialmente quando, diante do abandono de grande número, mal se encontram alguns que por ela pelejam. Por isso, é justo admirar-vos totalmente, pois enquanto perderam o rumo tantos homens, mulheres, velhos que pareciam ter merecida reputação, jazem por terra aos olhares de todos e caíram, não devido à suma violência da luta, nem pelos ataques encarniçados dos inimigos, mas foram vencidos antes do confronto, de travado o combate, vós, após tais pugnas, tais refregas, não apenas não fraquejastes, não vos extenuastes perante o enorme número das aflições, mas vos fortalecesteis e o aumento das batalhas vos trouxe suplemento de força. A recordação das virtudes passadas, por conseguinte, torna-se para vós causa de felicidade, alegria, maior zelo. Por este motivo alegremo-nos, exultamos, regozijamo-nos. Não cessarei de repeti-lo sempre e de transmitir por toda a parte ao meu redor qual a causa de minha alegria. Se nosso afastamento vos entristece, grande é, contudo, o conforto proveniente de vossas virtudes. Quanto a nós, apesar de separados por tão grande distância, experimentamos por esse motivo, isto é, por vossa coragem, não pequena felicidade.

CARTA 13

1. O que dizeis? Não fincastes o troféu, não obtivestes brilhante vitória? Não cingistes uma coroa sempre florida? Não é o que diz o mundo inteiro? Em todos os lugares da terra não se cantam vossas ações virtuosas? Efetivamente, se, na arena, os combates se limitam a uma região apenas, se o duplo sulco de vosso curso e os esforços que, em vez de suor, vos custam sangue, se realizam num só lugar, a glória e a fama deles atingiram os confins da terra. Vós, porém, querendo realizar feitos melhores, obter maiores prêmios, acrescentastes as coroas da humildade, dizendo que elas divergem tanto destes troféus quanto os mortos se diferenciam dos vivos. São palavras oriundas da humildade; esforçar-me-ei de vos convencer disso pelos próprios fatos. Fostes expulsa da pátria, de casa, dos amigos, dos parentes, transferida para o exílio; não cessastes de morrer cada dia; completastes o que faltava naturalmente pela generosa intenção. Na realidade, se ninguém pode por várias vezes ter a experiência da morte, vós a realizastes em espírito. Mais ainda, suportando certas provações, na iminência de outras, não deixastes, por isso, de dar glória a Deus que as permitia e infligir ao demônio acertado golpe. Demonstrou ele ter sido golpe ajustado, porque se armou com mais força para a batalha. Por conseguinte, os acontecimentos recentes foram mais terríveis que os anteriores.

Da mesma forma, efetivamente, que o escorpião ou a serpente, ao receberem um golpe mais pesado, atira com mais vigor o aguilhão e se levanta contra aquele que o bateu, em assalto violento contra o atacante, dando provas de intensa dor, assim aquele monstro insolente, ao receber as feridas

profundas da parte de vossa alma admirável e sublime, salta com maior veemência e suscita outras provações. De fato, foi ele quem as suscitou e não Deus; mas Deus as permitiu para vos aumentar a riqueza, crescer o lucro, obter ganho mais considerável, recompensa mais farta. Por conseguinte, não vos perturbeis, nem vos agiteis. Quem, de fato, jamais sofreu por se enriquecer? Quem se afligiu por aceder às mais altas dignidades? Se, portanto, os que acumulam estes bens humanos perecíveis e mais instáveis que a sombra, mais expostos a secar que as flores que murcham, saltam, dançam, voam por causa do prazer que vem e vai ao mesmo tempo, qual curso de impetuoso rio, muito mais justo será que, se anteriormente estivestes cheia de tristeza, as circunstâncias atuais vos ocasionem imensa alegria! De fato, o tesouro que acumulastes é inviolável. A glória que vossos padecimentos plasmaram não conhece sucessão, não aguarda um desfecho, mas é ilimitada, inquebrantável, tanto diante das dificuldades dos tempos, quanto dos ataques dos homens, dos assaltos dos demônios, e até da própria morte.

Se quereis chorar, chorai por aqueles que praticam tais ações, os instigadores de tais males, os cúmplices que reservaram para si no futuro grande castigo e já aqui na terra sofrem a pior das penas, porque todos deles se apartam, consideram-nos inimigos, maldizem-nos, e os condenam. Se eles não o percebem, por isto mesmo são mais dignos de comiseração, de lágrimas, como os que estão atacados de doença mental, a gritar e a bater nos que deles se aproximam, ao acaso e em vão, e muitas vezes até em benfeitores e amigos, insensíveis à loucura que os enfurece. E como sofrem de mal incurável, não deixam que os médicos se aproximem, não toleram os remédios, mas retribuem aos que querem cuidar deles e fazer-lhes o bem com sentimentos opostos. Por isso principalmente são dignos de compaixão, apesar de não perceberem tal maldade. Se não caem em si em consideração ao juízo dos outros, torna-se-lhes impossível escapar à acusação da própria consciência; ela é inevitável, incorruptível, intemerata, invulnerável à lisonja, à sedução por presente em dinheiro, imarcescível com o decurso do tempo.

2. O filho de Jacó,⁸⁶ que disse ao pai ter um animal feroz devorado José e que, representando esta terrível tragédia, esforçou-se sob esta máscara por lançar um véu sobre o assassinato do irmão, enganou então o pai, mas não sua consciência, que ele não conseguiu tranquilizar; ela continuava a se revoltar, gritando incessantemente, sem jamais fechar a boca. Após um tempo considerável, aquele que tinha negado diante do pai a ação audaciosa que cometera, e não havia confessado a ninguém, enquanto ninguém o acusava, ninguém o censurava, ninguém o atacava, nem lhe recordava esta encenação, quando era ameaçado em sua liberdade e até na própria vida, mostrando que o acusador de sua consciência não havia fechado a boca depois de tanto tempo, nem fora contido, exprime-se nesses termos: “Em verdade, expiamos o que fizemos a nosso irmão; vimos a aflição e a dor de sua alma, quando ele nos pedia graça, e não o ouvimos. Eis que se nos pede conta de seu sangue”.⁸⁷

No entanto, era outra a acusação levantada contra ele; era processado por roubo e levado a julgamento por ter subtraído uma taça de ouro. Mas como se nada de semelhante lhe fosse imputado, não era por isso que experimentava dor, e não declara que sofria pelo crime imputado, que o punha em cadeias. Era por uma causa de que ninguém o exprobrava, do qual não tinha de prestar contas, pelo

qual não era arrastado ao tribunal, mais ainda, que ele não cometera naquele momento. Deste crime ele se torna seu próprio acusador e juiz. Sua consciência, de fato, o atormentava; e aquele que tinha derramado o sangue de seu irmão tão audaciosamente e sem pesar, agora tornava-se sensível ao sofrimento dele.

Acusava o grupo dos cúmplices na mancha do crime, e dramatizava toda a sua crueldade, dizendo: “Vimos a aflição e a dor de sua alma, quando ele nos pedia graça, e não o ouvimos”. A natureza devia ter bastado, disse ele, para amansar e inclinar à piedade. Ele, contudo, acrescentava lágrimas, súplicas e no entanto não nos dobrou, mas desprezamos “a aflição e a angústia de sua alma”. Foi por esta razão que esta acusação foi forjada contra nós, diz ele, e somos ameaçados de derramamento de sangue, porque pecamos contra o sangue dele. De igual modo Judas, não suportando a acusação da consciência, apressou-se a tomar um laço e pôs termo à vida por enforcamento. E, ao ousar fazer o infame contrato, dizendo: “O que me dareis se eu o entregar?”, não enrubescia diante dos que o ouviam, ele o discípulo, de planejar tais coisas contra seu mestre e, nos dias seguintes, não se enchera de remorsos, mas ébrio do prazer que lhe trazia a avareza, não percebia absolutamente a acusação da consciência. Mas depois que cometeu o pecado, agarrou o dinheiro e passou o prazer do ganho, a condenação do pecado por fim medrou; então ninguém o obrigava, ninguém o forçava, ninguém o exortava, mas espontaneamente foi jogar o dinheiro diante daqueles que lho havia dado, confessou o delito, declarando aos que o ouviam: “Pequei, entregando um sangue inocente”.⁸⁸ Com efeito, não agüentou a admoestação da consciência. Tal é o pecado: antes de cometido, embriaga o cativo; uma vez realizado e praticado, o prazer desaparece e se extingue, o acusador apresenta-se sem disfarce, a consciência desempenha o ofício de carrasco, dilacera o que pecou, exige o pior castigo, pesa mais do que um bloco de chumbo.

3. Tais são os suplícios aqui na terra. Quanto aos do além, conheceis os males destinados aos autores de tão grandes crimes. Choremos por eles, lamentemos, pois assim fazia Paulo, que se alegrava com os lutadores, combatentes, sofredores, mas afligia-se a respeito dos pecadores. Por esta razão afirmava: “Tenho receio de que, quando voltar a ter convosco, meu Deus me humilhe em relação a vós e eu tenha de prantear muitos daqueles que pecaram anteriormente e não se terão convertido da impureza, da fornicção que cometeram”.⁸⁹ Aos que lutavam: “Alegro-me e me regozijo com todos vós”.⁹⁰ Nada, portanto, vos aflija, nem o que já sucedeu, nem o que ameaça acontecer. Porque as vagas não abalam o rochedo, mas com quanto maior impetuosidade elas se quebram, tanto mais se desfazem. Foi isto que aconteceu nessas circunstâncias e ainda sucederá e muito mais. Os vagalhões, de fato, não racham o rochedo; quanto a vós, não somente não vos partiram, mas ainda vos fortaleceram. Assim a maldade, assim a virtude: uma, ao atacar, destrói-se a si mesma; a outra, combatida, brilha com maior fulgor. E esta recebe os prêmios não apenas depois dos combates, mas até no meio deles, e a peleja é para ela um galardão. A outra, ao alcançar a vitória, sente maior vergonha, é punida, saciada de imenso desprezo, e com o castigo que lhe é reservado, é fustigada na própria ação e não apenas depois dela.

Se este discurso não é suficientemente compreensível, escutai como são Paulo distingue uma da

outra. Na verdade, ao escrever um dia aos romanos e denunciando a vida impura de alguns e mostrando que, antes do castigo, na própria ação, a obra recebe a punição que lhe está conjunta, depois de ter lembrado as relações culpadas de homens e de mulheres, que transgrediram os limites da natureza e conceberam desejos estranhos, exprime-se mais ou menos assim: “Suas mulheres mudaram as relações naturais por relações contra a natureza; igualmente os homens, deixando a relação natural com a mulher, arderam em desejo uns para com os outros, praticando torpezas homens com homens e recebendo em si mesmos a paga da sua aberração”.⁹¹ O que dizeis, ó Paulo? Sem dúvida encontram prazer em ousar fazer isto, e realizam esta união culpada por causa da concupiscência. Como, pois, dizeis que são castigados na própria ação? Emito este juízo, diz ele, não segundo o desejo dos doentes, mas de acordo com a natureza das ações. Com efeito, o adúltero antes do castigo e no momento mesmo em que adultera é castigado; apesar de aparentemente se comprazer, faz a própria alma pior e mais vil. E o assassino, antes de comparecer no tribunal e ver as espadas aguçadas, antes de prestar contas do que ousou cometer, morre no instante mesmo em que mata, porque tornou sua alma mais vil. O que é para o corpo a doença, a febre, a hidropisia ou coisa semelhante, o que é para o ferro a ferrugem, a traça para a lã, o caruncho para a madeira, para o corno a traça, é a maldade para a alma. Ela a torna escrava e indigna de um homem livre. Por que digo escrava e indigna de um homem livre? Ela priva a alma da razão, fazendo-a como a de um lobo, um cão, uma serpente, uma víbora ou outro animal. Evidenciam-no os profetas e manifestam a todos a alteração introduzida pela maldade. Um deles dizia: “Cães mudos, incapazes de latir”,⁹² comparando a cães raivosos os homens enganadores, que secretamente armam ciladas. Com efeito, quando raivosos, não atacam com latidos, mas, aproximando-se em silêncio, ocasionam aos que são mordidos feridas piores que as dos cães que ladram. Um outro dava a certos homens o nome de galhas. Outro ainda dizia: “Mas o homem com seu luxo não entende, é semelhante ao animal irracional e tornou-se-lhe semelhante”.⁹³ E o maior dos profetas,⁹⁴ filho de mulher estéril, às margens do Jordão, deu a alguns homens o nome de “serpentes e raça de víboras”. O que se igualaria ao castigo de um homem feito à imagem de Deus, com o gozo de tão grande privilégio, isto é, duma natureza racional e cheia de suavidade, que decai em tal estado de animal selvagem?

4. Vedes como, antes de ser castigada, a malícia traz em si a própria penalidade? Compreendi também como, ao se tratar de virtude, esta se transforma, antes dos prêmios, em sua própria recompensa. Assim acontece com o corpo. Nada nos impede, de fato, de empregarmos ainda esta comparação, pois traz grande clareza; ora, assim como no corpo, se está com saúde e passa bem, isento de qualquer mal-estar e frui disso antes do gozo, experimentando o prazer ligado à boa saúde, nem as intempéries, nem a seca, o frio, a frugalidade da mesa, nem qualquer outra coisa semelhante poderia afetá-lo, pois a saúde basta para dissipar o dano resultante destas provações. Outro tanto acontece comumente à alma. Por isso Paulo, flagelado, maltratado, passando por uma infinidade de suplícios, alegrava-se, dizendo: “Eu me regozijo em meus sofrimentos por vós”.⁹⁵ Não é somente no reino dos céus que a virtude é premiada, mas pelo fato mesmo de sofrer, pois a maior das recompensas

é padecer pela verdade. Por esta razão o coro dos apóstolos saía alegre do sinédrio dos judeus,⁹⁶ não apenas por causa do reino dos céus, mas porque haviam sido julgados dignos de ser ultrajados pelo nome de Jesus. Em si, já constituía grande honra, coroa, prêmio, fundamento de alegria imperecível.

Alegrai-vos, portanto, exultai de alegria. Na verdade, não é pequena, mas enorme a recompensa que vos obtém a calúnia, sobretudo quando originada de acusação tão grave quanto a que nos lançaram, culpando-nos de incêndio diante do tribunal público. Por este motivo Salomão, querendo mostrar o quanto é áspera esta angústia, disse: “Observei todas as calúnias que se levantam debaixo do sol: vi as lágrimas dos caluniados sem que ninguém os consolasse”.⁹⁷ Se o prélio é grande, como de fato é, faz-se evidente ser a recompensa a ele destinada maior ainda. Por isso Cristo ordena que se alegrem e exultem todos os que sustentaram tal peleja com a conveniente paciência. “Quando, mentindo, disserem todo o mal contra vós por causa de mim, alegrai-vos e regozijai-vos porque será grande a vossa recompensa nos céus”.⁹⁸ Vedes que felicidade, que salário, que fruição nos ocasionam os inimigos? Não seria insensato que causeis a vós mesma os males que eles não puderam vos infligir, visto que se transformaram no oposto? Que digo? Eles não apenas não conseguiram infligir-vos uma pena, mas ainda vos ofereceram a oportunidade de obter a felicidade, o fundamento de uma alegria imperecível.

Vós, porém, atormentando-vos com a tristeza, impõe-vos esta aflição a vós mesma, pela perturbação e angústia, enchendo-vos de imenso desgosto. Caberia a eles agir assim se algum dia quisessem reconhecer as próprias faltas. Seria justo que eles agora chorassem, se lamentassem, afundassem, velassem a face, se ocultassem debaixo da terra, não olhassem o sol, mas, encerrados na escuridão, deplorassem os próprios males e aqueles com que cercaram tantas Igrejas. Vós, ao invés, deveis glorificar-vos e alegrar-vos, pois atingistes o cume das virtudes. Sabeis, na verdade sabeis, que nada se iguala à paciência, mas que ela é, sobretudo, a rainha das virtudes, o fundamento das ações retas, o porto sem ondas, a paz no meio das guerras, o mar liso na tempestade, a segurança no meio das emboscadas; ela faz os que a realizaram até o fim mais forte que o aço, ela a quem não poderão prejudicar, nem o brandir das armas, nem os exércitos em linha de batalha, nem as máquinas de guerra, nem as flechas, nem os dardos, nem o próprio exército dos demônios, nem as temíveis falanges das potências inimigas, nem o próprio diabo, em ordem de batalha com todo o seu exército e seus artifícios. Que temeis então? Por que sofreis, se estais pronta a desprezar a própria vida, se as circunstâncias o exigirem? Mas desejais ver o fim dos males que vos afligem? Isto acontecerá e acontecerá em breve, se Deus quiser. Alegrai-vos, portanto, regozijai-vos, usufruí de vossas virtudes e jamais renunciéis à esperança de nos revermos um dia e então vos lembraremos essas palavras.

CARTA 14

1. Duplo testemunho da bondade inefável de Deus: permitir primeiro que provações tão grandes vos sejam infligidas e se alternem de forma a tecer-vos coroas mais brilhantes, e em seguida livrar-vos de maneira tão rápida, abreviando a persistência dos males que vos atacaram. Assim Deus governou a vida desses homens generosos, refiro-me aos apóstolos e os profetas, ora deixando elevarem-se as vagas, ora comandando ao oceano dos males e depois de terrível tempestade, restabelecendo a

calmaria brilhante. Cessai, portanto, de chorar e de prolongar o desgosto e não olheis somente as aflições terríveis que vos atingiram, sucessivas e contínuas, mas a rápida libertação e a compensação e a retribuição inefáveis, delas resultantes.

Teia de aranha, sombra, fumaça, ou algo mais insignificante que tudo isso são todos os terríveis males ocorrentes, em comparação com os futuros prêmios que por isso vos hão de ser outorgados. Que significa, por conseguinte, ser exilado, deslocar-se de região em região, ser expulso de toda parte, ver seus bens confiscados, ser arrastado ao tribunal, ser dilacerado pelos soldados, ser submetido a tratamento oposto da parte daqueles que por vós foram mil vezes beneficiados, ser vexado por escravos e homens livres, considerando-se que a paga destes males no céu consiste em bens inalteráveis que palavras não podem expressar e são infindos, acarretando o gozo imperecível que daqueles se origina. Esquecida agora de ciladas, insultos, perda dos bens, mudanças contínuas de residência, vida em país estrangeiro, e calcando aos pés tudo isso como mais vil que o lodo, pensai nos tesouros que em compensação vos foram preparados no céu, no plano que não pode fracassar, na riqueza que não pode ser arrebatada. Mas o corpo sentiu-se mal nessas aflições, nessas misérias, e os embustes dos inimigos desgastaram-vos a saúde? Estais mencionando ainda a oportunidade de um lucro imenso e indescritível. Sabeis, com efeito, sabeis muito bem como é importante suportar nobremente a doença, dando graças a Deus. Foi isto, conforme eu o repito freqüentemente, que coroou Lázaro, foi o que confundiu o demônio nas lutas contra Jó, que tornou mais esplêndido o atleta da paciência. Isto, mais ainda que o amor da pobreza, o desprezo das riquezas, a perda em golpes maciços de seus filhos e mil provações que fizeram proclamar seu nome, que fechou a boca insolente do demônio perverso, com pleno êxito. Ao meditar seguidamente nisso, alegrai-vos e regozijai-vos porque sustentastes até o fim o mais terrível combate e suportastes com mansidão a principal das provações, celebrando a Deus em todas as coisas, um Deus que ama os homens, que pode fazer desaparecer todos os vossos males de uma vez, mas deixa-os subsistir, a fim de vos tornar mais gloriosa esta bela realização. Por conseguinte, sem interrupção vos proclamamos feliz.

Regozijamo-nos porque, depois de vos terdes desembaraçado da melhor forma dos processos e das questões, encerrastes a causa referente a vossa libertação, não deixando as coisas correrem de uma maneira indigna de um homem, nem de outro lado vos obstinar ainda expondo-vos aos tribunais e aos males daí decorrentes, mas adotando uma via mediana, obtendo a liberdade que vos convém, e dando provas em tudo de grande inteligência, longanimidade, força de alma, paciência e comprovando a inerrância de vosso juízo.

CARTA 15

1. Teríeis calculado, vós que demonstrastes tal sabedoria desde a infância e que calcastes aos pés a vaidade humana, que levaríeis uma vida isenta de tumultos e guerras? E isto seria possível? Se os homens que travam um pugilato recebem mil feridas nas pelejas e nas guerras, vós que vos aprontastes para combater contra os próprios principados e potências, contra os dominadores deste século de trevas, contra os espíritos do mal, que vos preparastes para a batalha com tanta nobreza, fincastes tantos troféus, e de tantos modos mergulhastes na tristeza aquele demônio feroz e maldito, como teríeis esperado viver uma vida tranqüila e despreocupada?

De forma alguma deveis afligir-vos com o fato de serem numerosas de todos os lados as guerras e os tumultos e múltiplos os motivos de angústia; ao invés, se nada disso acontecesse, então é que seria de admirar. A labuta e o perigo são a sorte da virtude. Vós o sabíeis anteriormente a nossa carta e não precisais de uma informação alheia; quanto a nós, não vos remetemos a presente para instruir a uma ignorante. Sabemos, na verdade, que não é o exílio, nem a espoliação (o que é para muitos intolerável), não são as injúrias nem qualquer outra tribulação semelhante que poderão vos afligir. Se é digno de estima partilhar as angústias de outrem, com maior razão estar no meio delas.

Paulo, por este duplo motivo, publica os louvores dos hebreus que abraçaram a fé: “Lembraí-vos, contudo, dos vossos primórdios: apenas havíeis sido iluminados, suportastes um combate doloroso. Éreis às vezes apresentados como espetáculo, debaixo de injúrias e tribulações, outras vezes vos tornáveis solidários daqueles que tais coisas sofriam”.⁹⁹ Por isso, não vos escrevemos uma longa carta. Ninguém, de fato, vai ao encontro de quem obteve a vitória e ergueu brilhante troféu a fim de lhe oferecer ajuda, e sim apenas para apresentar-lhe elogios. Uma vez que conhecemos o grande amor da sabedoria que revelastes diante dos acontecimentos, nós vos felicitamos, admiramos vossa paciência atual e as recompensas que por isso vos estão reservadas.

Cientes de que quereis saber nossas notícias (é verdade que guardei longo silêncio), se nos livramos de muito doloroso mal-estar, ainda conservamos os resquícios da doença. Tivemos excelentes médicos, mas a falta do necessário compromete o bom resultado do tratamento. Não apenas carecemos dos remédios e de outras coisas que podem restaurar um corpo fatigado, mas preocupa-nos a fome e a peste. E a causa de todos esses males são os ataques seguidos dos bandidos. Eles se propagam por longos trechos das estradas, interceptam-nas cortando-as de todos os lados e assim causam grande perigo para os viajantes. Andrônico, diz-se, caiu em suas mãos e só escapou depois de despojado de tudo. Suplico-vos não mandar ninguém agora. É de se temer que o desígnio de viajar até aqui ofereça oportunidade para um assassinato do portador e bem sabeis o pesar que tal acontecimento nos causaria. Mas se encontrardes alguém de confiança que venha até aqui por outro motivo, mandai-nos por seu intermédio notícias de vossa saúde. Que ninguém venha aqui só por este motivo, nem para nosso serviço, por causa do receio supramencionado.

CARTA 16

1. Nada de estranho nem de inverossímil no que vos sucedeu, mas, acumuladas, a resistência de vossa alma seja mais intensa, o zelo e o vigor tenham crescido para defrontar as lutas e delas retireis grande alegria. Tal é a natureza da tribulação que, sobrevindo a uma alma nobre e forte, produz esses efeitos. Como o fogo torna o ouro mais puro ao entrar em contato com ele, assim a tribulação, quando recai sobre almas de ouro, torna-as mais puras e provadas. Por isso dizia Paulo: “A tribulação produz a paciência e a paciência uma virtude comprovada”.¹⁰⁰ Por conseguinte, exultamos e nos regozijamos e consolamo-nos plenamente de nossa solidão diante de vossa coragem. Se, portanto, milhares de lobos, e multidões de malvados vos cercam, nada tememos. No entanto, pedimos que as provações atuais se acalmem, não advenham outras, cumprindo o mandamento de nosso Senhor que nos ordena rezar para não cair em tentação. Mas, se for permitido reaparecerem, temos confiança em vossa alma de ouro, que acumula por isso mesmo uma imensa riqueza.

Que medo poderão vos incutir aqueles cuja audácia se transforma em castigo. Perda da fortuna? Mas sei que isso não passa de poeira a vossos olhos e é considerado como mais vil que o lodo. Exílio longe da pátria e da própria casa? Mas sabeis habitar tanto em cidades imensas e populosas como em lugares solitários, vivendo sempre em calma e tranqüilidade, uma vez que calcastes aos pés todas as ilusões da vida. Ameaças de morte? Mas vós, que previamente a aceitastes, nela meditastes em todo tempo e se fordes arrastada ao suplício, um corpo já morto é que será arrastado. Para que dizer mais? Ninguém contra vós poderá coisa alguma que não encontre a paciência em vós instalada há muito tempo, em profusão. Com efeito, sempre andastes por caminho estreito e apertado, e em tudo vos exercitastes. Havendo praticado essa ciência maravilhosa em ginásios, apresentastes-vos agora mais esplêndida nos combates, não somente imperturbável diante dos acontecimentos, mas ainda abrindo as asas, saltando e dançando em coro. Em consequência dos prévios exercícios, sustentais agora os assaltos com toda facilidade. Com um corpo feminino, mais fraco que uma teia de aranha, rindo, calcastes aos pés o furor de homens cheios de saúde que rangiam os dentes e estais disposta a suportar mais ainda do que as provas que eles vos reservam.

Feliz, três vezes feliz, por causa das coroas daí provenientes, ou antes por causa dos combates em si mesmos. Tal é a natureza destas lutas que antes mesmo dos prêmios, em plena liça, acarretam recompensas e retribuições, o gozo então experimentado, a felicidade, a coragem, a persistência, a paciência; continuar livre, indomável, e acima de tudo, estar treinada de tal sorte que nada de temível podeis sofrer da parte de ninguém, de pé sobre o rochedo no meio dos embates e ser levada por vento favorável em plena calma num mar revolto. Tais são os prêmios da tribulação, até mesmo antes daqueles do Reino dos céus. Sei, efetivamente, sei que considerais desde agora não estar mais revestida de um corpo, em vós de felicidade; mas se a oportunidade se apresentasse, deportaríeis mais facilmente que outros os mantos em que se envolvem. Alegrai-vos e regozijai-vos por vós mesma e pelo fim bem-aventurado daqueles que morreram, não num leito, nem em casa, mas em prisão, cadeias e provações. Gemei apenas por aqueles que aplicam as torturas e chorai. Somente isto é digno de vossa sabedoria. Visto que quereis notícias de nossa saúde, livramo-nos da doença que recentemente nos afligia e agora vamos melhor, contanto que o inverno vindouro não incomode novamente nosso frágil estômago. Quanto aos isauros, estamos em plena segurança.

CARTA 17

1. O rigor do inverno, nossa doença de estômago, as incursões dos isauros, nada disso vos atormente por nossa causa, nem acresça vossos cuidados. Com efeito, o inverno tem sido o que é natural na Armênia; nada mais é preciso dizer, mas pouco nos prejudicou. Como precaução, utilizamos múltiplos recursos para nos subtrair aos danos dele oriundos, mantendo sempre o fogo aceso, calafetando todas as partes do quarto onde permanecemos, envolvendo-nos de vários mantos e ficando continuamente dentro de casa. É penoso, mas suportável por causa da vantagem que traz. Pois, enquanto estamos dentro de casa, não somos atormentados pelo frio, mas se somos obrigados a sair um pouco e respirar o ar de fora, não é pequeno o mal-estar que experimentamos. Por isso, exorto-vos e, como grande favor, suplico que cuideis de corrigir a fraqueza de vosso corpo. De fato, a tristeza também produz doença. Quando o corpo está fatigado e totalmente fraco, surge enorme e progressivo perigo. Por isso,

suplico-vos consultar vários médicos experientes e usar remédios que curem tais males. Assim nós, há alguns dias, como o estômago estava sujeito a vômitos em consequência da temperatura, depois de empregar outras precauções, usei também o remédio enviado pela veneranda senhora Syncletium e, sem precisar de usá-lo mais de três dias, curamos a doença. Rogo-vos que o tomeis também, e fazer com que me seja remetido mais dele.

Com efeito, como sentíamos novamente vontade de vomitar, nós o utilizamos novamente, e ficamos completamente bem. Ele acalma as inflamações internas, é sudorífico, aquece moderadamente, dá um vigor extraordinário, desperta o apetite para os alimentos; tudo isso, em alguns dias, pudemos experimentar. Mande pedir a meu respeitável senhor, o conde Teófilo, que providencie ainda sua preparação e no-lo envie. Não vos consterneis por passarmos o inverno aqui. Pois estamos mais animado e saudável do que no ano passado; vós também, se tomásseis os cuidados necessários, estaríeis muito melhor. Se dizeis que as doenças são provocadas pela tristeza, por que ainda reclamais nossas cartas, uma vez que delas não colhestes como fruto animação alguma e mergulhastes na tirania da tristeza a ponto de desejar agora deixar esta vida.

Ignorais o proveito originário da doença na alma que dá graças a Deus? Não vos tenho muitas vezes dissertado sobre o assunto de viva voz ou nas cartas? Mas se, por acaso, o acúmulo dos negócios, a natureza da doença ou as sucessivas dificuldades se não vos permitem conservar sempre a lembrança do que dissemos, escutai ainda, acalmado com idêntico cântico as feridas de vossa tristeza. Diz São Paulo: “Escrever-vos as mesmas coisas não me é penoso e é seguro para vós”.¹⁰¹

2. O que é, portanto, o que digo e escrevo? Nada, Olímpia, tão apropriado para despertar a estima como a paciência nos sofrimentos. É a rainha dos bens, a coroa das coroas, e como ultrapassa as outras virtudes, assim é principalmente junto dela que o aspecto das outras se torna mais brilhante. Talvez seja obscuro o que digo. Pois bem. Vou explicar melhor. O que é então que estou dizendo? Não se trata nem de ser privado de bens, mesmo se o despojamento das posses for total, nem de ter perdido a estima, nem de ser expulso da pátria e ser arrastado a uma terra estrangeira, nem de ser provado pela fadiga e o suor, nem de viver na prisão, carregado de cadeias, ou de vitupérios, injúrias, ou zombarias. Não julgueis, entretanto, que seja sinal de coragem de pouca valia suportar tudo isso nobremente.

Demonstra-o Jeremias, este homem tão grande e tão forte, que foi atingido de modo extraordinário por provações desta espécie. Não, nem mesmo a perda dos filhos, embora arrebatados de uma só vez, nem inimigos sempre ameaçadores, nem qualquer coisa semelhante, nem o que parece ser o cúmulo dos males, a morte temível e espantosa, não é tão penoso quanto um péssimo estado de saúde. Mostra-o bem, o grande atleta da paciência, que, tendo caído doente, considerava a morte como o fim dos males que o afligiam. Ao sofrer outros males, não o percebia, embora tivesse recebido golpes reiterados e o último fora mortal. Não constituía leve provação, mas extremo malefício de quem o guerreava, no momento em que não tinha mais vigor, nem estava mais no começo da luta, mas já acabrunhado pela intensidade dos ataques sucessivos, dar-lhe o golpe mortal por meio dos filhos, e de forma tão dolorosa fazendo-os perecer de morte violenta, filhos e filhas simultânea e prematuramente, e esta espécie de morte repentina abriu-lhes o túmulo. Efetivamente, não os viu estendidos no leito, não lhes beijou as mãos, não ouviu suas últimas palavras, não lhes tocou os pés e os joelhos, não lhes

fechou a boca e não lhes abaixou as pálpebras quando iam morrer, o que é grande consolo para os pais prestes a perder os filhos. Não acompanhou uns até a sepultura nem encontrou os outros ao voltar para se consolar da partida dos outros; mas soube que foi durante uma refeição; e uma refeição onde regorgitava, não a embriaguez, mas a afeição, o amor fraterno ao redor da mesa, que eles tinham sido queimados enquanto reclinados em almofadas; tudo se misturara, o sangue, o vinho, as taças, o teto, a mesa, a poeira, os membros de seus filhos. Entretanto, ao tomar conhecimento de tudo isso, havia tido antes outras notícias, igualmente dolorosas. Havia lamentavelmente acontecido o seguinte: o péssimo mensageiro desta tragédia havia contado que os rebanhos miúdos, os bandos inteiros dos animais de grande porte tinham sido uns destruídos pelo fogo que caíra do céu, outros na íntegra roubados por inimigos devastadores e os próprios pastores haviam sido estraçalhados.

Todavia, ao contemplar tal tempestade que se levantara num instante sobre os campos, a casa, o gado, os filhos, os vagalhões sucessivos, as rajadas sempre renascentes, a obscuridade profunda, a agitação intolerável das ondas, não ficara acabrunhado de tristeza; mal percebia o que se passara e somente na medida em que era homem e pai. Mas, ao ser entregue à doença e às chagas, então deseja a morte, geme, lamenta-se; assim podereis saber quanto este mal é mais dorido que todos os outros e exige a forma mais elevada da paciência. E isto, nem o demônio maligno o ignora. Mas, tendo empregado todos os meios, e visto o atleta permanecer calmo e imperturbável, arremessou-se no combate supremo, dizendo: “Tudo o mais é suportável, até mesmo a perda dos filhos, dos bens, seja do que for (tal o significado da palavra: ‘Pele por pele!’), mas o golpe mortal consiste em experimentar as dores no próprio corpo”. Por isto, o demônio, vencido nesta luta, não podia nem mesmo grunhir, no máximo contradizia antes insolentemente. Então, não encontrou nem mesmo uma insolência a imaginar, mas escondendo o rosto afastou-se.

Não penseis, porém, que o fato de Jó ansiar pela morte, devido às dores que não tolerava, vos sirva de justificativa para desejar o termo da vida. Ponderai quando a desejava e a que se achava submetido. A lei não fora ainda promulgada, os profetas não haviam aparecido, a graça não se difundira e ele não tivera em partilha outra espécie de sabedoria. Escutai como Cristo declara que temos de prestar contas mais severas que aqueles que então viviam e abre-se uma arena muito maior: “Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no reino dos céus”.¹⁰² Não julgueis, portanto, que pedir agora a morte não seja condenável, mas ouvi a voz de Paulo: “Partir e ir estar com Cristo me é muito melhor, mas o permanecer na carne é mais necessário por vossa causa”.¹⁰³ Quanto mais intensa a tribulação, mais aumentam as coroas quanto mais o ouro é provado pelo fogo, mais se purifica; quanto mais o mercador navega na extensão do mar, mais acumula mercadorias.

Não imagineis, portanto, que se apresenta agora um combate insignificante, mas entre todos os que travastes é o mais sublime, isto é, a luta contra a doença. Na verdade, para Lázaro¹⁰⁴ – eu vo-lo disse muitas vezes, nada, porém, me impede de repeti-lo – bastou para sua salvação. Aquele que partilhava sua casa com os hóspedes e se mantinha sempre exilado sob a ordem de Deus, que havia imolado o próprio filho,¹⁰⁵ o filho único, que lhe havia sido dado na extrema velhice, acolhia em seu seio quem nada possuía de semelhante, simplesmente porque havia aturado serenamente a pobreza, a doença, a falta de assistentes. É tão grande o proveito dos que toleram nobremente as tribulações, que, se acaso

alguém tiver pecado gravemente, é libertado do jugo muito pesado de seus pecados. E se é virtuoso e justo, daí resulta um acréscimo não pequeno, mas muito valioso, de ousada confiança.

Para os justos, efetivamente, constitui fulgurante coroa de brilho incomparavelmente maior que o do sol, e para os pecadores um excelente meio de purificação. Por esta razão, aquele que havia destruído a união de seu pai e manchado seu leite, Paulo o entregou à ruína da carne para purificá-lo deste modo. Escutai o Apóstolo assegurar que se tratava efetivamente de expiação de tal mancha: “A fim de que o espírito seja salvo no dia de nosso Senhor Jesus Cristo”.¹⁰⁶ E, ao exprobrar a outros por causa de um pecado de arrepiar, àqueles que participam indignamente do banquete sagrado e dos mistérios inefáveis, depois de ter dito que se tornarão réus do corpo e do sangue do Senhor,¹⁰⁷ vede como diz que se purificaram desta terrível mancha: “Eis por que há entre vós tantos débeis e enfermos”.¹⁰⁸ Em seguida, mostrando que não apenas serão castigados, mas que daí retirarão grande proveito, a libertação das penas devidas a este pecado, acrescenta: “Se examinássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. Mas por seus julgamentos o Senhor nos corrige, para que não sejamos condenados com o mundo”.¹⁰⁹ Aqueles que praticaram grandes atos de virtudes daí tiram também enorme lucro; isso se conclui do exemplo de Jó, que, devido à doença, emitiu tal fulgor, do exemplo de Timóteo, que era tão virtuoso e se desempenhou de um ministério tão importante, que percorreu com Paulo toda a terra; e vivia doente, não apenas dois ou três dias, nem dez, nem vinte, nem cem, mas continuamente, com um corpo completamente esgotado. Demonstra-o Paulo, nesses termos: “Toma um pouco de vinho por causa de teu estômago e de tuas freqüentes fraquezas”.¹¹⁰ Aquele que ressuscitava os mortos não melhorou seu mau estado de saúde, mas deixou-o na fornalha da doença, de sorte que obteve com isso grande crédito. Ele ensinou também ao discípulo o que havia recebido com alegria do Mestre e dele aprendera. Pois não sucumbe à doença, provas não menos terríveis que a doença o esbofeteiam e são para sua carne causa de grande sofrimento. “Foi-me dado um agulhão na carne – um anjo de Satanás para me espancar”,¹¹¹ designando os golpes, os liames, as cadeias, as prisões, o fato de ser arrastado, dilacerado, batido com chicotes muitas vezes pelos carrascos. Assim, não suportando as dores físicas daí resultantes dizia: “A esse respeito, três vezes (três vezes, isto é, freqüentemente) pedi ao Senhor que o afastasse de mim”.¹¹² Ora, como não o conseguiu e tendo compreendido a utilidade da situação, ficou tranqüilo e alegrou-se com o sucedido.

Quanto a vós, se ficais em casa, presa ao leito, não julgueis que se trata de uma vida sem sentido. Mas, suportais provas mais árduas do que os que são arrastados pelos carrascos, dilacerados, desconjuntados, tendo continuamente um algoz instalado dentro de vós: a má saúde. Não desejeis, no entanto, a morte e não negligencieis os cuidados de que precisais. Isso não é prudente. É por isto que Paulo aconselha energicamente a Timóteo que cuide de si. Mas a respeito do estado ruim de vossa saúde, basta.

Se de outro lado, a causa de vossa tristeza é o fato de estarmos separados, aguardai o alívio. Não é para vos consolar que o digo agora, mas porque sei que isto seguramente acontecerá. Se, de fato, isso não devesse acontecer, há muito, a meu ver, teria partido daqui, em vista das provações que me advieram. Sem falar de tudo o que me sucedeu em Constantinopla depois de meu exílio, podeis

informar-vos de todas as provações que experimentei durante esta longa e dolorosa viagem, algumas das quais seriam suficientes para ocasionar a morte, todas as que suportei depois de minha chegada aqui, após minha partida de Cucuso, depois de minha estada em Arabissos.

Mas escapamos de tudo isso e agora estamos em bom estado de saúde e em segurança completa a ponto de que todos os armênios se espantam de que num corpo tão fraco e parecido com uma teia de aranha, ature um frio insuportável, possa respirar, enquanto os habitantes daqui costumam agüentar com dificuldade os rigores do inverno. Quanto a nós, continuamos indene até hoje, tendo escapado das mãos dos bandidos que nos assaltaram freqüentemente, vivendo na privação do necessário, não podendo nem mesmo tomar banho e, contudo, quando vivíamos aí, precisávamos disso sempre; mas agora, estamos firmes em tais disposições, que não desejamos nem mesmo o alívio daí e passamos melhor assim. Nem a insalubridade da atmosfera, nem a solidão dos lugares, nem a dificuldade em adquirir provisões, nem a carência de servos, nem a incapacidade dos médicos, nem a falta dos banhos, nem o fato de estarmos encerrado o dia todo num só compartimento, como num cárcere, sem poder nos movimentar conforme sempre tínhamos necessidade, nem estar sempre cercado de fumaça e perto do fogo, nem o medo dos ladrões, nem suas contínuas incursões, nem qualquer outra coisa semelhante nos venceu. Mas estamos em melhor estado de saúde do que aí, aliás, tomando muitas precauções. Cogitando em tudo isso, sacudi a tristeza que por este motivo vos domina agora e não vos infliais com angústias exageradas e dolorosas.

Enviei-vos o que escrevi recentemente sobre o seguinte assunto: “Ninguém pode prejudicar a quem não se prejudica a si mesmo”. O discurso que agora envio combate de forma idêntica. Deveis relê-lo sempre e se estais em bom estado de saúde, em alta voz. Será, com efeito, remédio adequado, se o quiserdes. Mas se nos contradizeis, descuidando-vos de vós mesma, se fruindo de mil conselhos e consolações, não quereis sair das águas estagnadas da tristeza, também nós, de nosso lado, não atenderemos o pedido de cartas freqüentes e longas, uma vez que delas não tirais proveito algum para recuperar a alegria. Como então ficaremos informados disso? Não se o disserdes, mas se o demonstrardes em atos, uma vez que nos confessastes recentemente que nada vos causa mal-estar senão a tristeza. Visto que vós mesma o reconhecestes, se não se cura a doença, não nos persuadiremos de que vos curastes da tristeza. Se, na verdade, esta é a causa da doença, conforme escrevestes, é evidente que, supressa uma, a outra também será destruída, e arrancada a raiz, os ramos murcharão. Enquanto eles continuam floridos e cheios de viço, dando frutos impróprios, não nos persuadimos de que vos desembaraçastes da raiz. Não apresenteis, portanto, doravante palavras, mas fatos e se estiverdes com boa saúde, vereis de novo que as cartas que haveremos de remeter vão ultrapassar a medida de um discurso. Considerai que não constitui pequeno consolo estarmos, embora no meio de tamanhas dificuldades, com vida e boa saúde, isentos de doença e mal-estar, o que, estou certo, muito aborrece e contraria os nossos inimigos. É, portanto, normal que considereis tudo isso grande encorajamento e o essencial da consolação. Não deis o nome de deserto ao vosso relacionamento, já inscrito nos céus, devido aos sofrimentos a que estais submetida.

Tive muito pesar por causa do monge Pelágio. Meditai de que coroas são dignos os que ficam corajosamente de pé, quando homens que vivem em tal austeridade e com tamanha força de alma são talvez assim arrastados à ruína.

[1](#) Olímpia (368?-410?), diaconisa da Igreja de Constantinopla.

[2](#) Sl 68,21.

[3](#) Mt 7,13.

[4](#) Cf. Lc 16,19-32.

[5](#) 2Cor 4,18.

[6](#) Is 40,6.

[7](#) Is 51,7-8.

[8](#) Ef 3,20.

[9](#) Jo 3,26.

[10](#) Jo 3,25.

[11](#) Jo 8,48.

[12](#) Cf. Jo 7,12.

[13](#) Mt 9,34.

[14](#) Lc 7,34.

[15](#) Lc 7,39.

[16](#) Jo 7,5.

[17](#) Mt 26,68.

[18](#) Mt 27,40-42.

[19](#) Jo 19,12.

[20](#) Cf. 9,58.

[21](#) Mt 26,65.

[22](#) Mt 28,13.

[23](#) Jo 20,9.

[24](#) Cf. 2Cor 11,32-33.

[25](#) Cf. At 12,5-11.

[26](#) Cf. At 16,14.

[27](#) Cf. At 18,3.

[28](#) Cf. At 10,6.

[29](#) 2Cor 12,9.

[30](#) 1Cor 5,1.

[31](#) 1Cor 5,2.

[32](#) 2Cor 2,7-11.

[33](#) Mt 24,29.

[34](#) Is 3,16.18.24.

[35](#) Mt 22,30.

[36](#) Mt 19,12.

[37](#) Jó 6,7.

[38](#) Jó 30,10.

[39](#) Jó 30,1.

[40](#) Jó 1,21.

[41](#) Eclo 19,27.

[42](#) Cf. Lc 16,19-31.

[43](#) 1Cor 12,27.

[44](#) 2Cor 2,12-18.

[45](#) 1Ts 2,17-18; 3,1-2.

[46](#) 1Ts 2,17.

[47](#) Cf. Gl 6,14.

[48](#) Cf. Mc 12,42.

[49](#) Jo 15,22.

[50](#) Mt 23,37-38.

[51](#) Am 8,9.

[52](#) 1Tm 2,14.

[53](#) Gn 3,16.

[54](#) 1Cor 11,30.

[55](#) Gn 12,12-13.

[56](#) Ex 6,9.

[57](#) Dt 28,65.

[58](#) Jo 16,5-6.

[59](#) 1Rs 19,3-4.

[60](#) Jn 4,3.

[61](#) Sl 38,2.4.
[62](#) Sl 38,5.
[63](#) Jó 31,32.
[64](#) Jó 29,15-17; 31,16-34.
[65](#) Jó 31,31.
[66](#) Jó 7,5.
[67](#) Jó 3,23.
[68](#) Jó 6,8-9.
[69](#) Lc 16,19-31.
[70](#) 1Cor 3,8.
[71](#) 2Cor 11,23.
[72](#) 2Cor 11,23-28.
[73](#) 2Cor 11,28.
[74](#) 2Cor 11,29.
[75](#) Dn 3,98-100.
[76](#) Dn 3,96.
[77](#) 1Cor 3,8.
[78](#) 2Cor 12,8.
[79](#) At 20,31.
[80](#) Cf. Lc 16,19-31.
[81](#) Cf. Lc 18,9-14.
[82](#) Cf. Mc 14,72.
[83](#) Gn 37,3.
[84](#) Pr 6,27-29.
[85](#) Gn 40,15.
[86](#) Cf. Gn 37,32-36.
[87](#) Gn 42,21.
[88](#) Mt 27,4.
[89](#) 2Cor 12,21.
[90](#) Fl 2,17.
[91](#) Rm 1,26-27.
[92](#) Is 56,10.
[93](#) Sl 48,13.
[94](#) Cf. Mt 3,7.
[95](#) Cl 1,24.
[96](#) Cf. At 5,41.
[97](#) Ecl 4,1.
[98](#) Mt 5,11-12.
[99](#) Hb 10,32-33.
[100](#) Rm 5,3-4.
[101](#) Fl 3,1.
[102](#) Mt 5,20.
[103](#) Fl 1,23-24.
[104](#) Cf. Lc 16,19-31.
[105](#) Cf. Gn 12,25.
[106](#) 1Cor 5,5.
[107](#) 1Cor 11,27.
[108](#) 1Cor 11,30.
[109](#) 1Cor 11,31-32.
[110](#) 1Tm 5,23.
[111](#) 2Cor 12,7.
[112](#) 2Cor 12,8.